



PRISCILA SALVAIA

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS:
O FOLHETIM HELENA (1876), DE MACHADO DE ASSIS,
NO JORNAL O GLOBO.**

**CAMPINAS,
2014**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

PRISCILA SALVAIA

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS: O FOLHETIM HELENA (1876), DE
MACHADO DE ASSIS, NO JORNAL O GLOBO.**

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do
título de Mestra em Teoria e História
Literária, na área de concentração História e
Historiografia Literária.**

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano

**CAMPINAS,
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

Sa38d Salvaia, Priscila, 1987-
Diálogos possíveis : o folhetim Helena (1876), de Machado de Assis, no jornal O Globo. / Priscila Salvaia. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Jefferson Cano.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. Crítica e interpretação. 2. Imprensa. 3. O Globo (Jornal). 4. Imprensa e jornalismo na literatura. I. Cano, Jefferson, 1970-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Possible dialogues : the Helena feuilleton (1876), by Machado de Assis, in the Globo journal.

Palavras-chave em inglês:

Assis, Machado de, 1839-1908. Criticism and interpretation

Press

O Globo (Newspaper)

Press and newspaper in literature

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestra em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Jefferson Cano [Orientador]

Mário Luiz Frungillo

Sidney Chalhoub

Data de defesa: 11-06-2014

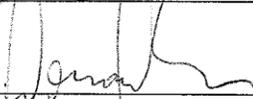
Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

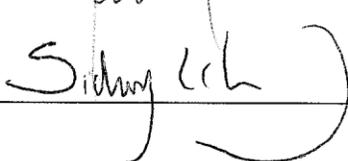
Jefferson Cano



Mário Luiz Frungillo



Sidney Chalhoub



Márcia Azevedo de Abreu

Lucia Granja

IEL/UNICAMP
2014

Resumo

Em nossa dissertação sugerimos uma reinterpretação do romance *Helena*, de Machado de Assis, a partir da leitura em seu formato original de publicação, o folhetim nas páginas do jornal fluminense *O Globo* no ano 1876. Dessa forma, buscamos ler o romance em interlocução com seu próprio tempo, a fim de reconhecermos possíveis inspirações, diálogos e debates com o meio que envolveu o escritor e a sua obra. Nesse processo, nos debruçamos sobre um discurso jornalístico pretensamente moderno, que de maneira recorrente, abordava a temática das lutas femininas e feministas no Brasil e no mundo. Assim, tendo-se em vista o recorte de gênero, acreditamos na premissa de que o público-leitor da folha se deparava com percepções que dialogavam com o universo fictício proposto por Machado. E em busca dessas interpenetrações entre imprensa e literatura, conduzimos nossa trajetória de pesquisa.

Abstract

In our dissertation we suggest a reinterpretation of the novel *Helena*, by Machado de Assis, from the readout of its original publication format, the feuilleton in the pages of the *O Globo* journal in the year of 1876. Thus, we sought to read the novel in interlocution with its own time, in order to identify feasible inspirations, dialogues and debates with the environment that involved the writer and his work. In this process, we concentrated in an allegedly modern journalistic discourse, which in a recurrent manner would approach the theme of the feminine and feminist struggles in Brazil and in the world. Therefore, in view of the gender focus, we believe in the premise that the readership would encounter perceptions that dialogued with the fictitious universe proposed by Machado. And searching for these interpenetrations between the press and literature, we lead our research trajectory.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA

<i>O Globo</i> : perfil editorial (1874 - 1876).....	13
Discussão bibliográfica.....	26

CAPÍTULO I: O LUGAR DA MULHER NO JORNAL *O GLOBO*.

I.1 Tecendo com os fios da moralidade: instrução, mulheres e literatura.....	39
I.2 Do noticiário estrangeiro: até parece que as mulheres fazem as leis.....	68

CAPÍTULO II: *HELENA*, DE MACHADO DE ASSIS, NO JORNAL *O GLOBO*.

II. Alinhavando jornal e folhetim: se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes.....	87
---	----

CAPÍTULO III: SOBRE A COLUNA *VARIEDADES*.

III.1 Breve introdução.....	111
III.2 Obediência no código, mas não nos sentimentos.....	113
III.3 Da resolução de ser vítima.....	129

Considerações finais.....	139
---------------------------	-----

Anexos.....	147
-------------	-----

Referências.....	159
------------------	-----

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a CAPES que financiou este trabalho.

Mas também penso que toda a trajetória percorrida, somente se tornou possível, porque pude contar com o apoio de pessoas definitivamente especiais.

Dedico o meu mais sincero agradecimento ao meu orientador, o Prof. Dr. Jefferson Cano. Foram inúmeras as reuniões, aulas e conversas até que todo aquele amontoado de informações tomasse um sentido coerente para mim. E ainda que o caminho tenha sido moroso, sua paciência e bom humor tornaram as coisas mais leves e confortantes. Agradeço pelas leituras tão críticas; pelas ótimas ideias e sugestões de como prosseguir; por me estimular e também por me “trazer ao chão” diante dos meus exageros de pesquisadora conscientemente imatura e com tendências feministas (“Mas, Priscila, a Helena morre no final!”). Enfim, eu espero ter compreendido a caturrice proferida com certa frequência... Obrigada por tudo, professor.

Agradeço ainda aos professores doutores Ana Gomes Porto e Mário Luiz Frungillo, que participaram da banca do exame de qualificação desta dissertação. As leituras atentas de vocês proporcionaram o acréscimo de novas perspectivas para a finalização deste trabalho. Na defesa, além do retorno do Prof. Dr. Mário L. Frungillo, também pude contar com a presença do Prof. Dr. Sidney Chalhoub, de quem sempre fui leitora e admiradora.

Aos companheiros de seminário de orientação, com os quais tanto aprendi: Ana Paula, Carollina, Rafaela e Rodrigo. Em especial à querida Rafa, cuja presença sorridente, tornou os últimos meses de escrita menos tensos.

Aos amigos e colegas que os bons ares do IEL me trouxeram: Clara, Izenete, Leandro, Lucas, Valéria, entre tantos outros. Saibam que os cafezinhos foram, indubitavelmente, essenciais.

E às amigas de sempre: Ana Laura, Cássia, Letícia, Liliana, Marina, Míriam e Tarsila. Nossos encontros já não se dão nas cantinas da UNICAMP, e nem versam sobre a leitura da aula de amanhã. Porém, continuamos a nos encontrar. Ultimamente falamos sobre planos de uma nova vida; ouvimos as experiências daquelas que partiram mundo afora; ou acompanhamos o nervosismo de noivas às voltas com suas próprias emoções. Ainda assim, posso dizer que uma alegria deliciosamente pueril teima em nos acompanhar.

Aos meus, seguem as últimas palavras:

À minha mãe, Wilma, que mesmo sem compreender muito bem o meu cotidiano, com delicadeza, proporcionou o aconchego para que tudo transcorresse e terminasse bem.

Ao Francisco, ouvinte paciente e leitor dos mais exigentes. Dos deslumbres com os novos mundos que se apresentavam ao cotidiano trivial, de computadores que pifam no meio da madrugada e provocam os resmungos lamuriosos da mais “metódica” das namoradas. Eis o adjetivo que eu mereço! Bem, mas retomando as palavras expressas nos agradecimentos de sua tese, eu também desejo que a nossa história esteja apenas começando.

***O Globo*: perfil editorial (1874 - 1876)**

No clássico estudo de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*¹, ou mais precisamente em seu capítulo dedicado às “Reformas na Imprensa do Império” durante a segunda metade do século XIX, algumas poucas linhas abordam o surgimento do jornal *O Globo*, no Rio de Janeiro, em 1874. De forma pouco específica, o autor procurava inserir o periódico no bojo de uma nova imprensa compreendida em sua pretensa modernidade, reflexo do aprofundamento das contradições sociais da época. De acordo com Sodré, o país vivia uma fase de mudanças sociais, tais como a questão servil, a liberdade do ventre, dos sexagenários, a previsível abolição, ou ainda, as questões religiosa, federativa, militar, dentre tantas outras reformas que alavancavam o processo de transformação da sociedade brasileira. E se, de início, tais mudanças se adiantavam à forma, por fim, a imprensa procurava se adequar, proporcionando o equilíbrio com a nova expressão que se impunha.

Nesse cenário, Sodré se ocuparia longamente do surgimento da *Gazeta de Notícias*, nas palavras do autor, este seria “o acontecimento jornalístico de 1874”.² A folha de Ferreira de Araújo concentrava todos os predicados dos novos rumos pleiteados pela imprensa fluminense, fosse por seu teor liberal ou por seu grande alcance entre um público mais vasto. Junto à *Gazeta*, o autor fazia uma rápida referência ao recém-surgido *Globo* e, embora a nota fosse breve e servisse muito mais para caracterizar o primeiro periódico, tais considerações apresentavam algumas pistas sobre o lugar ocupado pela folha no contexto jornalístico da época:

A *Gazeta de Notícias* era, realmente, jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar. Ao lado do jornal de Ferreira de Araújo, que não conquistara ainda a posição destacada de que depois desfrutou, estava *O Globo*.³

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

² Idem, p.224. [A *Gazeta de Notícias* começaria a circular em 1875].

³ Idem.

Na busca de significados para as afirmações não explicadas de Sodré, algumas observações se fazem necessárias. Ao contrário do caso do jornal *O Globo*, é possível afirmar que há uma considerável bibliografia envolvendo a *Gazeta de Notícias*⁴ e, sem dúvida, é coerente o pressuposto de que ambos os periódicos foram compostos a partir de um ideário modernizador afinado a um discurso liberal/progressista muito presente à época. No caso específico da *Gazeta*, tal ideário seria conjugado ao compromisso em atingir um público bastante diversificado. Tratava-se de uma folha vendida a preços acessíveis, ofertada avulsamente nas ruas da cidade por garotos jornaleiros. Até mesmo a aparência do jornal causava uma impressão mais aprazível aos leitores, pois dispensava os excessos de ornamentos que costumavam poluir visualmente muitos periódicos da época. Os temas eram variados: atualidades, política, humor, artes, além dos sempre presentes folhetins. Em seu prospecto, o periódico defendia o compromisso com a leveza, com a jovialidade, com o bom humor e, principalmente, com o “gosto do público”.⁵

Por outro lado, quando - e se - comparado ao episódio de surgimento da *Gazeta de Notícias*, as intenções editoriais do *Globo* seriam expostas de forma mais tortuosa, e isso se daria por diversas razões que pretendemos demonstrar ao longo do texto. No entanto, acreditamos ser necessária certa ponderação ao considerarmos as similaridades propostas por Nelson W. Sodré.

Em primeiro lugar, e diverso do caso da *Gazeta*, os exemplares iniciais do jornal *O Globo* disponíveis para pesquisa estão incompletos, ou se encontram em condições muito difíceis de leitura.⁶ Entretanto, por informações contidas nos vestígios que restaram desses números, é possível afirmar que o primeiro exemplar publicado era datado de 5 de agosto de 1874 (Ano I - nº1). Todavia, faltam muitas páginas e, caso tenha existido, não foi possível acessar nenhum tipo de prospecto, carta de intenções ou texto de boas vindas que pudesse esclarecer qualquer informação sobre o perfil editorial da folha. Tal constatação

⁴ Ver, por exemplo: PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. (2ª edição). Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004. RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*. (Tese de Doutorado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2010. SANTOS, Lucinéia Alves dos. *Motta Coqueiro, a fera de Macabu: literatura e imprensa na obra de José do Patrocínio*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2011.

⁵ *Gazeta de Notícias*, 2 de agosto de 1875.

⁶ Os exemplares do jornal *O Globo* e de todos os outros periódicos nacionais citados ao longo de nossa dissertação, foram consultados na Hemeroteca Digital Brasileira, através do seguinte endereço eletrônico: www.hemerotecadigital.bn.br.

parecia um empecilho considerável aos intentos de nossa pesquisa, porém, como uma coleção bastante numerosa e profícua estava disponível para estudo, nos empenhamos na leitura detida desses exemplares a fim de reconhecermos as diretrizes do projeto jornalístico do *Globo* a partir de suas próprias particularidades.

Nesse sentido, e como ponto de partida, observar o cabeçalho de um jornal, talvez seja a forma mais evidente de conhecer seus dados mais básicos, lá estão contempladas informações sobre propriedade, preços, além de detalhes e formas de apresentar-se que podem esclarecer alguns aspectos que orientavam os editores da folha. No cabeçalho do *Globo* de agosto de 1874⁷, alguns dados importantes eram revelados: em destaque, vinham estampados o título, o proprietário e alguns dos interesses expressos pelo jornal: *O Globo: Órgão da Agência Telegráfica, dedicado aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria*; proprietário: *Gomes de Oliveira & C.* Nas pequenas linhas contidas abaixo, alguns “lemas” eram enfatizados: *Liberdade plena de enunciação do pensamento com responsabilidade real e efetiva do seu autor; Completa neutralidade na luta dos Partidos Políticos; Oferta gratuita das suas colunas a todas as inteligências que quiserem colaborar em assuntos de utilidade pública.* Em 1874 ainda não seriam divulgadas informações sobre tiragens, mas os preços de assinatura eram os seguintes: na Corte e em Niterói: 20\$000 (por ano) e 12\$000 (por 6 meses) / nas Províncias: 24\$000 (por ano) e 14\$000 (por 6 meses). As assinaturas podiam ser adquiridas na Tipografia do Globo, localizada na Rua dos Ourives, nº 51. Posteriormente também seriam aceitas assinaturas por correspondência e, pelo menos inicialmente, os exemplares não seriam vendidos de forma avulsa.



Cabeçalho do jornal *O Globo* em 10 de agosto de 1874.

⁷ Ver página completa no Anexo I, p.147.

Publicado diariamente, *O Globo* era sempre constituído por quatro páginas. Na primeira, eram frequentes as notícias sobre chegadas e partidas de paquetes, oscilações cambiais ao redor do mundo e cotações de mercadorias (especialmente agrícolas). Além disso, e também nas páginas iniciais, eram comuns as publicações de artigos teóricos bastante rebuscados que tratavam de liberalismo, intervencionismo estatal, filosofia positivista, entre outros temas. A parte do rodapé era sempre reservada ao folhetim, que em alguns momentos cedia espaço a textos sobre crítica literária, teatral, ou ainda, a diversas anedotas históricas. As segundas e terceiras páginas eram geralmente dedicadas às notícias da Corte e das Províncias, as pautas giravam em torno das atualidades sobre política, economia, além do noticiário recorrente. Nessas páginas também é possível observar uma das principais características do *Globo*: seu teor internacionalista. As notícias enviadas por correspondentes ou retiradas de jornais estrangeiros (principalmente franceses, ingleses, portugueses e norte-americanos) eram exaustivamente publicadas pela folha. De forma esporádica e, em alguns momentos, em temporadas contínuas, também vinha à tona a coluna *Varietades*, que ao longo do tempo acrescentaria novos rumos ao jornal. A quarta página sempre era destinada aos anúncios publicitários dos mais variados produtos e dos mais variados ofertantes. Ao longo de nossa exposição, tais aspectos serão retomados.

Embora não seja destacado no cabeçalho, o nome de Quintino Bocaiúva⁸ seria muito referenciado como editor-chefe e como autor de vários dos textos publicados no jornal. Além disso, é possível cogitar também que Bocaiúva fosse um dos sócios da publicação, talvez daí alguns estudiosos estabelecerem uma relação simples e direta da folha com os ideais republicanos que já circulavam na época.

A leitura extensiva do jornal nos permitiu tomar contato com algumas transições importantes sofridas pelo *Globo* entre os anos de 1874 e 1876 e, do nosso ponto de vista, tais mudanças parecem colaborar significativamente nos esforços de compreensão das

⁸ A trajetória de Quintino de Souza Bocaiúva começaria nos anos de 1850, inicialmente como tipógrafo e revisor em São Paulo, onde também cursava a faculdade de Direito que não chegaria a concluir. Posteriormente, Bocaiúva se mudaria para o Rio de Janeiro onde atuaria como jornalista e editor em diversos e importantes jornais da época, como o *Correio Mercantil*; o *Diário do Rio de Janeiro*; *A República*, folha fundada a partir do *Manifesto Republicano* (1870), cuja redação é atribuída ao jornalista; atuou também como editor do jornal *O Paiz*. Ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (volume 7). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.; SODRÉ, Nelson Werneck. (1999). *Op.cit.* e COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. (8ª edição). São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

AGENCIA AMERICANA TELEGRAPHICA
NOVO PLANO DE SERVIÇO
 PUBLICAÇÃO DE DUAS FOLHAS DIARIAS
 O GLOBO, pela manhã—BOLETIM, á tarde
 Os assignatos do BOLETIM receberão gratuitamente o GLOBO.
 Preço da assignatura para o BOLETIM, 20\$000 mensaes
VANTAGENS GARANTIDAS
 Além das duas folhas diarias: direito á redução de 20 %, para os assignatos inseridos no GLOBO e mais a perilla nos
 lucros á razão de
 10:000000
 distribuidos de quinze em quinze dias sob a forma de
UM PREMIO UNINOMINAL
 A distribuição dessas sommas será imprerivelmente feita nos períodos marcados, conforme os assignatos que serão publicados
 periodicamente.
 No 12 mes a distribuição será de uma só quantia de
 50:000000
 não podendo concorrer á esta quota os que tiverem acompanhado a assignatura do BOLETIM desde o principio: para os que não
 estiverem neste caso a quota será de
 20:000000
 Totalidade dos lucros que serão repartidos durante o anno
 270:000000
 Isto é, por 666 réis diarios cada subscriptor fica com direito a receber duas folhas por dia contendo os telegrammas
 noticias, politicos e commerciaes de todo o mundo: á ter abatimento de 20 %, para os seus assignatos e á retirar
 eventualmente todos os meses a quantia de
 20:000000
 E no 12º mez a somma de
 50:000000
 Recodem os assignatos desde já ao
ESCRTORIO DA EMPREZA
 CÔRTE
51 RUA DOS OURIVES 51
 A 1ª DISTRIBUIÇÃO FAR-SE-HA ATÉ O DIA 15 DE NOVEMBRO E SERA PREVIAMENTE ANUNCIADA
 NOTA BEM.—O BOLETIM da Agencia Americana é publicação independente do GLOBO: mas por accordo especial os assignatos
 do BOLETIM receberão gratuitamente o GLOBO.

O Globo, 6 de novembro de 1874, p.1.

Tal situação sofreria uma primeira viravolta em 1875. *O Globo* de 1º de julho deste ano⁹ surpreenderia seus leitores ao apresentar-se com um cabeçalho composto por poucas informações, esclarecendo apenas que, a partir daquele dia, o jornal passaria a ser *Propriedade de uma Associação Anônima*:

O GLOBO
 Orgão dos interesses do Commercio, da Lavoura e da Industria
 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO ANONYMA
 Rio de Janeiro, Quinta-feira 1 de julho de 1875
 Redacção, Ourives n. 51
 Anno II.—N. 178
 Preço, 30 de Junho
 (trader a copia do estudio, depois que (vencer em Avens, rival das Emissões)

Cabeçalho do jornal *O Globo* em 1º de julho de 1875.

Desta vez, seria possível acompanhar um texto explicativo que tratava das continuidades e reformulações almeçadas a partir de então. Nos primeiros parágrafos eram fornecidas algumas satisfações aos leitores sobre o fim da sociedade com a *Empresa Gomes de Oliveira & C.*, mas os redatores esclareciam que não haveria alterações no programa

⁹ Ver página completa no Anexo II, p.148.

seguido pela folha. O texto, que ao longo da leitura ganha ares de editorial, reiterava o compromisso do periódico com a neutralidade política, com os interesses da nação e com o progresso; no entanto, a situação do país mudava e *as questões de políticas abstratas pareciam não comover mais a nação*.¹⁰ Por isso, a partir daquele momento, os editores apontavam para os novos rumos que seriam seguidos pelo periódico, elencando, para tanto, a abordagem de temas mais específicos e próximos ao cotidiano dos leitores, como por exemplo, o desenvolvimento da instrução pública, do comércio, da agricultura e da indústria. O ideário liberal do jornal seria mais uma vez enfatizado em seu inevitável compromisso com o progresso da Pátria: “Trabalhar, produzir, aumentar e progredir, estudar e aperfeiçoar-se – tal é a síntese do destino humano. Servindo, pois, à propaganda dessas doutrinas, acreditamos servir à causa da grandeza e do porvir da nossa pátria”.¹¹ Os editores se comprometeriam ainda com o maior desenvolvimento da seção noticiosa e com uma gama mais variada de assuntos.

De fato, as promessas seriam cumpridas. Se em 1874 *O Globo* surgia como um jornal sisudo, com textos de difícil compreensão e colunas abarrotadas de notícias telegráficas, a partir de julho de 1875, o jornal seria apresentado de forma mais acessível, com textos mais variados e próximos ao cotidiano de um público-leitor ávido por notícias que fossem além das teorias filosóficas ou das intempéries econômicas do mercado mundial. O jornal cederia mais espaço às notícias da Corte, aos textos críticos sobre a política local, sobre a instrução pública, além de aumentar o número de anúncios publicitários. Porém, não se tratava de uma transformação revolucionária, pois o periódico continuaria devotado aos grandes proprietários e aos interesses da lavoura; além disso, questões práticas relativas à distribuição e preços de assinaturas não sofreriam alterações significativas. Todavia, tem-se a impressão de que os editores passariam a dispensar mais atenção às camadas intermediárias dos comerciantes e dos profissionais liberais. Também se tornariam mais evidentes as opiniões defendidas pela publicação, pois os editoriais e comentários assinados pela redação seriam publicados com maior frequência. Vale lembrar que o noticiário internacional continuaria muito presente.

¹⁰ Grifo nosso. *O Globo*, 1º de julho de 1875, p.1.

¹¹ *Idem*.

O Globo voltaria a passar por nova reviravolta no ano seguinte, ao fim do primeiro semestre de 1876, quando sofreria uma crise sem precedentes em sua breve história. Em agosto daquele ano, os editores viriam a público novamente para comunicar que o periódico passava por dificuldades administrativas e financeiras e, em busca de soluções, o jornal teria seu estatuto modificado, tornando-se uma sociedade comanditária.¹² O texto publicado em nome da folha é longo e o tom adotado é quase confessional. Seguem alguns trechos:

O Globo passa hoje a ser propriedade de uma sociedade comanditária. Novos capitais foram congregados para sua sustentação e um período de existência lhe está assegurado pela dedicação, pelo esforço, pelo patriotismo de vários cavalheiros.
[...] Os fundadores do *Globo*, por mais nobre que fosse o seu intuito e por mais direito que tenham à estima do país e à gratidão dos seus sucessores, cometeram mais de um erro: confiaram no espírito da coletividade social e confiaram demais em si mesmos.
O desalento público e a indiferença da população contagiaram aos próprios que se haviam coligado para a sustentação de tão alta empresa.
[...] Sem leitores não há assinantes; sem assinantes não pode uma folha pretender a circulação e sem a circulação menos ainda pode pretender o concurso espontâneo ou interessado do anúncio, que é a base da renda das empresas jornalísticas.
[...] Ao público, a quem nos dirigimos, cabe aquilatar do nosso mérito e dos nossos esforços.
Para ele apelamos, porque só dele podemos receber auxílio, mantendo, com o decoro da imprensa livre, a independência, sem a qual perde ela sua nobreza.¹³

Vários outros periódicos se solidarizariam à crise enfrentada pelo *Globo* através de cartas que seriam publicadas no próprio jornal.¹⁴ Nesse período também, a periodicidade da

¹² Ver página completa no Anexo III, p.149.

¹³ *O Globo*, 25 de agosto de 1876, p.1.

¹⁴ Destacamos o seguinte exemplo: “Traz ao espírito as mais sérias reflexões, o artigo em que o *Globo* explica os motivos da mudança havida em sua direção econômica. Expondo, com toda a franqueza, as causas pelas quais tinha de sofrer modificações, usou de uma sinceridade, até então, desconhecida na nossa imprensa.

Contrista o espírito, na realidade, o pouco acolhimento que tem a imprensa no nosso país.

O que faltará ao *Globo* para merecer a benevolência do público?

Redigido por um publicista eminente, que parece ter herdado a pena de ouro de Francisco Octaviano, possuindo colaboradores ativos, inteligentes e dedicados, discutindo as mais importantes questões científicas, literárias e econômicas, com grande tino e profundidade, o que lhe falta? Nada. Só os 80 por cento, que não sabem ler poderão explicar esse fenômeno; só o desprezo pelas letras, e o pouco amor pela leitura darão razão deste fato.

Toda a imprensa deve sentir-se magoada e louvando a perseverança e dedicação destes infatigáveis trabalhadores, que arriscam mais uma vez, capital, descanso e suores. [...]”. “O Globo” (Da Ilustração do Brasil). *O Globo*, 12 de setembro de 1876, p.1.

Em um segundo exemplo, o nome de Quintino Bocaiúva seria diretamente citado: “[...] Quintino Bocaiúva é incontestavelmente por seu talento, por suas opiniões democráticas, pela experiência adquirida em muitos anos de escrever para o público, o jornalista que melhor pôde imprimir a direção moral a uma folha nas condições do *Globo*.

folha seria alterada e, algumas vezes, o jornal deixaria de ser publicado às segundas-feiras, outras vezes seria publicado em “meia folha” (quando o jornal era reduzido pela metade). De forma pioneira, alguns desses exemplares também trariam dados sobre a tiragem do jornal, os números giravam em torno de nove a dez mil exemplares, porém, é difícil afirmar se estamos diante de números frequentes ou de números motivados pela crise. Além disso, os preços das assinaturas seriam proporcionalmente reduzidos, passando a custar 5\$000 para o período de agosto a dezembro de 1876. Trata-se de um desconto bastante significativo se compararmos com os preços anteriores de assinatura do jornal (Corte e Niterói – anual e semestral, respectivamente: 20\$000 e 12\$000/ nas Províncias – anual e semestral, respectivamente: 24\$000 e 14\$000). Outra mudança drástica divulgada pelo periódico seria a venda dos exemplares de forma avulsa ao preço de 60 réis o número, sendo que no caso da meia folha, o preço seria de 40 réis, mas para as compras efetuadas no escritório do *Globo*, o preço uniforme seria de 40 réis.¹⁵ Trata-se do mesmo preço cobrado pelos exemplares avulsos da *Gazeta de Notícias*, o popular jornal citado no início deste item, contudo, e diversa da proposta editorial da *Gazeta* em atingir intencionalmente diversos segmentos da sociedade, a venda avulsa do *Globo* parecia se configurar numa estratégia desesperada para que a bancarrota fosse evitada:

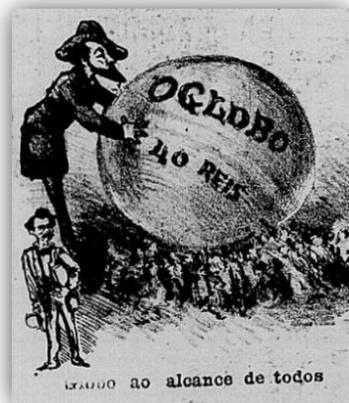
Por nova fase acaba de passar *O Globo*. Vendido pelas ruas, apregoado pelas praças a dois vinténs, parecerá à ideia de muitos que o órgão da imprensa imparcial, substituiu a sua missão e no exterior da agonia, no delírio de uma febre mortal quis exalar na praça pública o derradeiro suspiro.

Engano! – *O Globo* não poluiu as crenças, nem esmoreceu nas lutas: segue o exemplo das nações cultas, proporciona a leitura por um preço ínfimo, prestando um serviço que o povo ignorante não sabe reconhecer!¹⁶

[...] Democrata por convicção, compreendendo, porém, as dificuldades de uma propaganda enérgica e exclusivista, que seria atrofiada pelo acanhamento do círculo, ele se atira corajosamente sobre os preconceitos de seu tempo, mas não se esquece de estudar o terreno que pisa e de aferir o ataque pela força de resistência, pela antiguidade do direito adquirido. [...]”. “O Globo” (Da Província de S. Paulo). *O Globo*, 3 de setembro de 1876, p.1.

¹⁵ *O Globo*, 26 de agosto de 1876, p.1.

¹⁶ “A ignorância do povo: a propósito do Globo” (Editorial do *Brazil e Portugal*). *O Globo*, 17 de setembro de 1876, p.1.



Autor desconhecido. *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1876.

Nesse período a coluna *Varietades* também passaria por novas e importantes reformulações. Em 1874 a coluna surgiria como um espaço dedicado às anedotas e curiosidades triviais; no ano seguinte, tal coluna praticamente desapareceria da folha (talvez pelo pouco interesse despertado entre os leitores), mas em 1876, sua publicação seria retomada e, desta vez, como um espaço destinado à literatura, trazendo à luz diversos contos nacionais e estrangeiros. Ou seja, além do rodapé, que por excelência sempre foi considerado o lugar do folhetim, o jornal passaria a contar com mais um espaço em torno dos assuntos literários. E se considerarmos “os tempos difíceis” enfrentados pela folha, a reinvenção da coluna *Varietades* pode ser compreendida como mais uma medida para alavancar as vendas do periódico, dado que, assim como os folhetins, muitos dos contos seriam publicados de forma seriada, a fim de contagiar o acompanhamento e a compra dos exemplares seguintes do jornal.¹⁷

Ao delinear as transições enfrentadas pelo jornal, podemos enfatizar que o *Globo* foi uma empresa jornalística criada para a divulgação e defesa de um ideário liberal - dito apartidário - e profundamente comprometido com o desenvolvimento e progresso do país. Todavia, e diferente do caso da *Gazeta de Notícias*, a folha editada por Quintino Bocaiúva, não surgiria com intentos populares de leveza e acessibilidade. Os primeiros exemplares do *Globo*, com seus textos filosóficos alinhavados a tratados mercantis, pareciam exigir malabarismos intelectuais de seu seletivo público-leitor. Além disso, os

¹⁷ Ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

preços de assinatura não eram baratos e os números de tiragens de que se têm notícias são bastante inferiores aos números da *Gazeta*.¹⁸ Portanto, em seu projeto inicial, *O Globo* se destinava a uma camada superior da sociedade, compreendida por grandes proprietários interessados, sobretudo, em assuntos de política e economia.

Por isso, estabelecer comparações entre os dois periódicos nos parece um risco, senão um equívoco. Nesse sentido, e citando mais uma situação concreta, durante o auge de sua famigerada crise financeira, a empresa de Quintino Bocaiúva perderia parte de seus funcionários e colaboradores. No exemplo a seguir, observamos alguns votos dedicados a um determinado colunista que deixava a redação do *Globo* e migrava para a pujante *Gazeta de Notícias*. Nas entrelinhas, ficava evidente certo sentimento de inferioridade em relação à gazeta concorrente:

Seção comercial – Depois de nos haver prestado, por longo tempo, bons serviços, como redator da parte comercial da nossa folha, deixou-nos o nosso colega Sr. João de Almeida para fazer parte da redação da *Gazeta de Notícias*, com cujos proprietários e redatores acha-se o nosso colega intimamente ligado.

A circunstância ocasional de achar-se em disponibilidade o Sr. Pereira Cotrim, atual redator da parte comercial do *Globo*, permitiu ao nosso colega a liberdade de consagrar-se mais ativamente à estimada folha, a que deve prestar grandes serviços. Para nós que soubemos apreciar sempre a inteligência e a atividade do nosso colega, é agradável vê-lo subir a uma posição mais saliente, sobretudo quando tantos motivos pessoais e não pessoais nos levam a fazer os mais sinceros votos pela prosperidade da *Gazeta de Notícias*, com cujos redatores honramo-nos de servir em comum à causa do progresso do nosso país e desenvolvimento da imprensa.¹⁹

¹⁸ Fundada em 1875, rapidamente a *Gazeta de Notícias* alcançou a tiragem de 24.000 exemplares diários. Os preços de assinatura na Corte e em Niterói custavam 1\$000 (preço mensal) e nas Províncias 4\$000 (preço trimestral), além dos referidos números vendidos avulsamente a 40 réis. (Ver: PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, (2ª edição). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p.54). Além disso, se nos referirmos às folhas consideradas mais onerosas e voltadas a públicos mais específicos, as comparações se tornam mais visíveis. Por exemplo, no caso da *Semana Ilustrada*, periódico semanal, ricamente ilustrado com modernas técnicas de xilogravura, os preços em 1874 eram os seguintes: Corte (anual e semestral, respectivamente): 16\$000 e 9\$000/ Províncias (anual e semestral, respectivamente): 18\$000 e 11\$000. No caso do *Jornal das Famílias*, publicação feminina mensal, com dezenas de páginas, algumas delas coloridas, os preços da assinatura anual em 1874 eram os seguintes: Corte e Niterói: 10\$000 / Províncias: 12\$000. Por fim, a exposição de alguns dados financeiros da época pode nos ajudar a refletir sobre possíveis análises comparativas: em 1871, custava 10\$000 o aluguel de uma casa térrea no centro do Rio de Janeiro; em 1874, os ingressos para o teatro custavam de 2\$000 a 3\$000; em 1876, a renda de um advogado ou de um médico girava em torno de 2.000\$000, a de um professor em torno de 1.000\$000. (Dados consultados em abril de 2013 no seguinte endereço eletrônico: http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/numeros.htm).

¹⁹ *O Globo*, 8 de setembro de 1876, p.2.

De qualquer forma, e retomando a questão do público-leitor, seria um grande equívoco acreditar que estamos diante de um jornal consumido apenas por um segmento da sociedade. A página de anúncios do *Globo* era sempre frequentada por profissionais liberais como advogados, médicos, professores e professoras. Os folhetins, publicados desde o primeiro número, também seriam uma evidência da busca por um público mais amplo. Além disso, não podemos deixar de nos referir às possibilidades de empréstimos dos exemplares, à prática de leitura em voz alta, aos gabinetes de leitura e às bibliotecas públicas, que ofereciam acesso aos periódicos da época.²⁰

Assim, revendo a trajetória do jornal, buscamos demonstrar que, no segundo ano de existência, o periódico começaria a sofrer diversas transformações que terminariam por afastá-lo de seu suposto projeto inicial. Ao veicular conteúdos mais próximos aos interesses de um público oriundo das camadas intermediárias da população, *O Globo* parecia sofrer um processo de “deselitização”, no qual, a literatura assumiria papel preponderante na ampliação dos leitores, proporcionando novas sobrevidas ao jornal que circulou até 1883.

Por isso, refletir sobre o lugar destinado à literatura no periódico se impõe como uma necessidade primordial para a compreensão dos projetos jornalísticos empreendidos pela publicação. Em nossa dissertação, estudaremos muitos dos debates travados pelo jornal, mas, tendo-se em vista nossas intenções em depreender os possíveis significados da publicação do folhetim *Helena* (1876) em tal suporte, inicialmente, buscaremos situar e compreender os aspectos que nortearam a participação de Machado de Assis na folha.

Nesse sentido, tornam-se necessários alguns esclarecimentos básicos sobre os vínculos do escritor com a empresa. Machado e Quintino Bocaiúva já haviam trabalhado juntos anteriormente, na década de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro*, onde o literato publicou muitas de suas crônicas. Nesse período também, o escritor colaborava com seus escritos para as luxuosas edições da *Semana Ilustrada* (1860-1875). Entre os anos de 1864 e 1878, Machado se tornaria presença assídua como contista nas páginas do *Jornal das Famílias*, empreendimento expressamente dedicado aos interesses femininos. Também na década de 1870, seriam publicados os primeiros romances do autor, dois deles veiculados inicialmente como folhetins nas páginas do *Globo*: *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876).

²⁰ “Explicação: Várias cartas e ofícios se têm dignado dirigir-nos diversas associações literárias e bibliotecas populares solicitando de nossa parte a remessa de nossa folha.” *O Globo*, 12 de setembro de 1876, p.2.

Portanto, quando Machado inicia sua parceria com o jornal, ele já havia acumulado muitas experiências significativas nos caminhos trilhados na imprensa da época, sem contar que o literato já gozava de certa segurança financeira no cargo exercido no setor público. Ou seja, em 1876, não estamos diante do jovem e intempestivo Machado, reconhecido pela crítica nos inícios de sua carreira, mas sim de um escritor sóbrio, ciente de seu papel no campo das letras e conhecedor de diversas formas de expressão literária colhidas nos meios jornalísticos pelos quais transitou.²¹ Porém, ao propormos uma dissertação sobre uma obra de Machado de Assis faz-se necessário recorrermos ao legado bibliográfico já produzido acerca do mesmo tema, a fim de demonstrarmos os diálogos que propomos em relação a outros importantes estudos desenvolvidos por especialistas na área.

²¹ Ver: MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume II: Ascensão. (2ª edição). Rio de Janeiro: Record, 2008.

Discussão bibliográfica.

Nossa síntese bibliográfica se inicia a partir da obra *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels*, de Helen Caldwell.²² Neste estudo, a autora estadunidense, reconhecida por seu pioneirismo nos estudos machadianos fora do Brasil, analisa criticamente todo o conjunto dos romances de Machado, porém nos deteremos em seu capítulo, a respeito de *Helena*.

Em sua análise Caldwell afirma que o romance poderia ser compreendido como um grande passo na carreira literária de Machado de Assis. *Helena* seria composto por temas “complexos” e “desenvolvidos” em relação ao romance anterior do escritor, *A mão e a luva* (1874), cuja narrativa teria um tom mais leve e cômico. Segundo Caldwell, em *Helena*, Machado propunha personagens mais verdadeiros, conduzidos pela vontade caprichosa de um homem rico que, por sua vez, envolveria os protagonistas em um universo que satiriza os desejos e as aberrações mentais humanas, daí as agruras de abordar um suposto incesto.

Contudo, a situação do romance não seria de fato trágica, mas bastante trivial: um amor impossível entre personagens que têm os sentimentos extremados para que se desse o final da obra. Nesse sentido, o romance seria compreendido pela autora como um melodrama, ou seja, uma sucessão de acontecimentos sem implicações além de si mesmos, construídos com a intenção de envolver o leitor emocionalmente.

Helen Caldwell também observa atentamente os movimentos da protagonista do romance. Entretanto, em sua análise, a autora acaba aprisionando a personagem ao conflito amoroso, ou seja, a estudiosa lê Helena a partir de sua relação com Estácio. A partir dessa perspectiva restritiva, as ações da personagem seriam motivadas pelos sentimentos de remorso pela farsa e, principalmente, pelo sofrimento em negar Estácio. Ademais, a heroína se encontraria imersa em uma sociedade regida por signos de moralidade e distinção, por isso, grande parte de suas desventuras se dariam em prol de uma suposta adequação e respeitabilidade à instituição familiar.

Posteriormente, outros autores adotariam alguns apontamentos de Helen Caldwell, abrangendo-os a outras dimensões críticas e teóricas. Roberto Schwarz em *Ao vencedor as*

²² CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels*. Berkeley: University of California Press, 1970.

*batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*²³ dedica um longo capítulo ao romance *Helena* e, assim como Caldwell, reafirma suas características “rocambolescas”. No entanto, para o crítico, o apelo ao melodrama seria uma solução literária descompromissada e incoerente na medida em que esvaziava as tensões sociais que teciam a trama do romance.

Em seus estudos, Roberto Schwarz nos apresenta novas chaves interpretativas da ficção machadiana até então inexploradas pela historiografia literária. O crítico se propõe a demonstrar que haveria uma analogia íntima entre as relações de poder retratadas no pequeno universo doméstico (núcleo dos romances de Machado de Assis) e a história política e social do Brasil oitocentista. Em sua análise sobre *Helena*, Schwarz procura desvendar as tensões paternalistas presentes no interior de um microcosmo familiar compreendido como metáfora de toda uma classe dominante.

Para o crítico, os quatro primeiros romances de Machado seriam marcados por uma tônica conformista em relação ao processo social brasileiro e ao paternalismo conservador. Por isso, tais romances afirmariam os valores do casamento, da pureza, da tradição e da família, a cuja autoridade todos se submeteriam respeitosamente. Por isso, esses romances seriam “trabalhos de passagem” de um escritor à procura de sua própria dicção artística.

Por outro lado, a “segunda fase”, iniciada com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* em 1880, seria marcada pela “reintegração do temário liberal e moderno”, inspirado nas “doutrinas sociais, científicas, da vida política, da nova civilização”.²⁴ E se os romances da “primeira fase” são considerados “desagradavelmente conformistas”²⁵ pelo crítico, os romances da maturidade de Machado revelariam, à maneira do escritor, o arbítrio da classe dominante no trato com seus dependentes. A inovação formal de Machado nesta nova fase seria estabelecida através de uma linguagem mais crítica e muitas vezes ácida, identificável especialmente nos casos de *Brás Cubas* e *Dom Casmurro* (1899), cujas histórias se baseiam numa análise apurada das categorias do favor e da dependência, fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira oitocentista.

²³ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, (5ª edição), 2000.

²⁴ Idem, p.88.

²⁵ Idem, p.83.

Seguindo a linha interpretativa proposta por Schwarz, o romance *Helena* seria lido a partir de uma perspectiva essencialmente conformista. Em sua análise, o autor defende que, na criação de *Helena*, Machado contribuiria para o aperfeiçoamento do paternalismo em uma posição defensiva.²⁶ Nesse sentido, todos os elementos de pessimismo e tensão social presentes no enredo do romance seriam neutralizados e reparados pela instituição familiar. Portanto, a família, legitimada por um profundo sentimento cristão, seria a esfera reparadora de todas as disparidades sociais. Do ponto de vista da secularização, o romance seria um retrocesso na trajetória literária de Machado. Em *Helena*, os conflitos de interesse se encontrariam à margem, nas franjas do romance, “à espera de um romancista mais maduro”²⁷, enquanto que o conflito moral se encontraria no centro da construção narrativa.

A protagonista da narrativa seria compreendida por Schwarz a partir de sua posição de submissão à ideologia paternalista. Por isso, Helena aceitaria as determinações do conselheiro Vale em nome dos valores de um decoro familiar cultivado nas virtudes do paternalismo cristão. Segundo o crítico, a situação de dependência na qual a personagem se encontrava terminaria por restringi-la à resignação de sacrificar-se às normas das relações de favor, até mesmo porque esta seria a única alternativa fora da miséria. Ou seja, para o autor não haveria espaços ou meios de ação que garantissem um mínimo de autonomia às decisões da personagem. Nesse contexto, a única forma de existência de uma “obsequiada” como Helena, seria a total subserviência e adequação aos preceitos da sociedade patriarcal.

Em seus estudos, Roberto Schwarz demonstrou com bastante êxito as possibilidades de compreensão da ficção machadiana a partir de sua inserção no contexto histórico da sociedade de sua própria época. Em suas considerações sobre *Helena*, o autor expõe uma análise detalhada do autoritarismo da classe dominante no trato com seus dependentes e as estruturas de poder que seriam inerentes ao contexto brasileiro do século XIX. Entretanto, é importante ponderar que o autor se baseia em uma visão de sociedade estritamente hierarquizada, na qual, não haveria a possibilidade de solidariedades horizontais que permitiriam qualquer tipo de mobilidade, ou um mínimo de autonomia nas relações e nas ações daqueles que se encontravam em situação de dependência.²⁸ E com base nesses

²⁶ Idem, p.117.

²⁷ Idem, p.136.

²⁸ Ver: CHALHOUB, Sidney. “Paternalismo e escravidão em *Helena*.” In.: *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

argumentos, Schwarz acaba por restringir Helena aos limites de um moralismo religioso que terminaria por legitimar os desmandos da família patriarcal.

Opondo-se a uma visão sociológica da literatura, destacamos a abordagem de Alfredo Bosi sobre a obra de Machado de Assis. Em *Machado de Assis: o enigma do olhar*²⁹, o estudioso defende que, por trás de tantos narradores, haveria um autor atento a questões universais referenciadas na tradição do pensamento analítico e moral seis-setecentista.³⁰ Dessa forma, Helena não poderia ser explicada somente em uma suposta relação “mecanicista” com a esfera da burguesia fluminense. Para Bosi, a questão seria de foro pessoal. Helena teria um ideal de nobreza que lhe seria íntimo, e ao ser tragada pela farsa, ela sofreria uma crise moral de consequência fatal. Destaca-se, portanto, que o autor conduz sua análise a partir da acepção de que o literato seria capaz de desvincular-se das convenções culturais de sua época.³¹

Por outro lado, reproduzindo as considerações de Roberto Schwarz, mas acrescentando nova nuance analítica baseada no exame de personagens femininas, destacamos o estudo *Figuras femininas em Machado de Assis*, de Ingrid Stein.³² Neste livro, a autora busca ler *Helena* à luz de um contexto paternalista, que seria baseado nos conceitos de uma sociedade regida pelo monopólio da riqueza e do poder. Nesse cenário, a família, compreendida como instituição máxima, seria responsável por desempenhar o papel disciplinador e regularizador das relações sociais.³³

Ao longo de seu trabalho, Stein propõe algumas categorias de análise para agrupar as personagens femininas de Machado de Assis. E, salientando a importância da instituição familiar na concepção da narrativa, a autora considera que Helena seria um exemplo

²⁹ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

³⁰ “[...] Nem conservador, nem evolucionista, nem positivista, nem cientificista, nem republicano, nem militante abolicionista, Machado educara o seu olhar em valores e modos de pensar que vinham da tradição analítica e moral seis-setecentista. Valores e modos de pensar que permearam o seu distanciamento estratégico e deram à sua linguagem um quê de discreto e picante que pode até parecer clássico.

A ilustração cética, que precedeu a Revolução Francesa e sobreviveu à Restauração, desconheceu praticamente a indústria, o mundo operário, as utopias socialistas e a divisão dos saberes em técnicas particulares que seriam a expressão da modernidade capitalista *in progress*. A fidelidade àquele olhar ainda universalizante e, a seu modo, realista e moderno, impediu que Machado se convertesse em cronista de costumes locais [...]” Idem, p.163

³¹ Retomando as palavras do crítico literário: “No entanto, Machado de Assis, que não era cientista social, mas romancista, construiu livremente ora rasgos individuais, ora tipos, ora pessoas.” Idem, p.159.

³² STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

³³ Idem, p.22.

contemplado pela categoria das “Mulheres mártires”.³⁴ Tais mulheres seriam envolvidas numa “aura de quase martírio”, além de serem concebidas de maneira conformada e silenciosa. A partir desse ponto de vista, a personagem seria uma espécie de “mártir involuntária”³⁵ que se sacrifica em nome de uma vontade senhorial inquestionável naquele momento. Distante de qualquer signo de autonomia, para Stein, Helena teria sido forçada a se fazer passar pela filha do Conselheiro, pois, na realidade, não haveria alternativa para uma jovem mulher em sua posição social. Por fim, e submetendo-se completamente aos jogos daquela sociedade, a protagonista sucumbiria enquanto indivíduo.

A interpretação proposta por Ingrid Stein influenciaria significativamente os estudos de gênero dedicados às representações femininas de Machado de Assis. No entanto, após sua publicação surgiriam alguns novos trabalhos que questionariam as perspectivas analíticas da autora. Um exemplo deste intercâmbio nos debates acadêmicos pode ser identificado no livro *Estética da recepção e História da Literatura*, de Regina Zilberman.³⁶ A autora provocaria uma reviravolta na abordagem teórica do romance ao se contrapor à rígida divisão da obra de Machado de Assis em duas fases.

De forma perspicaz, Regina Zilberman argumenta que a restrição teórica do romance aos limites de uma fase primária de Machado, dita imatura, teria criado uma imagem “congelada” de *Helena*, baseada na expectativa do “vir-a-ser” de um escritor mais “maduro”, capaz de criar tramas mais complexas.³⁷ Desvinculando-se, ou “olhando por cima” dessa linha cronológica, a autora sugere uma nova abordagem interpretativa da obra, individualizando-a em relação aos demais romances de Machado de Assis, atentando-se ainda, aos aspectos de sua própria historicidade.

Em sua análise, a autora constata a necessidade de se analisar o romance em seus diferentes contextos históricos. Zilberman procura enfatizar a distância temporal existente entre a data de produção da obra e de seus eventos fictícios, sinalizando ainda para a possibilidade de que Machado tenha desejado lidar com esse intervalo de tempo.³⁸ Nesse sentido, o leitor que se encontrava no contexto social moderno e aburguesado de 1876 poderia analisar criticamente o contexto histórico oligárquico dos anos 1850 retratado na

³⁴ Idem, p.72.

³⁵ Idem, p.73.

³⁶ ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

³⁷ Idem, p.96.

³⁸ Idem, p.87.

trama. Ou seja, seria como se o leitor, detentor de um conhecimento histórico não mencionado na obra, pudesse alargar o horizonte da representação ficcional aumentando as possibilidades de compreensão do mundo ali traduzido.

A autora chama a atenção para alguns aspectos até então desconsiderados pela crítica literária, principalmente no que se refere à possibilidade de compreensão do romance em seus diferentes tempos históricos, considerando-se ainda algumas hipóteses sobre a recepção da obra entre um determinado público-leitor que, de seu ponto de vista, seria bastante reduzido.³⁹ Todavia, é importante salientar que a ruptura de Zilberman com a historiografia literária exposta até então foi apenas parcial, pois a visão sobre o panorama histórico dos anos de 1850 exposto em seu trabalho sofreria influência das considerações de Roberto Schwarz sobre o período. Por isso, a autora também esboça um cenário de poucas opções de mobilidade para as “vítimas” de um contexto patriarcal identificado por uma rígida e inescapável estratificação social.

Partindo-se dessa leitura, a protagonista do romance seria compreendida por Regina Zilberman como vítima e representante de uma ordem patriarcal que, embora arcaica, lhe assegurava o respeito próprio e alheio, daí os esforços de Helena em prol de sua manutenção. Segundo a autora, Helena seria uma personagem “altamente conservadora”, agindo nos limiares de uma narrativa baseada em um discurso moralista. Por isso, a protagonista se submeteria ao universo que a encerrava e, enquanto representação, não seria sequer cogitada como utopia. Para Zilberman, os constantes abatimentos e a aniquilação total da jovem, seriam os elementos responsáveis pelo desfecho melodramático e inverossímil da narrativa machadiana.

Posteriormente, alguns argumentos defendidos pela autora seriam retomados e problematizados por Hélio de Seixas Guimarães em *Os leitores de Machado de Assis: romance e o público de literatura no século 19*.⁴⁰ Em sua análise, Guimarães se propõe a compreender os romances de Machado a partir de sua recepção entre os potenciais leitores da época. Para tanto, o autor procura investigar a “dimensão material do romance”,

³⁹ A autora restringe o público-leitor do jornal a um “grupo socialmente elevado, ou um setor intermediário, composto da classe média ou de brancos livres que sabiam ler.” Idem, p.84.

⁴⁰ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. (2ª edição). São Paulo: Nankin: Edusp: 2012.

manifestada através dos modos de difusão do texto, ou seja, seus suportes de publicação e suas condições de distribuição e circulação.

No caso de *Helena*, Guimarães procura demonstrar que Machado utilizaria a estética melodramática como um subterfúgio para se aproximar do gosto do “grande público” leitor dos folhetins, habituado às narrativas populares estrangeiras. Entretanto, para o autor, os esquemas melodramáticos criados por Machado falhariam por não representarem de forma “mais ou menos” verossímil as questões colocadas pelo enredo, fosse porque a realidade a ser representada não se conformava ao tipo de polaridade pressuposta pelo melodrama, fosse porque este não resistiria aos testes de realidade.

Para Hélio de S. Guimarães, *Helena* seria um romance “fraturado”, no meio do caminho entre o melodrama que não se completa e a representação realista sobrecarregada pelo sentimentalismo. A falha do melodrama se daria no afrouxamento da polarização entre “bem x mal” e pela falta de oposição veemente à protagonista, pois mesmo o Dr. Camargo, personagem ambicioso e depositário de toda maldade do romance, acaba por ter sua condição atenuada pelas qualidades de pai zeloso à procura de um bom casamento para a filha Eugênia. Além disso, os procedimentos ao melodrama também não se completariam na medida em que entraria em ação uma espécie de “realismo desencantado” manifestado no terceiro beijo de Camargo em sua filha e no restabelecimento da “plácida ordem patriarcal”, anterior à chegada perturbadora da intrusa.

Acompanhando de perto os debates e as mudanças de perspectiva na crítica e na historiografia literária, Sidney Chalhoub, como muitos dos estudiosos que expomos até então, também propõe uma leitura de *Helena* a partir de sua própria historicidade. Aliás, em *Machado de Assis, historiador*⁴¹, o autor advoga que a visão de Machado sobre a história social e política do Brasil oitocentista ocuparia o centro da narrativa.⁴² No entanto, diferentemente das análises que comentamos, e contrapondo-se sobretudo à abordagem de Roberto Schwarz, Chalhoub demonstra que por trás dos diálogos, das ações e das relações entre as personagens machadianas, haveria um acentuado antagonismo de classes entre senhores e dependentes que não se configuraria de forma rigidamente hierarquizada.

⁴¹ CHALHOUB, Sidney. (2003). *Op.cit.*

⁴² *Idem*, p.18.

De acordo com o historiador, Machado seria um intérprete dos discursos políticos possíveis aos atores históricos em situação de dependência; por isso, uma leitura mais detida de seus escritos revelaria as estratégias de ação de personagens que se encontravam em situação de favor, mas que buscavam decifrar e manipular os mecanismos da lógica de dominação em seu próprio benefício, criando, desta forma, pequenas “brechas” que garantiriam um pouco de autonomia e voluntariedade às suas ações.

Na perspectiva de Chalhoub, Helena seria uma figura tensional, ambivalente, que, ao ser inserida numa realidade alheia, consegue adaptar-se e fazer-se aceita habilmente. A situação dúbia na qual a personagem se encontrava - a origem humilde e a inserção ao convívio entre os afortunados - lhe impõe a necessidade de articular-se entre as demonstrações de gratidão, as dissimulações e a preservação dos limites de sua autonomia. A protagonista seduz e conquista a confiança daqueles que a cercam e dos quais, inevitavelmente, ela dependia, como no caso de Estácio, seu “irmão e inimigo”. Contudo, Helena seria capaz de relativizar e interpretar a ideologia senhorial e, embora o enfrentamento aberto não fosse possível historicamente, a personagem conseguia encontrar meios de se mover no interior das estruturas que buscavam oprimi-la.

Por fim, destacamos a análise de Luis Filipe Ribeiro sobre o romance em seu livro *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*.⁴³ Assim como Sidney Chalhoub, o autor também reitera as “características de duplo” que compõem a personagem. Nesse sentido, Helena seria capaz de transitar entre os mundos da pobreza e da riqueza sem jamais perder sua identidade. Para Ribeiro, Helena possui plena consciência de sua origem e, conseqüentemente, de sua vulnerabilidade; no entanto, o autor reitera que a personagem foi introduzida ao convívio familiar através de uma farsa, da qual ela não era responsável, mas cúmplice, na medida em que aceitou “entrar no jogo” e prosseguir com a mentira. A partir dessa perspectiva, o autor procura enfatizar que a atuação da personagem na trama também se daria por intermédio e afirmação de desejos que lhe seriam individuais.

Para Luis F. Ribeiro, as personagens de Machado, especialmente as femininas, seriam construídas a partir de uma deliberada busca do cotidiano e da humanização, por

⁴³ RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. RJ: Forense Universitária, (2ª edição), 2008.

isso, suas ações não se pautam por gestos e ações heroicizantes, mas por defeitos e qualidades de pessoas comuns, muitas vezes próximas ao leitor. Ou seja, o escritor não teria a intenção de criar “exemplos de conduta” ou “monstros de depravação”⁴⁴, mas personagens “capazes de pequenas canalhices e de heroísmos mínimos”⁴⁵, sem jamais atingir um tom realmente devastador.

No caso do romance *Helena*, todos cederiam um pouco: a virtuosa protagonista é acolhida ao seio familiar por intermédio de uma mentira, da qual ela tinha conhecimento e que sustenta por seu próprio cálculo; Estácio, apesar dos conflitos e do profundo sentimento de culpa, cede a uma paixão incestuosa; D. Úrsula, a despeito de todos os seus princípios morais, acaba por admitir o fruto do passado “pouco católico” do conselheiro Vale na intimidade de casa. Portanto, todos admitem pequenas concessões para que a ordem familiar fosse resguardada, porém, seriam essas concessões que provocariam fissuras irreparáveis nesse mesmo ordenamento.

Especialmente no rastro desses dois últimos autores citados (Sidney Chalhoub e Luis Filipe Ribeiro) buscamos conduzir nossa análise. Na perspectiva de Chalhoub, encontramos os meios para pensar a situação de dependência de Helena sem reduzi-la a uma ideia de submissão inquestionável e inescapável. Em Ribeiro, nos deparamos com uma preocupação recorrente de humanização das personagens femininas de Machado de Assis, da qual compartilhamos. Mas, será que a Helena “cinzelada” no rodapé do *Globo* suscitaria esses mesmos significados entre os seus contemporâneos? Como ambos conduziram seus estudos à revelia do folhetim, a nosso ver, tal questão ainda permanecia sem resposta. Porém, para além das percepções adequadas ao nosso ponto de vista, reiteramos a importância das outras análises debatidas inicialmente. A partir destes textos, e de maneira respeitosa, buscamos enfatizar outros pontos de contato e algumas divergências analíticas que também nos trouxeram até aqui.

⁴⁴ Idem, p.409.

⁴⁵ Idem.



Autor desconhecido. *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1876.

Nos capítulos seguintes, propomos um novo olhar sobre o folhetim *Helena*, de Machado de Assis, considerando sua recepção a partir de seu suporte original e à roda de seu próprio tempo. Nossas atenções se voltarão ao desvendamento da experiência dos leitores e, principalmente, das leitoras do jornal que, em meio ao discurso modernizante do *Globo* também acompanhavam os capítulos diários do romance-folhetim *Helena*. Haveria interpenetrações entre a “poética jornalística”⁴⁶ presente no periódico e as possibilidades de recepção do folhetim entre o público-leitor? Essa é a hipótese que propomos ao longo de nosso trabalho, tendo-se em vista o recorte de gênero proposto. Entre prerrogativas assertivas e considerações desconfiadas às novidades que se impunham, o público-leitor da folha se deparava com percepções que dialogavam com o universo fictício proposto por Machado. E em busca dessas “porosidades” entre imprensa e literatura, iniciamos nossa trajetória de pesquisa.

No primeiro capítulo, **O lugar da mulher no jornal *O Globo***, através do exame atento do jornal, pudemos notar que, apesar de *O Globo* não ser um periódico concebido nos termos de uma imprensa voltada ao público feminino, ainda assim, seria possível identificar diversas e frequentes abordagens de temas referentes à inserção da mulher na sociedade da época. O discurso moderno do periódico sempre foi permeado pela

⁴⁶ Ver: THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au Quotidien: poétiques journalistiques au XIX siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

abordagem das mais diversas experiências de inclusão feminina no Brasil e no exterior. Portanto, é possível afirmar enfaticamente: Havia lugar para a mulher no jornal *O Globo*. Na verdade, havia muitos lugares. No entanto, quais seriam? Dar-se-iam nos espaços públicos ou na domesticidade? E, de acordo com o discurso editorial da folha, que nunca nos pareceu unívoco: o que seria viável conceder às mulheres brasileiras? Ou melhor: o que era inevitável negar? Pensando-se ainda, e sempre, no público que acompanhava o jornal: seria possível nos aproximarmos da experiência de leitura dessas pessoas diante de tal noticiário? Enfim, foram estes os principais questionamentos que nos guiaram na concepção deste capítulo inicial.

O item **I.1 Tecendo com os fios da moralidade: instrução, mulheres e literatura** tem como escopo a análise dos debates travados pelo jornal em torno da educação feminina, bem como a constatação da atuação das professoras na orientação educacional/moral de suas jovens alunas que, conforme criticado pelo jornal, tinham acesso a uma literatura considerada imoral também no ambiente escolar e por intermédio dessas profissionais. O item, portanto, recupera um longo debate deflagrado pelo jornal e que tratava das possibilidades de inserção da mulher na sociedade brasileira através da educação, contudo, sem deixar de reiterar os imprescindíveis parâmetros morais que deveriam balizar tais transformações.

Seguindo, no item **I.2 Do noticiário estrangeiro: até parece que as mulheres fazem as leis** nos debruçamos sobre o recorrente noticiário internacional sempre presente às páginas do jornal *O Globo*, lançando uma atenção especial ao tema dos movimentos feministas internacionais que, volta e meia, eram pautas de debates acirrados no periódico. Nossa atenção se voltará, principalmente, à intermediação dos redatores e editores do jornal na transmissão de tal noticiário aos leitores e leitoras brasileiros de então.

Subsequente a essa imersão inicial nos debates sobre a situação da mulher travados no jornal, partiremos para o segundo capítulo da dissertação: **Helena, de Machado de Assis, no jornal O Globo**. Neste tópico, buscamos nos deter numa leitura do folhetim *Helena* em meio à experiência que tem sido proporcionada por seu suporte original de publicação. E se no primeiro capítulo nos deparamos com discussões que, de forma direta ou indireta, abordavam os inícios da inserção das mulheres aos espaços públicos, neste segundo capítulo, trazemos outras possibilidades de atuação feminina concebidas no

cotidiano das relações pessoais, por meio de uma política que ocorria nos espaços privados. Isso porque, do nosso ponto de vista, essa parece ser uma das vias factíveis para leitura do folhetim machadiano através do jornal.

O terceiro capítulo, **Sobre a Coluna Variedades**, será dedicado à leitura de alguns dos contos anonimamente publicados na referida coluna do *Globo*, comparando-os com outras narrativas publicadas por Machado de Assis no *Jornal das Famílias* ao longo de 1876.

No item **III.2 Obediência no código, mas não nos sentimentos**, abordaremos o conto “Sem Olhos”, de Machado de Assis, publicado no *Jornal das Famílias*; e o conto “O ódio de uma mulher”, de autoria não identificada, publicado no jornal *O Globo*. Nesse item nos debruçaremos sobre duas narrativas que compartilhavam de um mesmo tema: o adultério feminino. Aproximando protagonistas que primavam por certa insubmissão de cunho emocional, buscamos compreender como e, até que ponto, esse princípio podia converter-se em ações concretas, capazes de transgredir os códigos morais da época. Há disparidades entre as tramas, conforme demonstraremos.

Em seguida, no item **III.3 Da resolução de ser vítima**, abordaremos o conto “D. Mônica”, atribuído a Machado de Assis, e publicado no *Jornal das Famílias*; e o conto “O primeiro cabelo branco”, de autoria não identificada, publicado no jornal *O Globo*. Nesse terceiro item, optamos por comparar protagonistas mais maduras que, protegidas por uma suposta vitimização, seguiam agindo em prol de seus próprios interesses.

E nas **Considerações Finais**, em diálogo com parte da crítica contemporânea ao lançamento do folhetim, propomos o arremate de nosso trabalho.

CAPÍTULO I

O LUGAR DA MULHER NO JORNAL *O GLOBO*.

I. 1 Tecendo com fios da moralidade: instrução, mulheres e literatura.

[...] Vindo à nossa sociedade brasileira, urge dar à mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, - uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiais e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiência. Esta tem jus a que lhe deem os meios necessários para a luta da vida social.

Machado de Assis. “Cherchez la femme”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1881.

Aos olhos de leitores anacronicamente desatentos, o texto acima, assinado pela pena de Machado de Assis, parece trazer um sopro de liberdade e modernidade acerca de qualquer entendimento sobre a instrução feminina no Brasil do século XIX. No excerto, propositalmente destacado, nos deparamos com o reconhecido autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), imbuído de um discurso consonante aos ideais de uma educação que buscasse inserir a mulher na sociedade. Por outro lado, o arremate do texto de Machado, propositalmente omitido, pode soar pouco progressista ao nosso leitor, mas aí vai: “Baste-nos isto: educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho.”⁴⁷

Tal conclusão parece nos colocar diante do mofado preceito de que a educação feminina deveria formar boas esposas e mães primorosas, ou seja, de que a educação das meninas se daria a partir da assimilação e da introjeção do universo masculino à sua volta. As observações não são equivocadas e se aplicam à sociedade oitocentista brasileira. No entanto, antes de deflagrarmos conclusões tão apressadas sobre o texto de Machado e sobre o contexto histórico da época, algumas considerações precisam ser mais esmiuçadas.

A priori, devemos algumas explicações sobre a escolha de iniciar este item com *Cherchez la femme* (1881), visto que se trata de uma produção um pouco deslocada do escopo de nossa pesquisa. Pois bem. Chamou-nos a atenção a constatação de que Machado

⁴⁷ ASSIS, Machado de. “Cherchez la femme”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1881.

de Assis, autor assumido por trás da produção⁴⁸, teria se ocupado de tal temática em um texto que não foi concebido a partir de expedientes ficcionais.⁴⁹ Além disso, *Cherchez la femme* viria a público em um periódico feminino, ou seja, trata-se de um texto composto em interlocução com o público em específico, e isso não significa que o tom seja leve ou aprazível. Não. Machado expõe ferinamente os diferentes tipos femininos que compunham a sociedade da época, dividindo-os em uma crosta elegante, fina e superficial - refletida na leitora hipotética da *Estação* - e do outro lado, uma grande massa ignorante, inerte, virtuosa, sem impulsos e amparos mínimos. Portanto, o autor sublinhava aos olhos de suas leitoras as fragilidades inerentes ao seu próprio grupo social.⁵⁰

A diferenciação crítica proposta por Machado pode ser compreendida como uma significativa desarticulação das formas unilaterais de se observar os meios reservados às experiências femininas na época. Ao dialogar com um distinto grupo social, o literato lançava luz às condições de mulheres menos privilegiadas que poderiam vislumbrar novas condições por meio da educação. A frase conclusiva do autor reiterava um ideário muito comum à época, o da necessidade de se educar adequadamente as meninas que num futuro próximo exerceriam seus principais papéis sociais: esposa e mãe. Nesse sentido, Machado não destoava dos pressupostos do meio jornalístico no qual o texto era publicado, assim como não destoava do viés moral apregoado pela instrução pública naquele contexto histórico. Contudo, e retomando a referida análise de Ivan Teixeira, podemos afirmar que *Cherchez la femme* representava uma atitude essencialmente liberal do autor frente à educação feminina, e do nosso ponto de vista, frente ao tema da inserção da mulher naquela sociedade. Talvez seja possível conjecturar alguns vestígios dessa suposta perspectiva liberal na produção ficcional de Machado de Assis. Mas não antecipemos as coisas; por ora, pensemos apenas na educação.

⁴⁸ Muitos dos contos de Machado de Assis publicados no periódico *A Estação* foram assinados por pseudônimos.

⁴⁹ Assim como Ivan Teixeira, pensamos que *Cherchez la femme* pode ser compreendido como um texto de intenções publicitárias em favor do levantamento de fundos para o Liceu de Artes e Ofícios, que então inaugurava um curso exclusivo para mulheres. Isso porque, junto ao texto de Machado de Assis, era publicado outro texto que tratava da inauguração do Liceu e pedia donativos às leitoras da *Estação*. Ambos os textos fazem parte do mesmo bloco tipográfico que ocupa toda a página e estão sob o mesmo título: "Lyceu de Artes e Ofícios: aulas para o sexo feminino". (Ver: Anexo IV, p.150). TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: dinâmica do poder em O Alienista*. São Paulo: Ateliê / Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 90.

⁵⁰ Idem. pp. 90-98.

Conforme observado na *Estação*, o binômio composto por educação e moralidade pode ser compreendido como uma confluência discursiva recorrente à época, e os reflexos disso não seriam reconhecíveis somente nos jornais voltados às elegantes moças e senhoras de então. Porém, se examinarmos outros meios jornalísticos do período, notaremos que os resultados desse binômio nem sempre eram exatos. O caso do jornal *O Globo* acrescenta novas perspectivas na abordagem de tal questão. Desde a fundação do jornal, eram recorrentes as aproximações ao tema da educação, mas, a partir de 1876, tal questão seria abordada de forma mais insistente através de uma série de artigos intitulada *Reformas necessárias à instrução pública*. O tema também se fazia presente em outras colunas do periódico e o que chama a atenção é que parte significativa desses textos tinha por foco a educação feminina.

Isso posto, faz-se necessário traçarmos um pano de fundo que esclareça alguns aspectos do acesso aos meios educacionais no período, embora também seja relevante adiantarmos que não temos a menor intenção de propor um compêndio sobre o tema. Nesse sentido, para esboçarmos o panorama da instrução pública, também partiremos dos dados colhidos no próprio *Globo*.

O primeiro exemplo abordado se refere a um longo artigo intitulado “Algarismos eloquentes”, assumidamente extraído do periódico *Província de São Paulo* e de autoria não identificada.⁵¹ O texto tratava do famoso Recenseamento Geral do Império relativo ao ano de 1872 e divulgado em 1876.⁵² Os dados, apresentados de forma bastante crítica pelo autor, realmente eram estarrecedores:

Algarismos eloquentes.
(Da Província de S. Paulo)

Estão findos os trabalhos da estatística da população do Império.
Não há, e nem pode haver, exatidão nos dados recolhidos. O que está feito é mais ou menos o possível: dados aproximados, em todo caso autorizados, oficiais, e que prestaram-se a servir de base normal às considerações e cálculos deles dependentes. Mil reflexões sugerem eles em variadíssimas relações.
Vejamos o que se dizem a propósito do nível intelectual de nossa população.
Não é assunto propriamente novo, mas com certeza muita gente ainda não prestou-lhe a devida atenção, embora seja eloquentemente triste e tristemente ponderoso.

⁵¹ “Algarismos eloquentes (Da *Província de S. Paulo*)”. *O Globo*, 14 de agosto de 1876, p.1.

⁵² Documento disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br> (acessado em abril de 2013).

Está orçada a população geral do Império, conta redonda, em dez milhões de almas. Nessa massa total conta-se como sabendo ler:

Homens, 1.012,097.

Mulheres, 550,981.

Ao todo, 1.563, 078.

Conta redonda de analfabetos: *oito milhões e quinhentos mil!*

É assustador, embora se possa afirmar que alguns países não estão em melhores circunstâncias.

Entre o analfabeto e o irracional a diferença não é de monta.

Talvez nem seja erro dizer que o analfabeto é justamente o mais nocivo dos irracionais

Esse desolador e gravíssimo fato é a explicação primeira e mais radical de nossas misérias nacionais.

Somos um povo de analfabetos!

Eis aí porque vivemos na escravidão, na passividade política.

Eis porque o descalabro social é a média normal e constante de nosso viver.

Nesse espesso total quantos são os que pensam, querem e nutrem aspirações e cogitam da pátria e da civilização?

Não se contará um milhão, com certeza, em rigor talvez ainda seja exagero consignar 500.000.

Mas sejam 500.000.

É a mesquinha massa encefálica, a exígua víscera pensante do grande e pesado molusco que à boca cheia denominamos – nação brasileira.

Que faz e que pode fazer esse pequeno cérebro luminoso adstrito à inerte e escura massa de analfabetos?

Vegeta e rasteja, carregando a casa às costas como os caranguejos, como a tartaruga.

Note-se ainda uma circunstância:

A estatística apenas nos fala dos que sabem ler em geral.

Refleta-se no que se chama perante a estatística *saber ler*, e calcula-se a que fica reduzido o número de brasileiros da presente geração que tenha instrução média regular.

A quinta parte de quinhentos - cem mil – ainda não será muito?

Eis aí o Brasil pensante!

E são esses ainda os que os temporais da política, as paixões e as fraquezas humanas separam em grupos inimigos, em partidos, seitas e corrilhos.

Os otimistas do informe molusco estão ainda nesse número; também aí estão os que proclamam e propagam o *apostolado das trevas*; os que ousam afirmar que vivemos no melhor dos mundos possíveis; os que receiam excesso de luz e liberdade demais; os que temem a instrução da mulher; os que julgam os que pedem luz e liberdade são descabelados *utopistas* dignos de exílio e fogueira![...] ⁵³

O tema também seria abordado por Machado de Assis em uma crônica publicada na imprensa da época. Segue um trecho:

E por falar neste animal [o burro], publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler.

Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não

⁵³ “Algarismos eloquentes (Da *Província de S. Paulo*)”. *Op.cit.*

o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases; o algarismo não tem frases, nem retórica.⁵⁴

De fato, para o redator de nosso primeiro texto, tais algarismos não seriam compreendidos retoricamente, na verdade, a “irracionalidade” de parte tão significativa da população brasileira, teria por consequência direta uma cômoda e execrável situação de apatia coletiva diante de um país ainda escravocrata, com inúmeros problemas de organização política e, conseqüentemente, fadado ao atraso.

E de acordo com o texto do *Globo*, se mais de oito milhões eram analfabetos, sobravam ainda os minguidos um milhão e meio de alfabetizados; porém, se a conta se restringisse à população com acesso ao ensino regular, chegaríamos à quantia aproximada de cem mil almas.⁵⁵ Nas palavras de nosso taxativo redator: “Eis o Brasil pensante!”. Nem tanto. No pequeno número contabilizavam-se aqueles que por paixões e fraquezas humanas viviam a se digladiar em seitas e partidos políticos; os “otimistas” que fechavam os olhos aos problemas e fingiam viver no melhor dos mundos também se acresciam à soma. Por fim, estavam “os que receavam os excessos de luz e liberdade; os que temiam a instrução da mulher; os que julgavam aqueles que pediam luz e liberdade como descabelados utopistas dignos do exílio e da fogueira!”. Portanto, segundo o artigo, mesmo entre os “pensantes”, haveria certa resistência aos pressupostos modernos que já circulavam na

⁵⁴ *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1876.

⁵⁵ Na verdade, examinando-se os números apresentados no censo referente ao ano de 1872, torna-se possível perceber algumas incongruências no artigo publicado no *Globo* e, principalmente, na porcentagem apresentada na crônica de Machado de Assis. No caso do artigo, a população geral do Império era quantificada em quase “dez milhões de almas”, sendo que esse total era composto por 1.563.078 de “homens e mulheres que sabiam ler” e quase 8.500.000 de analfabetos. Ou seja, através do texto era possível concluir que cerca de 85% da população brasileira era analfabeta. Tal número era diverso da porcentagem apresentada na crônica de Machado de Assis, onde se coligia que 70% da população era analfabeta. As diferenças seriam explicáveis pelas imprecisões cometidas no próprio censo. Na leitura dessa documentação é possível perceber vários erros matemáticos que acabavam resultando em equívocos nas constatações demográficas - vale lembrar que esses registros eram feitos à mão; além disso, algumas províncias são desconsideradas pela pesquisa. Ainda assim, o censo de 1872 guarda a particularidade de levar em consideração a abordagem da população escrava. Os números trazidos pelo *Globo* não atentavam nas especificidades registradas no censo, mas a afirmação de que quase 85% da população era analfabeta respaldava-se nos dados oficiais. Enfim, é difícil precisar a fonte consultada por Machado de Assis, mas a leitura do próprio censo revela um aglomerado de dados imprecisos que poderiam dar margem a interpretações equivocadas. Porém, não podemos deixar de destacar o pioneirismo desse trabalho, pois até então, não havia nenhum registro demográfico realizado no Brasil. Ver: PAIVA, Clotilde A.; RODARTE, Mario M. S.; GODOY, Marcelo M. *Publicação Crítica do Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872*. (Relatório de pesquisa). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): 2013.

época. A alfabetização parecia não significar, necessariamente, o esclarecimento daquela pequena fatia da sociedade.

De forma breve e em meio à constatação de estatísticas tão alarmantes, o tema da educação feminina seria referenciado a fim de salientar um ideário “reacionário” que, segundo o anônimo redator, pairava entre a parcela letrada da população que temia a instrução das mulheres. O artigo, publicado no dia 14 de agosto, dividia as atenções dos leitores do jornal com as várias outras colunas que compunham a folha, e se atentarmos no rodapé daquela mesma primeira página, iremos nos deparar com um folhetim protagonizado por uma menina muito bem educada, afeita aos livros e conhecedora de frases prontas de romances das quais se utilizava quando necessário.

Explicamo-nos: no mesmo 14 de agosto, era publicado o capítulo VII do folhetim *Helena*, de Machado de Assis, em que são narradas as consequências de uma das primeiras aproximações dos supostos irmãos que, no capítulo anterior, haviam saído juntos em um passeio a cavalo. Ao fim do passeio, Estácio perceberia uma expressão de melancolia na face de Helena, cuja motivação seria questionada. A garota, para desviar-se de explicações inconfessáveis naquele momento, termina por proferir a dramática frase: “Sou uma pobre alma lançada num turbilhão”.⁵⁶

Aos ouvidos de tia Úrsula, a frase que causara tanto efeito em Estácio, parecia pouco impressionante. Para ela, tratava-se de um “achado” da menina *em algum dos muitos livros que ela costumava ler*.⁵⁷ De fato, Helena se interessava pelo universo da leitura - e de antemão, avisamos que suas atenções não se voltavam apenas aos dramalhões. Além disso, também segundo D. Úrsula, Helena tinha maneiras finas e algumas prendas de sociedade que tornavam sua companhia agradável. Vale lembrar que a expensas do pai adotivo, o conselheiro Vale, a menina teve a oportunidade de frequentar ótimos colégios, onde recebeu os ensinamentos necessários ao convívio naquela distinta sociedade:

Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e

⁵⁶ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI - continuação). *O Globo*, 13 de agosto de 1876.

⁵⁷ “ – Não, respondeu D. Úrsula com decisão; a frase de Helena é achada em algum dos muitos livros que ela lê. Helena não é tola; quer prender-nos por todos os lados, até pela compaixão.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VII). *O Globo*, 14 de agosto de 1876.

muita paciência, arte e resignação, - não humilde, mas digna, - conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis.⁵⁸

O caso da personagem ilustra muito bem os pressupostos da educação reservada às mulheres que viviam em meios mais abastados. Além da instrução formal, que demonstrava certa civilidade, era indispensável ter conhecimentos sobre trabalhos manuais, música, desenho, além das “prendas de salão” que tornavam tais criaturas ainda mais graciosas aos seus admiradores. No entanto, não podemos esquecer o golpe de sorte que levou a jovem a frequentar os colégios de Botafogo. Mas, e no caso das mulheres menos afortunadas? Quais seriam as possibilidades de acesso à instrução em tal contexto histórico?

A historiografia sobre o tema aponta para dados pouco animadores. Em *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*⁵⁹, Heleieth Saffioti trata das dificuldades de acesso à educação entre as mulheres desde os primeiros intentos pela implantação da instrução pública. Segundo a autora, o número de escolas destinadas às meninas sempre era muito inferior àquelas destinadas aos jovens do sexo masculino. Porém, na segunda metade do século, a situação começaria a mudar. Por exemplo, em 1865, na rede oficial de escolas primárias do Município da Corte contavam-se 1.860 alunos e 1.530 alunas. A relativa equiparação observada nessa época seria motivada pelo processo de desenvolvimento e urbanização que o país vivia. No entanto, tudo se daria a passos lentos, e as transformações efetivas somente seriam alcançadas no período republicano. É importante destacar que, por muitos anos, o ensino feminino foi limitado ao nível primário, visto que o nível secundário era restrito ao acesso masculino, a exemplo do tradicional Colégio Pedro II, que somente em 1907 teria entre seus formandos duas jovens alunas.

Se por um lado não advogamos em prol de ilusões a respeito da inserção das mulheres em tal contexto, por outro, a partir do levantamento feito no jornal *O Globo*, pensamos que algumas problematizações a respeito do tema podem ser propostas. É claro que reconhecemos as limitações de nossa abordagem, entretanto, se a bibliografia sobre o tema aponta apenas para uma faceta da educação voltada ao público feminino, oriundo, na maioria das vezes, de estratos sociais mais elevados, na imprensa podemos perceber

⁵⁸ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo IV). *O Globo*, 10 de agosto de 1876.

⁵⁹ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, (2ª edição), 1976.

algumas nuances das experiências dessas ricas mulheres, além de reconhecermos as vozes de várias outras, muitas vezes oriundas de realidades pouco visíveis a tal historiografia.

Nesse caso, nos referimos a alguns anúncios e artigos publicados no jornal que tocavam na questão do acesso das jovens mais pobres aos meios educacionais. Os recortes são destinados, ou se referem, às mulheres que não tinham condições de pagar por ensino particular, e que começavam a adentrar ao mercado de trabalho. Por exemplo, o anúncio abaixo trazia a oportunidade de ensino noturno gratuito para senhoras:

Aula noturna para senhoras: Os diretores do colégio de Nossa Senhora da Conceição, de Itajubá, resolveram abrir uma aula noturna para o ensino gratuito de senhoras.⁶⁰

Já o próximo excerto compõe parte de um longo artigo que, entre outros assuntos referentes ao mundo trabalho, abordava a questão das mulheres que atuavam como operárias em países estrangeiros industrializados, como Inglaterra e Alemanha. O tema era debatido com afincamento por um redator que reconhecia em tais mulheres certo caráter de bravura. O exemplo seria conjecturado a uma possível, e futura, realidade brasileira, na qual as mulheres trabalhadoras seriam necessárias ao desenvolvimento do país. E nesse caso, alguns preceitos deveriam ser adaptados:

[...] A escola do trabalho é a escola do aperfeiçoamento moral, condenar a mulher a um destino fatal de ser companheira do homem, negando-lhe a educação profissional para que seja apta, é condená-la na falta desse destino glorioso de ser mãe de família a se tornar um ente sem meios de trabalho nem recurso a infeliz, porque fica votada à perda do corpo e à condenação da alma. Não nos receamos do concurso da mulher no trabalho das indústrias, porque venha aumentar o número da classe dos operários; em primeiro lugar esse número fica limitado pela natureza do ofício; em segundo lugar, pela missão de mãe de família; e quando esse inconveniente trouxesse, que pode ser evitado por medidas preventivas, como dissemos, esses inconvenientes eram preferíveis à libertinagem e à prostituição, com todo cortejo de suas fatais consequências para a população.⁶¹

Antes operária que prostituta. Sem dúvida, é esta a máxima que pode ser concluída a partir do trecho destacado. Os então recentes debates a respeito da inserção da mulher ao mercado de trabalho, também passariam pelo filtro dos preceitos morais em voga na época.

⁶⁰ *O Globo*, 5 de abril de 1876, p.2.

⁶¹ T.A [pseudônimo não identificado]. “Curso de economia política professado na Escola Militar”. *O Globo*, 28 de julho de 1876, p.2.

Nesse sentido, a educação profissional seria compreendida como uma alternativa viável às mulheres pobres, especialmente àquelas que não tiveram oportunidade de contrair matrimônio e, desta forma, não podiam contar com o sustento dos maridos. Tais argumentos podem ser relacionados aos códigos em torno da honra feminina e à filosofia positivista que defendia o trabalho como fonte de regeneração moral. Trata-se, portanto, de um olhar que tem de ser compreendido em sua própria temporalidade.

No entanto, através do mesmo texto, o público-leitor do *Globo* seria colocado diante de uma realidade feminina pouco presente aos principais periódicos da época. Seria como se no “negativo” das considerações traçadas pelo redator seguisse a advertência de que as mulheres pobres existiam, nos confins industrializados e por aqui também; além disso, os sonhos casadoiros nem sempre se realizavam e, diante dessa situação, quais seriam as alternativas possíveis? Os questionamentos pareciam arrastar os leitores do *Globo* a realidades alheias, muitas vezes ignoradas, mas que quando expostas, poderiam suscitar novos olhares a respeito das experiências vivenciadas por tais mulheres.

Ainda sobre os inícios da inserção da mulher ao cotidiano do trabalho, destaca-se o relevante papel exercido pelas professoras que a partir de suas atividades conseguiam desfrutar de certa autonomia financeira, possibilidade tão incomum às mulheres da época. O magistério era reconhecido como uma das poucas profissões admitidas ao exercício feminino, visto que seria compreendido como extensão das funções maternas, “naturais ao gênero”.⁶² Portanto, no discurso, a profissão não subvertia o papel reservado às mulheres daquela sociedade.⁶³ Muitos dos textos veiculados no *Globo* afinavam-se a esse ideário e também defendiam que o ensino primário tinha de ser dirigido pelas mulheres, teoricamente mais aptas aos cuidados para com os pequenos:

A senhora tem mil qualidades superiores ao homem para o magistério, mui principalmente para lidar com crianças até 12 anos de idade, dotadas de mais

⁶² Segundo June E. Haner, na década de 1870, surgiria uma percepção da necessidade de reformas essenciais na organização da economia e do sistema político. E para os brasileiros que pregavam essa modernização material do Brasil, a educação seria um elemento essencial para o desenvolvimento do país, daí o apoio à educação feminina. No entanto, a ênfase ficou na maternidade, a qual eles ligavam ao progresso e ao patriotismo. Ver: HAHNER, June E. “Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX.” *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, 19 (2): 467-474, maio-agosto/2011.

⁶³ Ver: LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary Del (org) & BASSANEZI, Carla (coordenação de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. Ver, também: LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

paciência, graça, penetração e bondade conseguem prender mais a atenção dos meninos, amenizar a exposição e entretê-las de maneira que aproveitem mais com os meios brandos e suaves.⁶⁴

Entretanto, nas últimas décadas do século, novas discussões se articulariam ao redor do tema. Entre as décadas de 1870 e 1880 já se notavam as primeiras medidas em torno da profissionalização do magistério. Frequentada principalmente por mulheres, a Escola Normal pública, criada no Rio de Janeiro em 1880, foi um marco muito importante nesse processo.⁶⁵ Contudo, os indícios sobre tal questão já entrariam para a pauta do *Globo* antes da criação da Escola, através de artigos que muitas vezes se referiam a outras localidades. Um exemplo disso pode ser apreendido no seguinte trecho de um texto que abordava a necessidade de formação das professoras na província de São Paulo:

[...] Além do mais, seria preciso habilitar [as] professoras, isto é, normalizá-las, da mesma forma por que estamos procedendo com os professores. Estará a economia na possibilidade de serem os vencimentos das professoras menores que os dos professores? Se a questão é essa, questão de barato, então tudo estará feito, sem necessidade de inovação, procurando professores *baratos* e deixando por eles os normalistas, que são mais caros.⁶⁶

O mesmo texto “colocava em xeque” a restrição das professoras somente ao âmbito do ensino primário. Os exemplos de São Paulo se referiam a professoras que lecionavam no ensino secundário, além dos casos de diretoras de colégios mistos que tomavam a frente de tais instituições habilmente, zelando pelos princípios morais imprescindíveis ao convívio naqueles ambientes. Portanto, o artigo apresentava uma realidade próxima e, ao mesmo tempo, diversa daquela que era cotidiana aos leitores do Rio de Janeiro. Não podemos deixar de enfatizar ainda a questão da “normalização” das professoras, ou seja, da necessidade de profissionalizar tal mão de obra. Dessa maneira, se a orientação formal tornava-se necessária, talvez isso pudesse significar que o “ponto pacífico” a respeito da inata aptidão das mulheres ao ensino estaria começando a ganhar vozes dissidentes. Era preciso ensinar a ensinar.

⁶⁴ “Reformas necessárias”. *O Globo*, 18 de fevereiro de 1876, p.1.

⁶⁵ Em seu primeiro ano, a Escola Normal funcionou com 282 alunos, 105 do sexo masculino e 177 do sexo feminino. A finalidade do estabelecimento era a formação de professores para o ensino primário. Ver: STEIN, Ingrid. (1984). *Op.cit.*, p.27.

⁶⁶ “Mala de S. Paulo”. *O Globo*, 3 de março de 1876, p.1.

Porém, distante das normatizações e dos muros escolares, outra realidade educacional afirmava-se. A página de anúncios do *Globo* vivia recheada de professores e, principalmente, de professoras oferecendo seus serviços aos interessados em tomar aulas particulares. Trata-se de um mercado informal, paralelo, no entanto pouco desprezível se levarmos em conta sua penetração entre aqueles que não tinham acesso ao ensino formal, ou até mesmo entre aqueles que tinham, mas desejavam aprimorar-se em determinadas habilidades. Na maioria das vezes, as anunciantes eram senhoras que ensinavam as primeiras letras, francês, bordados, lições de piano:

Professora: uma senhora habilitada, deseja encontrar colégio ou casa de família onde possa exercer magistério. M.G.V.⁶⁷

Lições de piano: uma senhora às dá em casas particulares; trata-se na Rua do Conde do Bonfim, nº 56, Andaraí Pequeno.⁶⁸

Se de um lado observamos as professoras oferecendo seus préstimos, de outro, havia os anunciantes que, certos de que tais profissionais estariam entre o público-leitor do *Globo*, tratavam de procurá-las por ali:

PROFESSORA: Precisa-se para uma fazenda em serra acima, de uma senhora professora que saiba lecionar português, francês, geografia, música e todos os trabalhos d'agulha, e cujas habilitações e moralidade sejam atestadas por pessoa da maior confiança; trata-se à Rua Primeiro de Março, nº 47, 1º andar.⁶⁹

Moralidade. Predicado importantíssimo a essas influentes profissionais que tinham contato tão próximo com as crianças em idade escolar. Recorrendo-se a mais uma citação, eis um “pai de família”, para lá de insatisfeito com o palavreado utilizado por uma professora em um colégio para meninas:

Colégio Santa Margarida: Roga-se a Exma. Diretora deste colégio o obséquio de coibir uma professora que a substitui, de repreender as meninas com palavras menos próprias da melindrosa posição que ocupa. Se S. Ex. não tomar medidas, continuaremos.
Um pai de família.⁷⁰

⁶⁷ *O Globo*, 16 de fevereiro de 1876, p.4.

⁶⁸ *O Globo*, 5 de junho de 1876, p.4.

⁶⁹ *O Globo*, 16 de maio de 1876, p.4.

⁷⁰ *O Globo*, 5 de fevereiro de 1876, p.3.

Entre matronas “deselegantes” e delicadas senhoras orientadoras de maneiras finas, as leituras empreendidas no *Globo* revelam parte das transformações e choques em torno da inserção da mulher aos meios que lhe eram negados até então. Se somente em último caso o trabalho fabril seria cogitado - mas ainda assim seria cogitado -, em relação ao ensino, havia certa tolerância delimitada pelos valores morais da época. Mas, pelo visto, brechas às transgressões eram inevitáveis. E se ampliarmos nosso raciocínio às influências e ideias cultivadas por tais mulheres junto às suas alunas e alunos, daí talvez possamos começar a entender os temores acerca de suas virtudes.

No interior do *Globo* nos deparamos com vários textos que questionavam a origem das professoras e diretoras que atuavam nos colégios, especialmente no caso das estrangeiras, tão comuns ao cotidiano escolar da Corte e, na maioria das vezes, acusadas de despreparo e falta de vocação para o ofício. A suposta permissividade dessas profissionais era a principal crítica levantada pelo jornal que, frequentemente, as acusava de influenciar negativamente as jovens brasileiras com romances imorais, trazidos por elas a tiracolo:

[...] Em geral, as diretoras de colégios entre nós ou são estrangeiras, que em seus países jamais se ocuparam de instrução, ou que mesmo aqui se empregaram em outros misteres dignos, onde poucas vantagens tiraram, e que em desespero de causa imaginam, como meio de vida, abrir colégio.

[...] As escolas públicas de meninas, em geral, estão mal situadas, com muito raras exceções se ocupam as professoras do ensino e da educação, adjuntas de muitos poucos conhecimentos é que lidam com as meninas; por qualquer motivo fútil deixam-se retirar as alunas antes da hora regulamentar, recebem visitas de amigas, interrompendo a cada momento as aulas, **deixam circular nas mesas romances franceses e imorais, que deveriam ser banidos das casas de família, falam às crianças em bailes e modas**, e o que é mais curioso a tais estabelecimentos, raras vezes, ou para dizer a verdade, nunca chega a inspeção oficial.⁷¹

As informações trazidas pelo texto são pouco precisas, e partindo-se somente delas não é possível afirmar exatamente qual o tipo de literatura criticada. A partir das preocupações enfatizadas no trecho, podemos concluir apenas que se trata de uma discussão em torno das possíveis deturpações na índole de meninas que tinham contato direto com essas professoras estrangeiras “doutas” em bailes, modas e romances franceses imorais. O próximo texto destacado dialoga com as considerações traçadas no excerto anterior, e relacionando ambas as citações, torna-se possível galgarmos alguns passos no

⁷¹ Grifo nosso. “Reformas necessárias à instrução pública”. *O Globo*, 12 de março de 1876, p.1.

desvendamento dos elementos que constituem essa “literatura imoral”, veementemente combatida no discurso editorial da folha:

Reformas necessárias na instrução pública

A mocidade brasileira carece ser educada, isso deve ser feito não nos colégios e nas instituições de instrução, mas em casa, no seio das famílias, com os conselhos prudentes e os exemplos práticos, evitando-se o mais possível o contato com os escravos e criados, **a leitura de maus livros e mui principalmente dessa quantidade de romances franceses da escola realista, cheios da primeira à derradeira página de cenas imorais, onde são sempre ridicularizados os mais elevados sentimentos e as mais nobres virtudes.**

Pelos livros que lê um povo e prefere uma sociedade se pode desde logo formar ideia de seu grau de moralidade e de seu estado de adiantamento.

Um observador sagaz e pensador eminente, que faz honra a França, diz que em visita demorada por ele feita a Inglaterra, onde frequentou várias famílias desde a do Duque de Richmond até às de modestos operários, que vivem nos arredores de Manchester, jamais viu as crianças de ambos os sexos com um mau livro em mãos, ou divertindo-se em folhear jornais de modas e romances imorais, como os que corrompem a mocidade francesa, mas viu em todas as habitações as *Viagens de Livingstone* e livros a este semelhantes.

São essas observações, de Taine, e estão consignadas em seu livro sobre a Inglaterra.

A impressão que Taine receberia entre nós, se aqui viesse e tratasse de saber quais os livros preferidos pelos meninos e meninas brasileiros para se distraírem, não seria precisamente a mesma que tem naquele país de bom senso.

Os maus romances franceses, as mais imorais composições dramáticas, as gazetas de escândalo e folhetins indecentes, têm enorme extração no Brasil; a folha francesa que mais leitores conta na capital do Império é o *Fígaro*, o *Times* o *Tempo* têm aqui meia dúzia de assinantes, quase todos estrangeiros.

A *Revista de Edimburgo* e a *Bibliotheca de Genebra*, são quase desconhecidas no Brasil.

É, pois, indispensável que no seio das famílias se levante uma cruzada para impedir que os maus livros vão perverter as crianças, quando ainda estão em idade de serem bem encaminhadas.

Os meios mais convenientes são desenvolver nos meninos o gosto pelos bons livros, fazê-los ler descrições de viagem e explicar-lhes a menor circunstância, de modo que naquilo achem eles atrativo, em vez de conversas banais e fúteis sobre a vida alheia, ensinar-lhes a história dos grandes homens, principiando pelo fundador da nossa religião, deixando de lado algum ponto que careça mais algum desenvolvimento filosófico.

Não se deve consentir, em caso algum, a entrada de romances de certos autores.

Poderão haver livros mais cheios de moralidade, conhecimentos úteis e proveitosos e atrativos de toda espécie, que todos os trabalhos de Júlio Verne?

Aí está uma leitura amena e que faz bem ao espírito.

A leitura de bons livros, os conselhos prudentes, nenhum contato pessoal que nos serve, saber apresentar em tempo às crianças bons exemplos, o maior escrúpulo nas companhias, eis os meios mais eficazes para a educação da mocidade. [...] ⁷²

⁷² Grifo nosso. *O Globo*, 18 de março de 1876, p.1.

Novamente os romances franceses eram citados pela ampla circulação entre a mocidade brasileira, e mais uma vez, tais obras seriam associadas a um conteúdo libertino. No entanto, nesse último caso, parece haver um esforço na “tipificação” de tal literatura, pois, de acordo com o texto, esses “maus livros” se adequavam aos pressupostos de certa “escola realista” onde sempre eram ridicularizados os mais elevados sentimentos e as mais nobres virtudes. Ainda assim, não seriam citados títulos ou autores da famigerada “escola”. Mas se os “maus exemplos” eram somente insinuados, “os bons” eram claramente elencados, e talvez, lendo-se através dessas recomendações positivas, poderemos nos aproximar também daquilo que era desprezado e rotulado de forma negativa pelos editores do *Globo*.

Nos termos postulados por Taine, o jornal se alinhava a uma literatura de caráter pedagógico-moral que buscava instruir o leitor para além de entretê-lo e, por isso, eram recomendados os relatos de viagem que não pecavam em obscenidades e ofereciam conteúdos educativos aos seus leitores. Em meio a tais recomendações, eram destacados os trabalhos de Júlio Verne, compreendidos como exemplos de moralidade e de “utilitarismo”, tendo-se em vista os desígnios dos positivistas na incorporação da ciência ao discurso literário. Portanto, podemos depreender que estamos diante de um debate que perpassa as influências da literatura na (de)formação do caráter moral do público-leitor.

As informações trazidas pelo texto, e confirmadas por diversos pesquisadores, apontam ainda para a ampla disseminação dos jornais franceses entre o público brasileiro. De acordo com Valéria Guimarães⁷³, parte significativa desses periódicos com grande sucesso no Brasil era vinculada a uma imprensa de entretenimento que, muitas vezes, primava pelo sensacionalismo com o intuito de atingir um amplo mercado. A partir daí, torna-se compreensível a alcunha de “gazeta de escândalos” sublinhada no artigo do *Globo*.

O caso do jornal *Le Figaro* denotaria ainda mais atenção, pois, de acordo com o texto, este seria o periódico com o maior número de leitores na capital do Império. Segundo Guimarães, o *Le Figaro* deve ser compreendido como um contraponto às popularescas folhas como o *Le Petit Journal*, contudo, e apesar de mais sóbrio, o jornal também contava com as seções de *fait divers* e *Nouvelles Diverses*, que garantiam o acesso dos leitores

⁷³ GUIMARÃES, Valéria. “Jornais franceses no Brasil”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho/2011, pp.1-15.

brasileiros às novidades cotidianas e à cena literária francesa da época. Se folhearmos alguns números do *Le Figaro*⁷⁴, facilmente reconheceremos autores comuns aos leitores brasileiros de então. Dentre os mais recorrentes folhetinistas citamos: Xavier de Montépin; Granier de Cossagnac; Albéric Second; Paul de Kóck; George Sand; Alfred de Musset. Dizemos “comuns”, pois muitas das obras desses autores foram traduzidas e publicadas em nossos periódicos, inclusive no *Globo*.⁷⁵

Conforme exposto, as críticas desferidas nos textos publicados no *Globo* contra essa literatura imoral/realista se dão a partir de diversas vertentes. Inicialmente, as atenções se voltariam ao ambiente escolar, onde, através das professoras estrangeiras, as alunas teriam acesso a romances considerados inapropriados. Todavia, os licenciosos romances franceses também chegavam por meio da imprensa, com seus inúmeros folhetins. Na verdade, a conjugação de todas essas facetas constitui um longo debate muito presente durante todo o século XIX, e que diz respeito à aceitação do romance como gênero literário. Segundo Valéria Augusti⁷⁶, o prestígio do romance no Brasil foi resultado de um longo percurso histórico nas malhas do discurso da crítica, que se materializou em diversas formas editoriais, das mais efêmeras, como a imprensa, às mais consagradas, como as que destinavam ao uso escolar.

Ao longo de sua análise, a autora propõe alguns marcos cronológicos que demarcam tal percurso. Dessa forma, nos inícios do século, o romance, em sua concepção e em suas práticas de leitura, seria associado a uma atividade amena, que não requeria muitos esforços por se destinar ao mero deleite. A partir da década de 1860, o romance seria apropriado pelo discurso escolar, tornando-se expressão da identidade nacional, no entanto, não se tratava de uma aproximação das obras já populares de escritores como Joaquim Manoel de Macedo ou José de Alencar; os compêndios escolares se alinhavam às categorias clássicas de análise firmadas na antiguidade. Estudava-se, portanto, a correção da linguagem, o uso

⁷⁴ Disponíveis no endereço eletrônico: <http://gallica.bnf.fr> (acessado em maio de 2013).

⁷⁵ Dos autores citados, no *Globo*, foram publicados os seguintes títulos: *A viscondessa Alice*, de Albéric Second (entre agosto e setembro de 1874); *História de um melro branco*, de Alfred de Musset (setembro de 1874); *O segredo de Javotte*, de Alfred de Musset (entre abril e maio de 1875); *Pedro e Camilla*, de Alfred de Musset (maio de 1875); *Mimi Pinson: perfil de costureira*, de Alfred de Musset (entre maio e junho de 1875); *Flamarande*, de George Sand (entre setembro de 1875 e janeiro de 1876); e *Os dois irmãos* – continuação de *Flamarande*, de George Sand (entre janeiro e fevereiro de 1876).

⁷⁶ AUGUSTI, Valéria. “Do gosto inculto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.” In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2008, pp.393-414.

de recursos estilísticos, bem como as unidades de ação e a verossimilhança. Ainda de acordo com Augusti, a institucionalização do romance se deu mais fortemente ao longo da década de 1870, quando inúmeras transformações ocorreram. A primeira delas seria a inserção de autores brasileiros no *corpus* ficcional das histórias literárias; a segunda residiria na intensificação dos esforços teóricos dos retores no sentido de definir o gênero e ensinar a escrevê-lo; a terceira seria a incorporação do romance no ensino do vernáculo. Tudo isso, sem perder-se de vista os pressupostos pedagógico-morais que guiavam tais ensinamentos.

Paralelo aos esforços institucionais para fundação de um cânone, a imprensa se constituiria em espaço de grande visibilidade para escritores que pretendiam construir uma reputação, e até para aqueles que já a tinham feita. Era na imprensa que se davam as avaliações críticas das obras recém-lançadas, bem como os rumos da construção de uma literatura nacional. Desde a década de 1870, as páginas dos jornais repercutiam as vozes de um debate que resultaria em mudanças significativas no estatuto do romance. A partir de uma perspectiva evolucionista muito presente à época, parte da crítica colocaria em suspeita o arcabouço clássico que orientava os processos de escrita e análise do romance, assim como o lugar ainda pouco prestigioso que o mesmo ocupava na hierarquia entre os gêneros. Acusando seus antecessores de imperícia na representação da realidade, esses autores elevavam o estatuto do romance a um nível mais complexo, de difícil concepção, na medida em que se exigia certa fidelidade ao real, além do conhecimento de uma metodologia pautada pela análise investigativa.⁷⁷

Para além das teorias empiristas, a consagração do romance também seria resultado da expansão do mercado editorial nas últimas décadas do século XIX. O aumento expressivo do número de periódicos e o surgimento de diversas casas editoriais proporcionaram a ampliação da circulação de obras dedicadas ao chamado “grande público”. Segundo os apontamentos de Valéria Augusti, nesse momento se acirriariam os debates críticos em torno daquilo que seria compreendido como “obra de arte”, com alto

⁷⁷ “As considerações da crítica brasileira a respeito do método experimental de escrita do romance pautavam-se sobretudo nas reflexões de Émile Zola a respeito do assunto. Em *Do romance*, Zola descreve meticulosamente os processos de criação do romance e afirma que apenas depois de estabelecidas notas e reunidos múltiplos documentos sobre um assunto que se pretendesse tratar, é que o romancista poderia decidir-se a escrever.” Conferir: ZOLA, Émile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. (Tradução: Plínio Augusto Coelho). São Paulo: Editora Imaginário/Edusp, 1995, pp.24-25. Apud. AUGUSTI, Valéria. *Idem*, p.410.

valor simbólico, em detrimento do que seria interpretado como “obra de fancaria”, numa clara desvalorização das produções consideradas “grosseiras” por se adequarem às demandas desse ascendente mercado de letras. No bojo de tantos “juízos de valor”, seriam recorrentes as críticas baseadas em requisitos morais, especialmente no crivo daquilo que seria consumido pelo público feminino.

A partir do esboço desse cenário, podemos retomar os textos veiculados no *Globo*, constatando-se que devemos relacionar os significados de tais abordagens a uma ampla gama de debates. E embora não tenhamos interesse em desenvolver uma discussão teórica sobre o realismo, por nos parecer desnecessária aos interesses de nossa dissertação, ainda assim, acreditamos que um exame um pouco mais atento do próprio jornal pode nos aproximar dos pressupostos envolvidos na concepção de tal estética.

Alguns dos textos veiculados no *Globo* se referem, muitas vezes, a um realismo teatral, que na interpretação desses críticos poderia acometer algumas interpenetrações ao fazer literário. A partir dessa argumentação são citadas peças recém-surgidas na França e que pareciam incomodar os críticos brasileiros pelos temas abordados: adultérios, crimes de honra, assassinatos passionais, etc. Os pressupostos na negação de tais obras sempre se baseavam nas preocupações da recepção e influência entre o público-leitor. Dos títulos podemos citar *La Vénus de Gordes* (1875), de Adolphe Belot e Ernest Daudet; *Férreol* (1875), de Victorien Sardou; além de algumas críticas referentes às obras de Alexandre Dumas (filho), como por exemplo, o caso da peça *O Filho Natural* (1858).⁷⁸

⁷⁸ “[...] Em França, onde se inclinam as letras para um grosseiro realismo, que pode corrompê-las e acabar com elas. O manancial das inspirações dramáticas encontra-se hoje na *Gazeta dos Tribunais*. As suas causas célebres dão pasto a três ou quatro teatros, e papéis a trinta ou quarenta atores. Dentro em pouco, seguindo por esse tortuosíssimo caminho, irão os poetas procurar a sua colaboração mais experimentada e legítima entre os carcereiros e os verdugos. *A Vénus de Gordes*, por exemplo, não é a Vénus de Milo. Pelo contrário, é uma camponesa formosa, ardentíssima, sensual, grosseira, que, depois de ter quase consumido nos seus braços o esposo legítimo devorado por uma horrível tísica, consome furiosamente um amante, como ela impetuoso e como ela robusto. E nesse furor de todos os seus sentidos incomoda-a o esposo moribundo, e obriga o amante enlouquecido a que lhes descarregue um tiro, e lhe dê a morte de pronto. Eis o argumento da *Vénus de Gordes*, mitigado com véus que o autor não emprega na sua paixão pela realidade e no seu culto por todas as cruezas, por uma nudez alheia completamente, não digo já a toda a moral, mas a toda a decência. O público protestou ardentemente contra esse drama. E quando julgávamos que o mau êxito da *Vénus de Gordes* dissuadira o público e os autores de persistir nesses espinhosíssimos argumentos, eis a aparição de *Férreol*, outro drama de Sardou, fundado também na *Gazeta dos Tribunais*, e também cheio de adultérios, de assassinatos, processos, acusações do Ministério Público, defesa de advogado e sentenças jurídicas. Prosa, prosa, prosa; no templo da poesia e nos céus da arte.” [“Cartas de Pariz”. *O Globo*, 12 de janeiro de 1876, p.2.]. E sobre Alexandre Dumas (filho): “Os filhos naturais e a averiguação da paternidade. (Carta de Alexandre Dumas)”. *O Globo*, 8 de fevereiro de 1876, p.2. (parte I) e 9 de fevereiro de 1876, p.1. (parte II: conclusão). / “Dumas Filho julgado por seu pai”. *O Globo*, 3 de abril de 1876, p.2.

Além disso, através do exame de anúncios publicitários presentes no jornal, também podemos nos aproximar um pouco mais dos hábitos de leitura do público brasileiro de então. Segue um exemplo de anúncio da famosa Livraria Garnier, retirado das páginas do *Globo*:

LIVRARIA B. L. GARNIER
65 RUA DO OUVIDOR 65
BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA
collecção in-12 a 1\$ o vol. br. e enc. 1\$600

<table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>L. F. DA VEIGA</td><td>— Dicionário dos nomes próprios.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>ALFREDO DE MUSSET</td><td>— O segredo de Jovotte.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Contos.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Pedro e Camilla.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>PIRES DE ALMEIDA</td><td>— Martyres da vida íntima.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>JORGE VELLO</td><td>— Folhas silvestres.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>ALBERG SECOND</td><td>— A viscondessa Alice.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>DEMOPHILO</td><td>— Catholicismo Constitucional.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>J. DE ALENCAR</td><td>— Tili.</td><td>4 v.</td><td></td></tr> <tr><td>BERN. GUIMARÃES</td><td>— O índio Afonso.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>J. FEUILLET</td><td>— Julia.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>O. SANDAU</td><td>— João de Thommeray.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>FAUSTO</td><td>— Um casamento de tirar o chapéu.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A casa de um baronato.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Scenes da vida republicana.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Um provinciano ladino.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Dois dias de felicidade no campo.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Um marido por um pé de meia.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O paodego.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O bom do Sr. Leitão.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Contos juvenis.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Contos da roça.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A mulher de Fogo.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Matricida.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Dacolar e Lubin.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Onriz de um tabellião.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Homem-Mulher.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Sophia Printemps.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Friquette.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Memórias.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Casa Pardillon & C.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Confissão d'um Badenese.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Doutor Judassohn.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Vida Infernal.</td><td>6 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Corda na Garganta.</td><td>5 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Mart'ã.</td><td>3 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Sobrevivente.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A arte de agradar.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Madro de Margarida.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Condessa de Nancy.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Amante de Alice.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Bisamo.</td><td>4 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Lucía.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Rolande.</td><td>2 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Arte de ganhar dinheiro.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> <tr><td>—</td><td>— Avatar.</td><td>1 v.</td><td></td></tr> </table>	L. F. DA VEIGA	— Dicionário dos nomes próprios.	1 v.		ALFREDO DE MUSSET	— O segredo de Jovotte.	1 v.		—	— Contos.	1 v.		—	— Pedro e Camilla.	1 v.		PIRES DE ALMEIDA	— Martyres da vida íntima.	1 v.		JORGE VELLO	— Folhas silvestres.	2 v.		ALBERG SECOND	— A viscondessa Alice.	1 v.		DEMOPHILO	— Catholicismo Constitucional.	1 v.		J. DE ALENCAR	— Tili.	4 v.		BERN. GUIMARÃES	— O índio Afonso.	1 v.		J. FEUILLET	— Julia.	1 v.		O. SANDAU	— João de Thommeray.	1 v.		FAUSTO	— Um casamento de tirar o chapéu.	1 v.		—	— A casa de um baronato.	1 v.		—	— Scenes da vida republicana.	1 v.		—	— Um provinciano ladino.	1 v.		—	— Dois dias de felicidade no campo.	1 v.		—	— Um marido por um pé de meia.	1 v.		—	— O paodego.	1 v.		—	— O bom do Sr. Leitão.	1 v.		—	— Contos juvenis.	1 v.		—	— Contos da roça.	2 v.		—	— A mulher de Fogo.	2 v.		—	— O Matricida.	2 v.		—	— Dacolar e Lubin.	2 v.		—	— Onriz de um tabellião.	1 v.		—	— O Homem-Mulher.	1 v.		—	— Sophia Printemps.	2 v.		—	— Friquette.	2 v.		—	— Memórias.	2 v.		—	— A Casa Pardillon & C.	2 v.		—	— Confissão d'um Badenese.	1 v.		—	— O Doutor Judassohn.	1 v.		—	— A Vida Infernal.	6 v.		—	— A Corda na Garganta.	5 v.		—	— Mart'ã.	3 v.		—	— O Sobrevivente.	1 v.		—	— A arte de agradar.	1 v.		—	— O Madro de Margarida.	2 v.		—	— A Condessa de Nancy.	2 v.		—	— O Amante de Alice.	2 v.		—	— O Bisamo.	4 v.		—	— Lucía.	2 v.		—	— Rolande.	2 v.		—	— Arte de ganhar dinheiro.	1 v.		—	— Avatar.	1 v.		<table border="0" style="width: 100%;"> <tr><td>—</td><td>— Curvas e Zig-Zags, caprichos humorísticos</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— 1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Contos sem pretensão.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Filigranas.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Nocturnos.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— CONTRAN BORYS. Os Vadios de Paris.</td><td>2 v. enc.</td><td>6\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— GABRIEL FERRY. O Mateiro ou os Bandeirantes.</td><td>3 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— GAUTHIER (Thaophil) Mademoiselle de Maupin.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Novellas: O Vellocinio, Omphalia, O Cãozinho da Marqueza, O Ninho de Rouxinões, A Amante d'Além Tumbulo, A Cadeira de Ouro, uma noite de Cleopatra.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Rei Candaulo. Fortunio.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— MACHADO DE ASSIS. Resurreição.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Historia da Meia-Noite.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Americanas.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— SMILES. O Poder da vontade.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— M. CENZO. (P. M.) Um Noivo e duas Noivas, romances.</td><td>2 vols. enc.</td><td>8\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Nanoradeira. romance.</td><td>3 vols. enc.</td><td>8\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— As Mulheres de Mantilha. rom. historico.</td><td>2 v. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Lenda Magica. romance.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Moreninha. 1 vol. com estampas.</td><td>enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Culto do Dever.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Memórias do Sobrinho de meu Tio.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Mago Loiro.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Os Dois Amores.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Nina. romance.</td><td>2 vols. in 8° enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Romances da semana.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Rosa.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— PR. FELIO JUNIOR. Primicias, poesias.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— HOUSAYE (Arsenio) Mademoiselle Cleopatra, historia pariziense.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O romance da Duquesa.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Mademoiselle, historia pariziense.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— G. BORRAU (E. O.) Crises d'Oreval.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— BORRAU (J. B.) Como e por que me tornei espirita, com fac-simile dos autographos da escripta directa de um espirito familiar.</td><td>1 vol. in-8 enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— LIAIS (Emm.) Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas, Versão de A. Gallo.</td><td>1 vol. enc.</td><td>2\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— ALBERG SECOND. O Dia de S. Nunca. romance, versão de Salvador de Mendonça.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— VALMONT (V.) O Espião Prussiano. romance historico resumido os principaes acontecimentos da guerra prussiana; traduzido por V. Colonna.</td><td>1 grosso vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— VERNÉ (Julio). Descoberta da terra.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Chancelier Martin Paz.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Viagem ao centro da terra.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Ilha Mysteriosa.</td><td>3 vols. enc.</td><td>9\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Viagem ao redor do mundo em 80 dias.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Os Filhos do Capitão Grant.</td><td>3 vols. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A Terra dos Pelles.</td><td>2 vols. enc.</td><td>5\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Da Terra à Lua.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma invernação nos gelos; Um drama nos ares.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— A. B. Rador de Luis.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Aventuras de tres russos e de tres inglezas.</td><td>1 v. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Cinco semanas em balão.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Uma cidade fluctuante.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Descobrimto prodigioso.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— MOREIRA DE AZEVEDO. Moços Brazileiros.</td><td>1 v. in-8 enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— TEIXEIRA E SOUZA. Maria ou a menina roubada.</td><td>1 v. enc.</td><td>2\$500</td></tr> <tr><td>—</td><td>— O Filho do Pescador.</td><td>1 vol. enc.</td><td>2\$500</td></tr> <tr><td>—</td><td>— ROZENDO MONIZ Favos e Travos.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— BRUNO (G.) Ophidias. Encyclopeda da Infancia.</td><td>1 vol. in-8. encadernado 2\$500, brochado.</td><td>2\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— G. SAND. Flamaranda.</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>—</td><td>— Dois Irmãos (contin. de Flamaranda).</td><td>1 vol. enc.</td><td>3\$000</td></tr> </table>	—	— Curvas e Zig-Zags, caprichos humorísticos	5\$000	—	— 1 v. enc.	3\$000	—	— Contos sem pretensão.	3\$000	—	— Filigranas.	3\$000	—	— Nocturnos.	3\$000	—	— CONTRAN BORYS. Os Vadios de Paris.	2 v. enc.	6\$000	—	— GABRIEL FERRY. O Mateiro ou os Bandeirantes.	3 v. enc.	3\$000	—	— GAUTHIER (Thaophil) Mademoiselle de Maupin.	1 v. enc.	3\$000	—	— Novellas: O Vellocinio, Omphalia, O Cãozinho da Marqueza, O Ninho de Rouxinões, A Amante d'Além Tumbulo, A Cadeira de Ouro, uma noite de Cleopatra.	1 v. enc.	3\$000	—	— O Rei Candaulo. Fortunio.	1 v. enc.	3\$000	—	— MACHADO DE ASSIS. Resurreição.	1 v. enc.	3\$000	—	— Historia da Meia-Noite.	1 v. enc.	3\$000	—	— Americanas.	1 v. enc.	3\$000	—	— SMILES. O Poder da vontade.	1 v. enc.	3\$000	—	— M. CENZO. (P. M.) Um Noivo e duas Noivas, romances.	2 vols. enc.	8\$000	—	— A Nanoradeira. romance.	3 vols. enc.	8\$000	—	— As Mulheres de Mantilha. rom. historico.	2 v. enc.	5\$000	—	— A Lenda Magica. romance.	2 vols. enc.	5\$000	—	— A Moreninha. 1 vol. com estampas.	enc.	3\$000	—	— Culto do Dever.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Memórias do Sobrinho de meu Tio.	2 vols. enc.	5\$000	—	— O Mago Loiro.	2 vols. enc.	5\$000	—	— Os Dois Amores.	2 vols. enc.	5\$000	—	— Nina. romance.	2 vols. in 8° enc.	5\$000	—	— Romances da semana.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Rosa.	2 vols. enc.	5\$000	—	— PR. FELIO JUNIOR. Primicias, poesias.	1 vol. enc.	3\$000	—	— HOUSAYE (Arsenio) Mademoiselle Cleopatra, historia pariziense.	1 vol. enc.	3\$000	—	— O romance da Duquesa.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Mademoiselle, historia pariziense.	1 vol. enc.	3\$000	—	— G. BORRAU (E. O.) Crises d'Oreval.	1 vol. enc.	3\$000	—	— BORRAU (J. B.) Como e por que me tornei espirita, com fac-simile dos autographos da escripta directa de um espirito familiar.	1 vol. in-8 enc.	3\$000	—	— LIAIS (Emm.) Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas, Versão de A. Gallo.	1 vol. enc.	2\$000	—	— ALBERG SECOND. O Dia de S. Nunca. romance, versão de Salvador de Mendonça.	1 vol. enc.	3\$000	—	— VALMONT (V.) O Espião Prussiano. romance historico resumido os principaes acontecimentos da guerra prussiana; traduzido por V. Colonna.	1 grosso vol. enc.	3\$000	—	— VERNÉ (Julio). Descoberta da terra.	1 vol. enc.	3\$000	—	— O Chancelier Martin Paz.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Viagem ao centro da terra.	1 vol. enc.	3\$000	—	— A Ilha Mysteriosa.	3 vols. enc.	9\$000	—	— Viagem ao redor do mundo em 80 dias.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Os Filhos do Capitão Grant.	3 vols. enc.	3\$000	—	— A Terra dos Pelles.	2 vols. enc.	5\$000	—	— Da Terra à Lua.	1 vol. enc.	3\$000	—	— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma invernação nos gelos; Um drama nos ares.	1 vol. enc.	3\$000	—	— A. B. Rador de Luis.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Aventuras de tres russos e de tres inglezas.	1 v. enc.	3\$000	—	— Cinco semanas em balão.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Uma cidade fluctuante.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Descobrimto prodigioso.	1 vol. enc.	3\$000	—	— MOREIRA DE AZEVEDO. Moços Brazileiros.	1 v. in-8 enc.	3\$000	—	— TEIXEIRA E SOUZA. Maria ou a menina roubada.	1 v. enc.	2\$500	—	— O Filho do Pescador.	1 vol. enc.	2\$500	—	— ROZENDO MONIZ Favos e Travos.	1 vol. enc.	3\$000	—	— BRUNO (G.) Ophidias. Encyclopeda da Infancia.	1 vol. in-8. encadernado 2\$500, brochado.	2\$000	—	— G. SAND. Flamaranda.	1 vol. enc.	3\$000	—	— Dois Irmãos (contin. de Flamaranda).	1 vol. enc.	3\$000
L. F. DA VEIGA	— Dicionário dos nomes próprios.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
ALFREDO DE MUSSET	— O segredo de Jovotte.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Contos.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Pedro e Camilla.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
PIRES DE ALMEIDA	— Martyres da vida íntima.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
JORGE VELLO	— Folhas silvestres.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
ALBERG SECOND	— A viscondessa Alice.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
DEMOPHILO	— Catholicismo Constitucional.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
J. DE ALENCAR	— Tili.	4 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
BERN. GUIMARÃES	— O índio Afonso.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
J. FEUILLET	— Julia.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
O. SANDAU	— João de Thommeray.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
FAUSTO	— Um casamento de tirar o chapéu.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A casa de um baronato.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Scenes da vida republicana.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Um provinciano ladino.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Dois dias de felicidade no campo.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Um marido por um pé de meia.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O paodego.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O bom do Sr. Leitão.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Contos juvenis.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Contos da roça.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A mulher de Fogo.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Matricida.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Dacolar e Lubin.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Onriz de um tabellião.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Homem-Mulher.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Sophia Printemps.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Friquette.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Memórias.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A Casa Pardillon & C.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Confissão d'um Badenese.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Doutor Judassohn.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A Vida Infernal.	6 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A Corda na Garganta.	5 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Mart'ã.	3 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Sobrevivente.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A arte de agradar.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Madro de Margarida.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— A Condessa de Nancy.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Amante de Alice.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— O Bisamo.	4 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Lucía.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Rolande.	2 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Arte de ganhar dinheiro.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Avatar.	1 v.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Curvas e Zig-Zags, caprichos humorísticos	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— 1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Contos sem pretensão.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Filigranas.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— Nocturnos.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
—	— CONTRAN BORYS. Os Vadios de Paris.	2 v. enc.	6\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— GABRIEL FERRY. O Mateiro ou os Bandeirantes.	3 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— GAUTHIER (Thaophil) Mademoiselle de Maupin.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Novellas: O Vellocinio, Omphalia, O Cãozinho da Marqueza, O Ninho de Rouxinões, A Amante d'Além Tumbulo, A Cadeira de Ouro, uma noite de Cleopatra.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O Rei Candaulo. Fortunio.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— MACHADO DE ASSIS. Resurreição.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Historia da Meia-Noite.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Americanas.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— SMILES. O Poder da vontade.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— M. CENZO. (P. M.) Um Noivo e duas Noivas, romances.	2 vols. enc.	8\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A Nanoradeira. romance.	3 vols. enc.	8\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— As Mulheres de Mantilha. rom. historico.	2 v. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A Lenda Magica. romance.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A Moreninha. 1 vol. com estampas.	enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Culto do Dever.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Memórias do Sobrinho de meu Tio.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O Mago Loiro.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Os Dois Amores.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Nina. romance.	2 vols. in 8° enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Romances da semana.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Rosa.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— PR. FELIO JUNIOR. Primicias, poesias.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— HOUSAYE (Arsenio) Mademoiselle Cleopatra, historia pariziense.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O romance da Duquesa.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Mademoiselle, historia pariziense.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— G. BORRAU (E. O.) Crises d'Oreval.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— BORRAU (J. B.) Como e por que me tornei espirita, com fac-simile dos autographos da escripta directa de um espirito familiar.	1 vol. in-8 enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— LIAIS (Emm.) Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas, Versão de A. Gallo.	1 vol. enc.	2\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— ALBERG SECOND. O Dia de S. Nunca. romance, versão de Salvador de Mendonça.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— VALMONT (V.) O Espião Prussiano. romance historico resumido os principaes acontecimentos da guerra prussiana; traduzido por V. Colonna.	1 grosso vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— VERNÉ (Julio). Descoberta da terra.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O Chancelier Martin Paz.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Viagem ao centro da terra.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A Ilha Mysteriosa.	3 vols. enc.	9\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Viagem ao redor do mundo em 80 dias.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Os Filhos do Capitão Grant.	3 vols. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A Terra dos Pelles.	2 vols. enc.	5\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Da Terra à Lua.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma invernação nos gelos; Um drama nos ares.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— A. B. Rador de Luis.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Aventuras de tres russos e de tres inglezas.	1 v. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Cinco semanas em balão.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Uma cidade fluctuante.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Descobrimto prodigioso.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— MOREIRA DE AZEVEDO. Moços Brazileiros.	1 v. in-8 enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— TEIXEIRA E SOUZA. Maria ou a menina roubada.	1 v. enc.	2\$500																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— O Filho do Pescador.	1 vol. enc.	2\$500																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— ROZENDO MONIZ Favos e Travos.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— BRUNO (G.) Ophidias. Encyclopeda da Infancia.	1 vol. in-8. encadernado 2\$500, brochado.	2\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— G. SAND. Flamaranda.	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
—	— Dois Irmãos (contin. de Flamaranda).	1 vol. enc.	3\$000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
Collecção in-8° a 2\$500 o vol. brochado.

—	— ALENCAR (J. de) O Sertanejo. rom. 2 v. enc.	6\$000
—	— O Ermitão da Gloria. A alma de Lazaro. 1 v. enc.	3\$000
—	— Ubaráta. lenda Turca. 1 v. in-8° enc.	3\$000
—	— O Garatujá. chronica dos tempos colonias. 1 v. enc.	2\$000
—	— Iracema. lenda do Ceará. 2ª edição. 1 v. enc.	3\$000
—	— Vivinha e os cinco Minutos. 2ª edição. 1 v. enc.	3\$000
—	— As minas de Prata. rom. historico. v. enc. em 3 vols.	16\$000
—	— SENIO. Guerra dos Mascates. 2 v. enc.	3\$000
—	— O Gaúcho. romance brasileiro. 2 v. enc.	6\$000
—	— A Pava da Gazella. romance brasileiro. 1 v. enc.	3\$000
—	— O Tronco do Ipé. romance brasileiro. 2 v. enc.	6\$000
—	— Sonhos d'ouro. romance brasileiro. 2 v. enc.	6\$000
—	— G. M. Senhores. perfil de mulher. 2 v. enc.	6\$000
—	— Diva. perfil de mulher. 3ª ed. 1 v. enc.	3\$000
—	— Lucilia. perfil de mulher. 3ª edição. 1 v. enc.	3\$000
—	— MOREIRA DE AZEVEDO. Homens do passado. 1 v. enc.	3\$000
—	— Os Franceses no Rio de Janeiro. rom. historico. 1 v. enc.	3\$000
—	— Lourenço de Mendonça. rom. historico. 1 v. enc.	3\$000
—	— Criminosos Celebres. Episodios historicos. 1 v. enc.	3\$000
—	— Curiosidades Brasileiras. 1 v. enc.	3\$000
—	— DINARTE (Silvio). Mocidade de Trójano. 2 v. enc.	6\$000
—	— Historias Brasileiras. 1 v. in-8° enc.	3\$000
—	— GUIMARÃES (Bernardo). A Escrava Isaura. 1 v. enc.	3\$000
—	— O Eminentista. rom. 1 v. enc.	3\$000
—	— Lendas e Romances. Uma historia de Quilombolas, Garganta do inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc.	3\$000
—	— O Garimpeiro. romance. 1 v. enc.	3\$000
—	— Historia e tradições da provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira Dentes. A Filha do Fazendeiro. Jupyrã. 1 v. enc.	3\$000
—	— O Ermitão no Maquim, ou a historia da fundação da romaria de Moagem na provincia de Goyaz. rom. de costumes nacionaes. 1 v. enc.	3\$000
—	— FRANK (E.) Maripossas. romance brasileiro. 2 v. enc.	6\$000

BIB IOTHECA ESCOLHIDA

—	— GONÇALVES DIAS (A) — Poesias. 5ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive Os Teméras, e cuidadosamente revista pelo Sr. Dr. J. M. precedida da biographia do autor, pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 grossos v. in-8° enc. 8\$.	6\$000
—	— MACÉ (João). — Historia de um bocadinho de pão. cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animais. 1 grosso vol. in-8° enc. 4\$.	3\$000
—	— HUGO (Victor). — Noventa e tres. Guerra civil. 1 grosso vol. in-8° enc. 4\$.	3\$000
—	— VERNÉ (Julio). — Viagem Mil Leguas Submarinas. 1 grosso vol. in-8° enc. 4\$.	3\$000
—	— O Capitulo Históricas, contendo: Os Inglezes no polo do norte, o deserto de gelo. 1 grosso vol. in-8° enc. 4\$.	3\$000
—	— KARDEC (Allan). — O Ceu e o Inferno. 1 vol. enc. 4\$.	3\$000
—	— O Livro dos Mediums, ou Guia dos Mediums e dos Evocadores. 1 v. in-8° enc. 4\$.	3\$000
—	— O Livro dos Espíritos. 1 vol. enc. 4\$.	3\$000
—	— BRAY (A). — Phylologia do Matrimónio, historia natural e medica do homem e da mulher casados, nas suas mais curiosas particularidades. 2ª edição. 1 grosso vol. in-8° enc. 4\$.	5\$000
—	— SMILES — O Character. 1 vol. enc. 4\$.	3\$000
—	— BROWN — A Conquistã do Ar. Quarenta Dias de navegação aerea. 1 vol. enc. 4\$.	3\$000
—	— FERNANDES PINHEIRO. — Estudos Historicos. 2 vols. enc. 8\$.	6\$000

Debruçando-se sobre o anúncio da *Garnier*, podemos notar que os reclamos dos editores do *Globo* encontravam respaldo na constatação da notável quantidade de obras francesas, devidamente traduzidas, e amplamente ofertadas ao público brasileiro. Eram vários os autores franceses citados, muitos deles já bastante conhecidos dos leitores do *Globo* que acompanhavam seus folhetins através do jornal: Musset; Second; Sandeau; Kóck; G.Sand. Outros autores, conforme citamos, já haviam sido referidos no *Globo* por suas produções teatrais enfaticamente criticadas: Dumas (filho); Adolphe Belot. Aliás, entre os vários livros de Belot ofertados, chamamos à atenção para um título que, a posteriori, se relacionaria a um longo e conhecido debate sobre o realismo no Brasil.⁷⁹ Trata-se da obra *A Mulher de fogo (La femme de feu)*, publicada na França em 1872.

Narrado em terceira pessoa, o enredo de *A Mulher de fogo* é ambientado na região de Nantes, na França, durante a segunda metade do século XIX. Se o título sugere um conteúdo pouco decoroso, a leitura das primeiras páginas do livro nos remete a elementos que parecem convergir para um certo discurso cientificista muito presente à época. O romance é protagonizado pela jovem Diana Berard, filha única de um inventor sempre às voltas com seus experimentos, por sinal, suas últimas pesquisas tratavam de um sistema de iluminação que jamais sairia do papel, e que quase causaria sua ruína financeira. Órfã de mãe, a menina seria educada em um colégio parisiense, porém não chegaria a concluir os estudos devido às dificuldades do pai. Sem alternativas, Diana voltaria a Nantes, onde não seria muito bem quista pelas maneiras excessivamente livres adquiridas em Paris. Seria em Nantes também que a personagem conheceria Luciano, um promissor advogado que cairia de amores por ela, ou diante dos mistérios que a cercavam. A moça era exímia nadadora e costumava mergulhar no mar durante a noite, sempre sozinha. Em uma dessas vezes, ela teria sido flagrada, e o que se contava era que a personagem teria o dom de tornar a água do mar fluorescente, daí a alcunha de mulher de fogo. Enfim, um episódio semelhante nunca fora confirmado por Luciano, mas o jovem bacharel, leitor das aventuras de Júlio Verne, se apaixonou perdidamente por Diana e pela lenda que a envolvia. Contudo, ambos eram pobres, e nessas circunstâncias a união conjugal não seria interessante para nenhuma das

⁷⁹ Ver: NASCIMENTO, José Leonardo do. *O primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX: estética e história*. São Paulo: EDUNESP, 2008. Ver, também: FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

partes envolvidas. Então, Diana, por vontade própria, casa-se com um velho milionário à beira de morte, e após três longos anos, a moça se tornaria uma viúva rica e livre para escolher o próprio destino. Finalmente, o casamento com Luciano se concretizaria. Porém, com os anos, a esposa se tornaria desinteressante aos olhos do moço, e diante do desprezo do marido, a mulher de fogo se entregaria a um relacionamento extraconjugal. Por fim, tudo termina em tragédia: Diana e seu amante suicidam-se.⁸⁰

Mais uma narrativa completamente imoral e capaz de provocar a ira dos mais pudicos redatores do *Globo*? Sem dúvida. A obra anunciada pela famosa livraria poderia atrair os mais curiosos leitores a partir de seu título e de seu preço acessível. Mas, posteriormente, a curiosidade seria ainda mais aguçada. Apenas dois anos após a publicação do anúncio, viria a lume o romance *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, e entre o repertório de leituras do sedutor primo, seria referenciado, por duas vezes, o romance de Adolphe Belot.⁸¹ E em tal contexto ficcional, a obra parecia se converter em alegoria do adultério que estava por vir.

Se soamos excessivamente teleológicos, contamos com a indulgência dos nossos leitores. Mas, ao que parece, as polêmicas envolvendo o realismo e a recepção crítica da obra de Eça de Queirós no Brasil, também devem ser matizadas às abordagens publicadas na imprensa pouco antes de 1878. Se neste ano, observaríamos um Machado de Assis colérico diante dos “títeres” de Eça, antes disso, já seria possível notar certas preocupações em torno dos folhetins estrangeiros, ou das diversas “obras de fancaria” que, na percepção desses homens de imprensa, se relacionavam à penetração de uma literatura imoral, dita realista, entre os leitores e leitoras de então.

Dessa maneira, retomamos o fio da moralidade que nos guiou desde o início deste item. Na trajetória proposta, partimos do tema da instrução pública com um olhar específico à instrução feminina, sublinhada pelos próprios redatores do *Globo*. Nossa abordagem se baseou no desvendamento de um discurso oficial, institucionalizado, que delimitava o acesso das mulheres ao que seria conveniente de acordo com os preceitos morais da época. Contudo, e ao longo de nossa pesquisa, também nos deparamos com certas dissonâncias que permitem problematizar e pluralizar a experiência de tais mulheres.

⁸⁰ BELOT, Adolphe. *A mulher de fogo*. Lisboa: Typografia Luzitana Editora/Antiga Casa Bertrand, 1907.

⁸¹ Ver: capítulo IV de QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Nesse sentido, e na contramão de alguns estudos que tratam do tema, pudemos nos aproximar das vivências de mulheres menos privilegiadas, a “massa ignorante” referida por Machado de Assis, que começava a ser cogitada ao incursão no mundo do trabalho, daí a necessidade de certas ferramentas educacionais. As notícias das mulheres operárias vindas de além-mar eram discutidas por penas nada indiferentes ao cenário que se apresentava.

Paralelamente ao noticiário internacional, e a partir de uma realidade mais aceitável, observávamos a atuação das professoras, cujas atividades eram toleradas, já que não transgrediam as expectativas do papel reservado ao gênero feminino. No *Globo* também nos aproximamos do cotidiano dessas respeitáveis senhoras, que através dos próprios esforços conseguiam gozar de certa autonomia financeira. Entre práticas e posturas harmônicas às expectativas institucionais e ao discurso vigente, também vislumbramos um cotidiano que muitas vezes escapava às normatizações. Ora, o que dizer das “professorinhas” que à revelia das composturas, apresentavam às suas alunas uma literatura de teor licencioso, expressamente rejeitada pelos códigos morais vigentes?

Por fim, e com o intuito de atar os nós, voltemos ao referido folhetim de Machado de Assis, publicado em meio a todos esses debates envolvendo a condição feminina.

Ao nos referirmos a *Helena* anteriormente, citamos de forma breve o episódio do passeio a cavalo ocorrido entre os irmãos. Talvez seja interessante voltarmos ao mesmo episódio a fim de compreendermos um pouco melhor o desencadeamento de toda aquela situação.

Estácio voltava do Rio Comprido onde havia passado o dia na companhia da noiva, Eugênia. Na verdade, o retorno ao Andaraí parecia um alívio depois de tantas horas a ouvir as “historiazinhas de toucador” da moça. Já em casa, o jovem reencontraria D. Úrsula e Helena, esta entretida em seus trabalhos de agulha e, aquela, a se deliciar, mais uma vez, na leitura de “seu Saint-Clair”. Entre as novidades colhidas após a ausência, Helena contava de um “furto” praticado na estante da biblioteca do irmão:

— Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochet? perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

— Não?

— Não, senhor; fiz um furto.

— Um furto!

— Fui procurar um livro na sua estante.

— E que livro foi?

- Um romance.
- Paulo e Virgínia?
- Manon Lescaut.
- Oh! exclamou Estácio. Esse livro...
- Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.
- Não é livro para moças solteiras...
- Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo o caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive um desejo...
- Imagino! interrompeu D. Úrsula.
- O desejo de aprender a montar a cavalo, concluiu Helena.⁸²

Para referir-se à incursão na biblioteca de Estácio, Helena se utiliza do subterfúgio da busca por um determinado romance. Com a curiosidade aguçada, Estácio arrisca o mais açucarado dos palpites: “Paulo e Virgínia?”. De pronto, Helena trata de corrigi-lo: “Manon Lescaut”. A escolha causaria grande susto às expectativas do rapaz. Após a surpresa, viria a repreensão: não era um livro para moças solteiras. Tarde demais! Helena já havia lido algumas páginas e acrescentaria ao diagnóstico do irmão que não recomendava o livro nem mesmo para as casadas. Por fim, o diálogo converge para ao estudo de geometria que daria cabo a travessura da menina.

Aos leitores contemporâneos ao folhetim, eram desnecessárias quaisquer explicações a respeito das obras citadas, as escolhas feitas “a dedo” por Machado de Assis se referiam a grandes sucessos editoriais do século XIX. Aos nossos leitores, dedicamos alguns pormenores.

Paulo e Virgínia (1787), de Jacques-Henri Bernadin de Saint-Pierre, consiste em mais um exemplo de romance de origem francesa com grande disseminação no Brasil do século XIX. Nos dados pesquisados por Regiane Mançano, as primeiras traduções da narrativa para o português datam do início do século, e as solicitações feitas ao Desembargo do Paço para que a obra pudesse circular no Rio de Janeiro foram muito frequentes entre 1808 e 1821. Na imprensa, ao longo de mais de três décadas, o livro de

⁸² ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI). *O Globo*, 12 de agosto de 1876.

A situação era artificiosa. Não havia relação direta entre o livro de geometria e o desejo de montar a cavalo. Até mesmo a exclamação de D. Úrsula parecia enfatizar a identificação da farsa. A moça completaria explicando que, enquanto folheava o livro “alastrado de riscos” incompreensíveis, ao longe, ouvia-se um tropel de cavalos que se aproximava. Da janela, era possível observar o grupo de cavaleiros, no qual, se destacava uma amazona alta e esbelta, capaz de inspirar-lhe no desejo de aprender tal habilidade. Posteriormente descobriríamos que Helena cavalgava perfeitamente. Mas, diante da impossibilidade de sair sozinha e sem querer pedir o favor ao irmão, a moça inventaria a pequena história a fim de que Estácio se oferecesse para ensiná-la. O empenho daria certo. Imbuído de toda vaidade professoral acometida pela situação, ele se prontificaria a acompanhá-la. Ver: CHALHOUB, Sidney. (2003). *Op.cit.*, pp.23-35.

Saint-Pierre foi fartamente anunciado.⁸³ E, de acordo com Mançano, é provável que a grande durabilidade do título esteja relacionada ao fato de que o romance reafirmava “os princípios e conhecimentos aceitos”, por isso era frequentemente anunciado em meio aos “livros de educação”, ou seja, entre obras de teor didático e moralizante.

O enredo de *Paulo e Virgínia* traz as desventuras pueris dos jovens criados como irmãos que se apaixonam e são impedidos de viver o mais puro dos sentimentos que os envolvia. A trama se passa numa espécie de paraíso idílico, uma ilha, livre das maldades da civilização. Depois de muitas lágrimas, Virgínia é exilada em uma cidade francesa, enquanto Paulo permanece na “Ilha de França”. Após diversos episódios sofridos, finalmente Virgínia retornaria à Ilha. Paulo a aguardava na praia onde era previsto o desembarque e, sob as vistas do rapaz, a embarcação que trazia sua amada naufragaria pouco antes de atracar. Virgínia morre e pouco depois Paulo também morreria.

Mais uma vez a tópica do amor impossível entre irmãos era evocada, e Helena estava claramente disposta a rejeitá-la. Estácio pressupõe que a irmã, assim como as jovens bem educadas de seu meio, demonstraria interesse pela leitura de *Paulo e Virgínia*. O livro poderia ser compreendido como guia de conduta, na medida em que seria capaz de moralizar pela emoção. Os personagens são íntegros, construídos a partir de uma linearidade previsível, não há exemplos negativos, nem meios de - ao menos - tentar escapar do fim trágico reservado pelo destino.

No imaginário de Estácio haveria certa homogeneidade no gosto das leitoras educadas conforme os códigos morais da época. Helena foge às limitações esperadas pelo rapaz, mas não foge ao cenário composto pelos textos presentes no *Globo*. Entre as leitoras desobedientes contempladas pela folha e a atitude transgressora da personagem seria possível estabelecer muitas afinidades. Como elas, Helena também demonstrava curiosidade pelos “temidos romances franceses”. A recusa de *Paulo e Virgínia* se basearia na afirmação de *Manon Lescaut*, ou seja, no polo oposto às suposições do rapaz estava a

⁸³A famosa novela de Bernadin de Saint-Pierre foi impressa em língua portuguesa, no século XIX, pela primeira vez em 1807, outras edições na mesma língua também foram publicadas em 1818 (Paris. T. Barrois), 1823 (Rolland) e 1834 (Paris. Pillet). Segundo os dados pesquisados por Regiane Mançano, *Paulo e Virgínia* foi anunciado na *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1811, 1812, 1813, 1815 e no *Jornal do Commercio* em 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1834, 1835, 1836, 1837, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, 1843. Ver: MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de Romances em anúncios de jornais*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2010, p. 80.

escolha de Helena. Mas afinal, qual seria o teor do livro previamente censurado por Estácio? Antes de traçarmos tantas afirmações, vamos à obra assinada por Abade Prévost.

Na verdade, *Manon Lescaut* é título de um dos episódios de uma obra mais ampla, pertencente, vulgarmente, ao gênero “romance de gavetas”, cujos episódios podem ser multiplicados à vontade. O episódio *Histoire du Chevalier Des Grieux et de Manon Lescaut* veio a público em 1731, no sétimo volume do romance *Les Memoires d’un homme de qualité*. Algumas edições independentes do episódio surgiram desde 1733, sendo logo confiscadas sob a acusação de imoralidade. Em 1753, afinal, *Manon Lescaut* pôde ser vendido livremente, alcançando êxito notável entre o grande público.⁸⁴ É difícil precisar exatamente quando as primeiras edições do romance chegaram ao Brasil, no entanto, é possível afirmar que as narrativas de Antoine François Prévost, o Abade Prévost, já seriam conhecidas desde os tempos coloniais. Em sua tese, Simone Cristina Mendonça de Souza⁸⁵ arrola muitos dos títulos estrangeiros publicados sob a tutela da Imprensa Régia, e dentre eles, a autora identifica um dos episódios das *Memoires*, trata-se de *Triste efeito de huma infidelidade*, publicado em português na cidade do Porto em 1785, e que obteve reedições dos dois lados do Atlântico. Se retomarmos o noticiário do jornal *O Globo*, notaremos que não eram raras as referências ao “autor de Manon Lescaut”, o que comprovaria, mais uma vez, a familiaridade do público brasileiro com as obras deste autor.⁸⁶

Manon Lescaut conta a história de uma paixão irresistível entre um jovem rico, de caráter fraco, e uma mocinha libertina, sedutora, completamente amoral. Des Grieux contava apenas dezessete anos quando conheceu Manon Lescaut, cuja família a havia enviado para um convento a fim de moderar suas tendências para os prazeres mundanos. Fogem e apaixonam-se perdidamente, era só o começo da ruína do Cavaleiro des Grieux. Manon era voluntariosa, afeita aos luxos que o namorado fazia o impossível para bancar. O dinheiro começava a escassear e a degradação seria inevitável. Des Grieux chega a admitir que Manon se amiasse a um velho rico, enquanto, habitando a mesma casa, se passava

⁸⁴ RÓNAI, Paulo. “Prévost e Manon Lescaut” (Prefácio). In. PRÉVOST. *Manon Lescaut*. (Tradução: Casimiro L. M. Fernandes). Rio de Janeiro: Ediouro, [sem ano].

⁸⁵ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2007, p. 75.

⁸⁶ “O Abade Prévost, autor de Manon Lescaut, foi acometido de uma violenta apoplexia no Bosque de Chantilly e considerado morto. Um cirurgião foi encarregado de fazer-lhe a autópsia, restituindo-lhe as incisões, que praticara no corpo, a vida.” *O Globo*, 21 de abril de 1876, p.3.

por irmão da jovem. Depois de outras farsas e delitos, ambos são condenados ao degredo na América do Norte, onde Manon morreria. Des Grieux retorna à Europa, onde o irmão o esperava sozinho, visto que o pai dos rapazes havia morrido de desgosto. A relação com Manon fora devastadora para Des Grieux e, ao final de tudo, restava apenas um imenso sentimento de culpa, insuportável ao amante.

A escolha de Helena sugere algumas pistas sobre a ambivalência da personagem. A ação do diálogo entre os irmãos se baseia no rompimento da adequação da menina àquilo que seria esperado e desejado por Estácio. Helena demonstra pouco interesse pelas infelicidades de *Paulo e Virgínia*, sobre as quais não esboça nenhum comentário. No entanto, a partir de um brevíssimo exame de *Manon Lescaut* seria possível decretar - aos risos - que não se tratava de um livro recomendável às moças, fossem elas solteiras ou casadas. Ora, até parece que a leitura não havia sido tão breve assim? Provavelmente não fora. Contudo, o teatro do recuo diante de *Manon* era inevitável. A par das expectativas lineares do irmão, Helena precisava demonstrar uma cândida timidez diante do teor lascivo da obra. Ou seja, ela sabia o que era esperado de uma mulher em sua posição social, muito bem educada e íntegra em sua moralidade, por isso, a personagem atua conforme o papel que lhe fora reservado. Porém, ainda que não fosse essencial às intenções do passeio a cavalo, o flerte de Helena com a obra de Prévost seria exposto por Machado de Assis que, certamente, contava com a atenta interpretação de suas leitoras no desvendamento dos quiproquós envolvidos.

Se levarmos em conta que Machado se movimentava em um terreno de leituras reconhecíveis ao público, tais observações se tornam ainda mais aceitáveis. O autor pressupõe um repertório comum a personagens-leitores e leitores reais imaginados. Trata-se de uma espécie de “pacto literário” baseado em um imaginário compartilhado que tornaria suas referências inteligíveis e acessíveis aos seus contemporâneos.⁸⁷

Outras personagens também seriam caracterizadas e metaforizadas a partir de suas leituras. Por exemplo, a matrona da família, D. Úrsula, não se cansava das aventuras narradas em “seu” moralíssimo *Saint-Clair das Ilhas*⁸⁸:

⁸⁷ Não por acaso, *Manon Lescaut* de Prévost, foi referenciado ao repertório de leituras da cortesã Marguerite Gautier, protagonista do romance *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas (filho).

⁸⁸ *Saint-Clair das Ilhas ou Os Desterrados da Ilha de Barra* é uma obra escrita em 1803 pela novelista e educadora inglesa Elisabeth Helme. A vertiginosa narrativa se baseia nas desventuras de seu valoroso

[...] Estácio [...] encontrou D.Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do *Saint-Clair das Ilhas*, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da Ilha de Barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo, como outros de seu tempo. Com ele matavam as matronas daquela quadra muitas horas compridas do inverno, com ele se encheu muito serão pacífico, com ele se desafogou o coração de muita lágrima sobressalente.⁸⁹

Já o livro de cabeceira do conselheiro Vale⁹⁰, personagem síntese do poder patriarcal, seria o das *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, do Marquês de Maricá.⁹¹ Conforme sugerido pelo título, trata-se de uma obra constituída por centenas de frases e pensamentos ordenadamente enumerados. Os excertos deveriam ser lidos sempre que se desejasse algum norte na tomada de decisões ou como inspiração diária. Na verdade, aos leitores das *Máximas*, eram expostos os aforismos convenientes à classe patriarcal, não havia espaço para dúvidas ou interpretações dúbias, o livro reafirmava as vontades senhorias e ponto. Seguem algumas das “invioláveis máximas” presentes ao pensamento do Conselheiro:

130 — O erro máximo dos filósofos foi pretender sempre que os povos filosofassem.

151 — Ignorância e pobreza vêm de graça, não custam trabalho nem despesa.

181 — A Religião é necessária ao homem feliz para não abusar, ao infeliz para não desesperar.

protagonista, Saint-Clair das Ilhas, homem íntegro e respeitado, desprezado prematuramente pela mãe, vítima das vilanias de seu próprio irmão, Lord Roskelin, este que intercede junto ao rei da Escócia, James I, para que Saint-Clair seja degredado para uma ilha distante enquanto rouba-lhe os bens, as terras, e desposa-lhe a noiva. Condenado a viver numa pequena ilha fictícia nos arredores da Inglaterra, a Ilha de Barra, Saint-Clair acaba por cercar-se de outros desterrados que compartilhavam de seus “sentimentos por justiça”, visto que por sua índole, o personagem seria incapaz de cultivar desejos declaradamente revanchistas contra seus opositores. Segundo Marlyse Meyer, Saint-Clair seria uma figura essencialmente pré-romântica, herói padronizado pelos “contos da carochinha”, sempre disposto a enfrentar com dignidade as provações que a vida podia lhe impor. Ver: MEYER, Marlyse. (1996). *Op.cit.* e MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

⁸⁹ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo III). *O Globo*, 9 de agosto de 1876, p.1.

⁹⁰ “Sobre a mesa, perto da janela, estava ainda o último livro que conselheiro lera: eram as *Máximas* do marquês de Maricá. Helena pegou nele e beijou a página aberta.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo III). *O Globo*, 9 de agosto de 1876.

⁹¹ Mariano José Pereira da Fonseca, o Marquês de Maricá, formou-se em filosofia e matemática em Coimbra. No Brasil, ocupou os cargos de Conselheiro de Estado (1822), Ministro da Fazenda (1823/1825) e senador. Celebrizou-se, contudo, por sua obra de filosofia moral *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, editada em 1839, composta de artigos que começara a publicar na imprensa em 1813. Ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (volume 6). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, p.238 e 239. Disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00295760#page/4/mode/1up> (acessado em maio de 2013).

228 — Os ingratos pensam minorar ou justificar a sua ingratidão, memorando com frequência os vícios e defeitos dos seus benfeitores.

774 — Há mentiras que são enobrecidas e autorizadas pela civilidade.

3459 — Riqueza é poder, habilitando os que a possuem para fazerem muito bem ou muito mal.

3461 — A melhor entidade da terra é uma boa mulher, a pior, a que é má.⁹²

No jogo de insinuações proposto por Machado de Assis, as obras citadas se transformam em referências nas análises dos perfis psicológicos e das posições ocupadas pelas personagens na trama. No caso do conselheiro Vale, não há espaços para imprecisões, o patriarca da família, que governa a vida de todos, mesmo depois da morte, é referenciado como leitor das *Máximas*. Ao intelecto do Conselheiro não havia meios de negociações ou formas de dissuadir-se de suas vontades. Lembremo-nos das palavras de Estácio pouco depois da abertura do testamento: “a estrita justiça é a vontade de meu pai.”⁹³ No caso de D. Úrsula, a insistente leitora de *Saint Clair*, somos apresentados à matriarca da família, moralíssima, assim como o livro baseado nas aventuras cavalheirescas empreendidas por personagens indubitavelmente virtuosos. Este sim, um livro recomendável às mulheres decentes, que procuravam distração depois dos afazeres domésticos.⁹⁴ E se à primeira vista parece haver uma relação direta entre personagens e obras, um olhar um pouco mais atento pode revelar certos descompassos nos resultados dessas caracterizações.

⁹² MARICÁ, Marquez de. *Máximas, pensamentos e reflexões*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [sem ano].

⁹³ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo II). *O Globo*, 8 de agosto de 1876.

⁹⁴ Em *Como e porque Sou Romancista*, José de Alencar relata seus primeiros contatos com os livros de ficção no ambiente doméstico. No trecho a seguir, o autor nos fala de seu desempenho como orador, que ora se transforma em contador, dos enredos que eram lidos por ele em voz alta a público majoritariamente feminino, composto por sua mãe, tias, e amigas que as acompanhavam nos trabalhos de costura:

“[...] Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comovedoras da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio. [...] Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam a Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas, Celestina e outras de que já não me recordo. Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária, que mais tarde deviam servir aos informes esboços do novel escritor.[...]”

A leitura dos excertos nos remete a um ambiente íntimo, no qual a literatura serve de entretenimento e abstração ao cotidiano das tarefas domésticas. Tal impressão se reitera ao nos atentarmos às obras citadas por Alencar. O autor se refere a produções dos séculos XVIII e XIX, cujos enredos se baseiam em narrativas aventurosas, marcadas por inúmeras reviravoltas, imbróglis romanescos, e no triunfo de personagens representativos dos valores de uma virtude essencialmente cristã. Tratam-se de estórias de “segundo time” - para nos utilizarmos da expressão de Marlyse Meyer - novelas criadas para o divertimento de um público amplo, baseadas em um discurso essencialmente apaziguador e moralizante. Ver: ALENCAR, José de. “Como e porque sou romancista”. In.: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, vol.I. Ver, também: MEYER, Marlyse. (1998). *Op.cit.*

Por exemplo, os aforismos que compõe as *Máximas* relacionadas ao Conselheiro se dão a partir da codificação de valores pertencentes a uma determinada classe, que busca impor-se através de uma moral que legitime seus próprios interesses.⁹⁵ Mas é importante enfatizar que essa “moral classista” não se daria de forma alheia aos princípios de uma “moral cristã” tão presente à sociedade oitocentista. No entanto, não estamos diante de arquétipos prontos e perfeitamente coerentes. O conselheiro Vale não seria exatamente um exemplo de pai de família responsável ou de marido fidedigno. Assim como D. Úrsula não seria inabalável em seus princípios, pois, depois de Helena fazer-se cativa em suas atenções para com a tia, a beata até desistiria de “fechar-se” à bastarda. No caso de Helena, tal relação também não se daria de forma “bem acabada”, pelo contrário, sobram arestas que exigem o empenho do público-leitor na percepção e compreensão das artimanhas inerentes ao papel desenvolvido pela personagem.

Resta saber se as leitoras do *Globo* se deteriam na tarefa proposta por Machado de Assis. Não sabemos. Mas o que podemos admitir a partir da interlocução proposta entre o folhetim e o jornal é que Machado constrói uma personagem capaz de estabelecer uma relação de empatia para com as leitoras. A leitura detida dos textos veiculados no *Globo* expõe as experiências de “mulheres de carne e osso” que, assim como Helena, buscavam meios de afirmar-se em suas próprias escolhas e desejos. Sabemos que as possibilidades de enfrentamento e rompimento com os códigos morais e com o patriarcado, ainda eram inviáveis naquele período, no entanto, algumas fissuras ao *status quo* começavam a ser provocadas. Nesse sentido, o episódio do flerte de Helena com a leitura de *Manon Lescaut*, ganha ares mais verossímeis quando relacionado aos textos veiculados no periódico, cujas discussões abordavam a disseminação dos “imorais romances franceses” entre as jovens brasileiras. A partir desse mecanismo narrativo, Machado parecia estreitar a relação entre personagem e leitoras, sendo que a identificação poderia vir como consequência.

Retomando o questionamento depreendido de *Cherchez la femme*, que tocava na possibilidade de uma certa postura liberal de Machado de Assis frente ao tema da inserção

⁹⁵ Sobre o livro de *Máximas* do Marquês de Maricá, Sônia Brayner afirma: “O estudo da história das mentalidades e das ideologias, assim como a percepção do entrecruzamento de normas literárias a se fazer sem controles rígidos apesar das Retóricas, encontram nestes repertórios especial motivo de interesse. Dão eles conta da ansiedade da burguesia em formação para codificar seus valores e idiosincrasias. A visão de *moraliste* é ampliada com uma direção censória, de caráter combativo, próprio dos sistemas de valor.” Ver: BRAYNER, Sônia. “Helena ou na Transversal do Tempo”. *Travessia*. Florianópolis-SC: UFSC, 1989, p.42.

feminina, até aqui podemos afirmar que o folhetim *Helena* era composto por elementos que se relacionam às formas encontradas pelas mulheres para pleitear alguma liberdade. E se as investidas de Machado seriam perceptíveis às leitoras contemporâneas ao folhetim? Ao que tudo indica, estamos diante de uma hipótese possível.

I.2 Do noticiário estrangeiro: até parece que as mulheres fazem as leis.

Na apresentação do perfil editorial do *Globo* nos referimos a uma das principais características do periódico: seu teor internacionalista. À primeira vista, o noticiário estrangeiro se conjugava à tônica de um jornal dedicado aos proprietários e comerciantes, interessados, sobretudo, nas oportunidades em mercados promissores; contudo, tal noticiário também abordava outros vários assuntos. Na verdade, tudo o que se passava no cenário político francês, no cotidiano de países industrializados como a Inglaterra, ou ainda, na “progressista” sociedade norte-americana, entre outras nações; parecia mobilizar os editores da folha que selecionavam tais notícias em jornais oriundos desses países ou publicavam aquilo que era enviado por correspondentes radicados no exterior. Por isso, atentar nos critérios que balizavam as escolhas dos editores se configura em uma premissa muito importante para a compreensão das estratégias e dos embates envolvidos na transmissão e introjeção de realidades tão diversas.

Por vezes, tal noticiário era sobriamente transmitido, tendo-se em vista uma postura editorial que primava por uma suposta imparcialidade jornalística. Mas, na maioria dos casos, eram evidentes as intromissões dos redatores nos conteúdos publicados. Não eram raros os correspondentes internacionais que acrescentavam comentários tendenciosos às notícias colhidas no exterior. Assim como eram recorrentes as publicações de notícias “recortadas” em jornais estrangeiros que seguiam replicadas junto de “pequenos apêndices valorativos” delineados em “traços grossos” pelos redatores do *Globo*. Nesse sentido, parecia haver uma intenção deliberada de preparar as formas de recepção dessas novidades entre o público-leitor do jornal.

E embora não esperemos que houvesse somente leitores e leitoras obedientes, parece interessante ressaltar os riscos empreendidos por tais jornalistas que, como num jogo de “mostra e esconde”, abordavam ideários considerados extremamente progressistas, mas de forma explícita, ou subentendida, julgavam e advertiam sobre as incongruências e impossibilidades de importação do que era exposto. De forma mais precisa, os textos que situavam os lugares e as conquistas das mulheres em países estrangeiros, tidos como exemplos de civilidade, pareciam se tornar pauta inevitável a um jornal que reivindicava um status tão moderno. Por isso, através do exame de discursos conflitantes e

considerações polidas em prol de um famigerado progresso, neste segundo item procuramos trazer à tona as abordagens e aproximações do jornal *O Globo* às lutas das mulheres d'alm-mar, cujas vivências eram deslocadas e ressignificadas na realidade brasileira.

Como ponto de partida e a fim de explicar os sentidos do título escolhido, recorremos a uma alusão constante às páginas do periódico: o caso das mulheres norte-americanas. Os Estados Unidos se configuravam como uma referência importantíssima aos editores do jornal, que viam o país como exemplo de ex-colônia que despontava através da ideologia liberal e que, por isso, deveria ser compreendido como modelo a ser seguido por outros países que haviam se livrado de tutelas europeias e buscavam emergir em contextos periféricos. Os avanços sociais também entravam para o mote dos admiráveis progressos alcançados nas prósperas terras do norte, assim, a visibilidade das mulheres e as lutas por direitos civis se convertiam em pautas para discussões acaloradas. O texto abaixo, possivelmente enviado por um correspondente, traz algumas observações de um sujeito estrangeiro claramente surpreendido com as possibilidades desfrutadas pelas estadunidenses de então:

As mulheres nos Estados Unidos

A primeira impressão dos estrangeiros, ao pisarem em solo americano, é um sentimento de estranheza ao ver andar sós pelas ruas tanto as meninas como as mulheres, olhando para toda a gente e sorrindo-se com uma liberdade que à princípio é qualificada de descaramento.

No entanto, é a cousa mais natural; desde que têm uso de razão estão acostumadas a fazê-lo, e por certo honra-as muito que essa ilimitada franqueza não produza resultados desagradáveis.

A lei naqueles países é tão galante que qualquer adivinharia a secreta mão feminina em a redação de seus princípios severos, que se são guardas fiéis dos costumes que por muito livres se vêm frequentemente ameaçados, também entregam os homens atados de pés e mãos e sem defesa ante o juramento sempre acreditado de aventureiras que gozam de todos os privilégios do seu sexo.

O juramento da mulher vale em primeiro lugar o de dous homens reunidos, e a estes compete apresentar testemunhas para destruírem a acusação, porque só as mulheres são acreditadas sob palavra de honra, e geralmente as que recorrem aos tribunais são tão generosas que se oferecem a sofrer elas sós o peso de sua desonra, mediante uma indenização vantajada que sem remédio tem a pagar o infeliz que obrou imprudentemente.⁹⁶

⁹⁶ Grifo nosso. “As mulheres nos Estados Unidos”. *O Globo*, 7 de junho de 1876, p.2.

As mulheres norte-americanas saíam às ruas. Mais que isso. Mesmo as mulheres norte-americanas “de bem” saíam às ruas, e sim, deveriam ser respeitadas também por isso. Tendo-se em vista a valorização dos signos em torno da honra feminina, o testemunho das mulheres valeria mais que o masculino, o que, de acordo com a insinuação do nosso redator, movimentaria um escuso comércio de álibis entre homens desesperados por absolvição e “aventureiras” acreditadas aos olhos da justiça. A propósito, a lei naquele país seria tão “galante” e tolerante para com as mulheres, que não seria um despropósito supor mãos femininas empenhadas em sua redação! Pilhérias à parte, de fato, quando comparado ao caso brasileiro, o incurso das mulheres americanas à vida pública e as mobilizações em torno de seus direitos civis se deram de forma bastante articulada nos Estados Unidos desde muito cedo.

Reproduzido nas páginas do *Globo*, o texto a seguir foi originalmente publicado na imprensa francesa, e tratava das recomendações dos norte-americanos aos visitantes do Velho Continente que se dirigiam a América. Em 1876 a imprensa americana se ocupava especialmente dos festejos pelo Centenário da Independência dos Estados Unidos, e o texto em questão tratava dos preparativos da Exposição que seria realizada na Filadélfia para comemorar a referida data. Como eram esperados muitos visitantes, principalmente europeus, os americanos se incumbiam de alertar que, nos EUA, as mulheres desfrutavam de condições mais livres, e deveriam ser respeitadas por isso:

Será conveniente que os visitantes estrangeiros que afluírem à nossa cidade no próximo verão fiquem sabendo que as condições sociais não são sempre equivalentes às do antigo continente. As mulheres americanas têm, e desde muito tempo, o costume de andar sós pelas ruas, quando vão a negócio ou a passeio. Que os visitantes do continente admitam como axioma que as senhoras da Filadélfia, Nova Iorque ou Cincinnati, não têm necessidade de escolta ou de proteção de um pajem ou de um amigo quando querem sair.

[...] a moda começou talvez durante a guerra, quando as mulheres tinham necessidade de ser elas próprias portadoras de suas cartas ao correio e a pagar suas contas; comprar *extras* nos caminhos, e ir ao encontro dos trens de ferro que chegavam à meia-noite, na esperança de encontrar seus parentes. Parece-nos, porém, que devemos algumas explicações aos nossos hóspedes. Em Filadélfia que já se torna uma cidade poliglota, duas senhoras que passavam à tarde por uma rua tranquila, foram cumprimentadas de modo muito familiar por um estrangeiro.

Muito incomodadas com isto, pediram a um gentleman que passava o favor de tirá-las daquela tão embaraçosa situação.

O gentleman, interpellando bruscamente o ofensor, perguntou-lhe como se atrevia ele a faltar assim ao respeito a essas *ladies*.

Ladies, meu Deus! replicou ele. Não são de certo, senhor. As ladies não percorrem sozinhas as ruas à semelhante hora.
Uma palavra de aviso será suficiente aos visitantes de bom senso.
Talvez seja preciso uma lição mais severa para fazer compreender que neste país as ladies saem quando bem lhes apraz, apoiando-se apenas no respeito leal dos americanos, não menos que em sua dignidade e boa educação.⁹⁷

São muitos os fatores que explicam os caminhos trilhados pelas mulheres estadunidenses até a inserção na esfera pública. Na perspectiva de uma historiografia mais tradicional, são comuns as leituras baseadas nos conflitos ocorridos durante a Guerra Civil (1861-1865), que terminariam por revelar um cotidiano de mulheres solitárias, que não tinham outra opção além de procurar meios próprios de sobrevivência. Talvez daí os referidos sentimentos de tolerância para com essas viúvas e órfãs que, forçosamente sós, faziam-se notáveis no cotidiano das ruas. Utilizando-se de argumentos que também confluem para a questão da Guerra, são frequentes as interpretações que associam a abolição da escravidão ao despertar de uma chamada “consciência feminista”. Nesse caso, são consideradas as inter-relações dos grupos abolicionistas formados por mulheres que, envolvidas nas reivindicações pela liberdade dos negros, acabavam tomando consciência do próprio estado de submissão.⁹⁸

Em estudos mais recentes, algumas dessas perspectivas são criticamente revisitadas. Por exemplo, de acordo com Michelle Newman⁹⁹, as abolicionistas das décadas de 1840 e 1850 enfatizavam as semelhanças entre a opressão patriarcal e a condição de sujeição dos negros escravizados. Porém, após a Guerra Civil, tal discurso seria rearticulado a partir de novos termos e, ao invés de argumentar com base em uma “vitimização” semelhante à dos escravos, tais militantes passariam a apregoar uma pretensa superioridade racial e cultural em relação aos egressos da escravidão. E, a partir da reformulação de conceitos evolucionistas, as mulheres brancas oriundas de meios mais abastados se colocariam como “força civilizatória” na inserção social de grupos marginalizados. Na perspectiva de

⁹⁷ “Centenário Americano: Exposição de Philadelphia (Do Courier des Etats-Unis).” *O Globo*, 19 de julho de 1876, p.1.

⁹⁸ Ver, por exemplo: GODINEAU, Dominique. “Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias.” In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção). *História das Mulheres no Ocidente: o Século XIX*. Volume 4. (Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves). Porto: Afrontamento, [1991], pp.21-39.

⁹⁹ NEWMAN, Louise Michelle. *White women's rights: the racial origins of feminism in the United States*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.53.

Newman, as intersecções entre o abolicionismo e o feminismo não seriam explicáveis somente a partir de interpretações baseadas em empatias sôfregas.

A partir de uma abordagem igualmente revisionista, Nancy Isenberg¹⁰⁰ também procura questionar alguns dos aspectos envolvidos nessa relação perpetuada pela historiografia. Em sua análise, a autora propõe um amplo exame do movimento feminista norte-americano, abrangendo-o às mais diversas esferas da representatividade social. Nesse sentido, o ideário protestante e as associações femininas surgidas no interior das igrejas são analisados como meios essenciais ao exercício de uma cidadania criticamente concebida. Nessas agremiações se dariam os primeiros indícios em torno de experiências políticas participativas, claramente atentas aos desígnios da sociedade civil. Entre as diversas causas que aproximavam tais mulheres, frequentemente se notava a questão da abolição da escravidão, no entanto, diversas outras demandas as mobilizavam. Sem dúvida, a questão do sufrágio deve ser relacionada a essa ampla gama de debates. E se retomarmos as páginas do *Globo*, perceberemos que essas novidades não eram desconhecidas de seu público:

Direitos políticos das mulheres nos Estados Unidos

No dia 25 do mês passado foi apresentada no senado dos Estados Unidos, pelo Sr. Sargent da Califórnia, uma petição assinada pelas Sras. Mathilde Joslyn Gage, Ellen C. Sargent, Lucrecia Mott, Elisabeth Cady Stanton, Suzana B. Anthony, E.D.E.N. Southworth, Sara J. Spencer, Izabel B. Hooker e outras muitas, na qual ponderam que a corte suprema dos Estados Unidos, a resolver os pleitos de Spencer contra a junta registradora, e de West Webster contra os juízes de eleições, confirmou uma decisão anterior da corte suprema relativa à que pela primeira seção da emenda 14 da constituição, as mulheres foram consideradas cidadãs e, portanto, tendo direito de votar. As subscritoras de tal documento apelam para o congresso, a fim de que se tome providências para tornar-se efetivo o cumprimento da referida emenda.

Em nossa opinião, as ditas senhoras, prestariam mais serviços ao país e à humanidade, educando bem os seus filhos e cuidando na boa ordem e governo de suas casas, do que pretendendo envolver-se nas lutas de partidos e em contendas políticas, que são infelizmente uma das calamidades que pesam sobre os povos na época atual.¹⁰¹

Se recorrermos à bibliografia sobre o tema do sufrágio universal nos Estados Unidos, torna-se possível esclarecer as diversas informações elencadas no texto. Sabemos que os nomes citados se referem às reconhecidas líderes envolvidas na história do

¹⁰⁰ ISENBERG, Nancy. *Sex and citizenship in Antebellum America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

¹⁰¹ “Direitos políticos das mulheres nos Estados Unidos”. *O Globo*, 1º de maio de 1876, p.2.

movimento feminista nos EUA, entretanto, em nossa dissertação, não estamos em busca de grandes personalidades compreendidas em suas excepcionalidades. Isso porque pensamos que essas notáveis mulheres, também devem ser lidas a partir de suas inter-relações com as oprimidas que, supostamente, compõe a regra.¹⁰² Isto posto, talvez seja mais interessante mantermos o foco nas possibilidades de recepção desse noticiário entre os leitores do periódico.

Assim, independente do entendimento pormenorizado do texto, o público-leitor da folha era colocado diante de um debate sólido, que tocava nas reivindicações das mulheres estadunidenses por cidadania e especificamente pelo sufrágio. Portanto, um novo cenário de mobilizações sociais era apresentado. Entretanto, ao final do texto, e provavelmente com o intuito de remediar qualquer interpretação precipitada do conteúdo exposto, seguia o ponto de vista acachapante defendido pelo jornal: “Em nossa opinião, as ditas senhoras, prestariam mais serviços ao país e à humanidade, educando bem os seus filhos e cuidando na boa ordem e governo de suas casas, do que pretendendo envolver-se nas lutas de partidos e em contendas políticas...”. E, de repente, a notícia era *traduzida* aos leitores do *Globo* nos termos da realidade vivenciada pelas mulheres brasileiras que, em sua grande parte, estavam - e talvez devessem permanecer - restritas aos espaços domésticos.

Pois bem. Não seria demasiado enfatizar que na domesticidade também existiriam conflitos arbitrados a partir dos choques em torno dos papéis reservados aos gêneros. Contudo, e ao que parece, a notícia tratava das demandas por representatividade das mulheres junto ao poder público, possibilidade esta categoricamente negada no discurso editorial da folha. De qualquer forma, e conforme já afirmamos, nos parece interessante o jogo de “mostra e esconde” proposto pelos editores do jornal. Se por um lado, tais mobilizações são destacadas em suas propostas por *direitos* políticos, por outro, parece existir uma necessidade de desqualificação das informações veiculadas. A impressão depreendida é que existiria uma atmosfera receosa entre os editores sobre os efeitos que o noticiário poderia causar, daí a necessidade da interferência tão explícita. Porém, é difícil afirmar se corações e mentes poderiam ser instigados, ou frustrados, com uma nota tão

¹⁰² Ver: VARIKAS, Eleni et RIOT-SARCEY, Michèlle. “Réflexions sur la notion d’exceptionnalité”. *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n. 37-38, 1998, pp. 77-89.

breve - embora não isolada. E cogitando-se a mais trivial das hipóteses, entre os leitores mais atentos do periódico, um paradoxo à conjuntura brasileira era claramente estabelecido.

Partindo da constatação de uma realidade majoritariamente patriarcal, os caminhos e descaminhos abordados pelo *Globo*, demonstravam as contradições inescapáveis que envolviam a compreensão e a apropriação dos ideários que mobilizavam tais mulheres no exterior. E mesmo que a prerrogativa da rejeição norteasse parte significativa desse noticiário, ainda assim, é importante enfatizar que os editores não optaram por omitir-se diante de tal debate. Resguardando-se em um discurso editorial moderno, quiçá vanguardista, o periódico se colocava a serviço de um público interessado nas novidades que movimentavam os grandes centros internacionais, por isso, parecia impossível escapar ao evidente tema das lutas das mulheres por liberdade, especialmente no caso dos Estados Unidos.

Em outro texto relativamente semelhante ao anterior, os avanços feministas nos EUA são novamente referenciados, porém, desta vez as considerações traçadas eram um pouco mais paliativas. O artigo faz parte da série sobre instrução pública que abordamos anteriormente e nele são claramente conjecturadas as possibilidades de influência desse ideário emancipacionista no Brasil:

[...] O papel da mulher na sociedade está naturalmente traçado: é serem mães de família e inspirarem os sentimentos nobres e grandes a seus filhos e às crianças, cuja direção lhes é confiada.

Não aceitamos nem as ideias de uma certa escola americana, que prega a emancipação da mulher sob um ponto de vista especial, nem as teorias do grande Stuart Mill, que queria pudessem elas tomar parte até nas questões políticas, tendo o direito de votar e serem eleitas.

Por ora, enquanto a sociedade não atingir a esse ideal de perfeição sonhado por certa escola filosófica, achamos que não pode haver mais nobre papel para a mulher, que o de educar seus filhos, e inspirar-lhes sentimentos puros.

Para a mulher poder, porém, satisfazer aquele importante papel, é preciso seja ela educada e instruída.

É justamente essa a maior dificuldade que encontramos no Brasil.

Queremos a liberdade do ensino, como queremos todas as outras; alguns inconvenientes que disso resultarem são incontestavelmente sobrepujados pelas vantagens obtidas.¹⁰³

De início, através de um discurso já bastante conhecido, eram enfatizados os papéis reservados às mulheres: esposa e mãe. Logo em seguida, são desprezadas as ideias

¹⁰³ “Reformas necessárias na Instrução Pública”. *O Globo*, 16 de março de 1876, p.1.

libertárias que inspiravam as americanas, porém, tal negação não se dá de maneira vazia ou ignorante; nosso redator deixa claro que não aceitava as influências das “ideias de certa escola americana que pregava a emancipação da mulher”, nem das teorias do *grande* Stuart Mill. Apesar das generalizações, o texto foi concebido por alguém que acompanhava de perto as transformações levadas a cabo no exterior. E se naquele momento ainda não seria possível apropriar-se de tal ideário, num futuro esperançoso de mulheres educadas e instruídas, conjecturava-se que as brasileiras pudessem se aproximar das mesmas autonomias conquistadas ou reivindicadas pelo movimento feminista estadunidense. É claro que nesse novo cenário alguns “inconvenientes” poderiam surgir... Eis o ônus de se desejar uma sociedade tão moderna! Mas tais incômodos certamente seriam sanados pelas vantagens vislumbradas. Portanto, ainda que de maneira parcimoniosa, o autor acabava flertando com as aspirações por liberdade feminina.

Na verdade, parece confortável, ou pouco crítico, o argumento de que a sociedade ideal não havia sido atingida; ou de que experiências femininas mais autônomas somente encontrariam respaldo num futuro indeterminado, quase idílico, onde todas as mulheres teriam acesso a uma educação que, de fato, fosse esclarecedora. Nesse caso, tudo se resumiria a mero exercício retórico? Pensamos que não. Primeiramente chama a atenção o fato de que, numa série de artigos que tratava da educação das meninas brasileiras, viesse à tona o “contra exemplo” de uma escola americana que pregava a emancipação das mulheres; ou ainda, que se esboçassem algumas críticas a Stuart Mill. Ou seja, mesmo as “negações” do redator eram conscientemente direcionadas, o que demonstraria certo envolvimento intelectual em tal debate.

Levando-se em conta a inserção do texto na série sobre educação, é possível cogitar que o autor teria a intenção de discutir modelos pedagógicos a serem adotados no ensino público feminino, talvez daí uma oposição subentendida aos modelos de ensino associados aos princípios protestantes que poderiam resultar numa atmosfera mais propícia ao desenvolvimento do espírito crítico em relação às tradições culturais que sublinhavam o estatuto da subordinação da mulher.¹⁰⁴ Segundo Jane Soares de Almeida¹⁰⁵, no Brasil dos

¹⁰⁴ Segundo Maria Zina Gonçalves de Abreu: “Nas nações católicas, poucas foram as mulheres que se juntaram a movimentos feministas, antes dos movimentos generalizados de emancipação da mulher da década de 1970. O mesmo já não ocorreu nas nações que adotaram a Fé protestante. É verdade que as Igrejas Protestantes também preservaram a tradição patriarcal e que reduziram drasticamente as oportunidades de

anos de 1870, as escolas públicas eram quase inexistentes e, na falta dessas escolas, os protestantes encontraram ambiente propício para implantar instituições calcadas nos seus próprios métodos pedagógicos e orientadas pelos seus princípios religiosos. Na Corte, mas principalmente no interior paulista, os colégios protestantes ofereciam educação gratuita para meninos e meninas, independente da confissão religiosa. Conforme abordado no item anterior, nessa série de textos sobre educação pública, não eram raras as discussões pautadas pelos exemplos observados na província de São Paulo.

No amálgama de todas as “inconvenientes liberdades” pleiteadas pelo movimento feminista estadunidense, novamente era destacada a questão do sufrágio que, desta vez, seria associada à figura de John Stuart Mill. A alusão ao intelectual era feita de maneira breve, sem muitos detalhes explicativos e, de fato, eram dispensáveis grandes esclarecimentos. Conforme demonstraremos, os leitores do *Globo* estavam a par da referência citada.

Como já afirmado, além das novidades vindas da América, também eram publicadas diversas notícias oriundas de vários outros países considerados estratégicos no cenário da época. Dentre eles, outra nação frequentemente destacada nos editoriais do *Globo* era a Inglaterra, sempre compreendida como “norte” a ser seguido, principalmente pela notável ascensão econômica baseada em uma tecnologia industrial arrojada para a época. Em meio a tantos progressos, volta e meia surgiam algumas notas a respeito das articulações do movimento feminista inglês por direitos políticos, tema em evidência na Inglaterra durante a década de 1870, quando foram propostos projetos de lei que tratavam de tais demandas.

participação feminina na Igreja, com a eliminação do culto à Virgem e aos santos e o repúdio da vida em reclusão, em conventos e mosteiros. No entanto, a intensa prática religiosa doméstica, a leitura pessoal da Bíblia, a diferente leitura de algumas das doutrinas cristãs e as diferentes formas de disciplina eclesiástica abraçadas pelas diversas denominações protestantes criaram uma atmosfera mais propícia à rejeição das tradições culturais seculares que sublinhavam o estatuto de subordinação da mulher. A ênfase nas doutrinas da igualdade espiritual, na inviolabilidade da liberdade de consciência religiosa, e na responsabilidade de cada indivíduo pela sua própria salvação, estimulou o individualismo e a independência do pensamento, que levou as mulheres protestantes a cedo descobrirem a paradoxalidade do seu estatuto de subordinação social, e a começarem a questionar os papéis tradicionais que lhes eram socialmente impostos.” ABREU, Zina. “Lutas das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.” *Revista Arquipélago - História*, 2ª série, (volume VI), ano: 2002, p.443 - 469. Portugal: Universidade dos Açores.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Jane Soares de. “O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola.” *Educar*, nº 20, p. 185-207, 2002. Curitiba-PR: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

De Londres, as notícias eram enviadas por um correspondente que sempre assinava seus textos com o pseudônimo de “H.J.”. Geralmente, o anônimo jornalista brindava o público com um resumo das manchetes dos jornais ingleses, assim como informava a respeito dos debates que ocorriam na Câmara dos Comuns. No exemplo a seguir, “H.J.” abordava algumas das discussões suscitadas pelos trâmites de um *bill* em votação no ano de 1876, e que tratava da concessão do direito eleitoral às mulheres. Ao longo do texto, a atuação de Stuart Mill era referenciada. Tais evidências parecem sugerir alguma familiaridade dos leitores do *Globo* com a atuação desse intelectual inglês, reconhecidamente comprometido com os desígnios por igualdade feminina:

[...] Concluirei hoje a tarefa que me impus escrevendo estas mal traçadas linhas, dando-vos uma notícia que, conquanto não se refira positivamente à vossa pátria, liga-se a toda parte do mundo – existe a criatura que nos é mais cara – a mulher.

De novo, como vereis dos jornais, apresentou-se à câmara dos comuns um *bill* concedendo o direito eleitoral às mulheres, que foi rejeitado por vários membros do ministério liberal, ao passo que o Sr. Disraeli e outros conservadores votaram com a minoria.

Houve dois discursos notáveis, sendo um do Sr. J. Bright, e outro do Sr. Fawcett sustentando o *bill*.

Levantou-se, porém, depois o irmão mais velho do Sr. Bright, que declarou que outrora apoiara a proposição de Stuart Mill, mas que hoje a considera inoportuna e perigosa, tanto para os costumes públicos como para o interesse do país.

Outro orador disse que a ingerência do belo sexo em política seria desastrosa. [...] Os jornais de mais voga ocuparam-se também desta questão, que parece ter sofrido *son dernier coup* no ano da graça de 1876 e no reinado de Victória, rainha da Inglaterra e *imperatriz da Índia*. [...]

E fico por aqui hoje.

Londres.

H.J.¹⁰⁶

Apesar do desfecho negativo, o texto tratava de um debate tenso, forçosamente institucionalizado pelas mobilizações feministas. Entre discursos sentenciosos, indecisões e retrocessos; era apresentada uma arena de disputas onde diversos interesses eram colocados em jogo. O tema do sufrágio feminino era “inoportuno”, “desastroso”, evidentemente “perigoso”. É possível afirmar que a rejeição e os temores de alguns setores políticos à questão seriam explicáveis através da constatação de que o movimento feminista inglês, em

¹⁰⁶ H.J. (pseudônimo não identificado). “O Brasil na Inglaterra”. *O Globo*, 4 de junho de 1876, p.1.

seu cerne, sempre esteve ligado ao maciço operariado feminino que atuava em um dos principais alicerces econômicos da Inglaterra: a indústria têxtil.¹⁰⁷

No cotidiano exaustivo das fábricas formavam-se identidades coletivas e associações de classe que, conjuntamente fortalecidas, davam voz às mulheres dentro e fora do ambiente fabril. Na Inglaterra, à semelhança do que aconteceu nos Estados Unidos, os reclamos das mulheres pelo sufrágio se davam a partir da legitimação ao exercício do trabalho. Ou seja, nos termos de um feroz liberalismo econômico, se as mulheres podiam trabalhar e contribuir economicamente, logo, elas deveriam ser consideradas cidadãs plenas, com direito a voto. Portanto, em ambos os casos, os argumentos econômicos sucediam os argumentos pautados pelo Direito Natural.¹⁰⁸ E, tendo-se em vista o potencial inflamável dessas agremiações classistas, os receios daqueles que desejavam a manutenção do *status quo* não seriam infundados.

A inserção das mulheres no mundo profissional ajustou-se às necessidades de uma lógica econômica exploratória, que tomava a mão de obra feminina como artigo barato. Ainda assim, a nova situação transformava profundamente as solidariedades tradicionais, alterava as relações entre homens e mulheres e penetrava pouco a pouco nas mentalidades, impondo a imagem da mulher na esfera pública. No *Globo* eram publicadas notícias de hotéis voltados às operárias que se encontravam “fora de casa”¹⁰⁹, assim como era comum observar notas com dados que evidenciavam a desvalorização da mão de obra feminina sempre equiparada à infantil.¹¹⁰ Enfim, os tênues limites entre a exploração, a autonomia e os signos de feminilidade ressoavam com alguma frequência entre os leitores da folha.

¹⁰⁷ Ver: SCOTT, Joan W. and TILLY, Louise A. *Women, work, and family*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1989 [1978].

¹⁰⁸ Ver: KÄPPELI, Anne-Marie. “Cenas feministas”. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção). [1991]. *Op.cit.*, pp.541-579.

¹⁰⁹ “O Woman’s Hotel: O grande edificio mandado construir pelo finado Stewart na Quarta Avenida, e destinado a hospedar um grande número de operárias se já não está concluído, está muito próximo disso, pois que a viúva do milionário mandou prosseguir nos trabalhos com a maior atividade possível. O finado Stewart recomendou expressamente que se denominasse o estabelecimento *Woman’s Hotel* (hospedaria de mulheres), e que nada nele recordasse o nome de seu doador. Quinhentos aposentos contará o Woman’s hotel constando a mobília de cada um deles de um leito de nogueira, um lavatório, e uma cômoda com tampo de mármore. Todos esses aposentos serão aquecidos a vapor e iluminados a gás, e possuirão cada um a sua secreta. Vastas cozinhas correm na parte inferior do grande edificio, e tudo está por tal forma disposto que o custo do fornecimento de comida às hospedes não passa[rá] de 45 cêntimos diários.”[*O Globo*, 30 de agosto de 1876, p. 3.]

¹¹⁰ “Trabalho de mulheres e de crianças: O conselho federal da Alemanha acaba de publicar o resumo de dados que recolheu acerca do trabalho das mulheres e das crianças que se empregam nas indústrias, que deve servir de base a um novo regulamento em projeto [...]” [*O Globo*, 16 de maio de 1876, p. 2.]

Ainda no bojo das discussões sobre o sufrágio feminino na Inglaterra, no jornal seria possível conferir outros vários textos que acompanhavam tal questão. Mas, pelos diversos sentidos que podem ser depreendidos, selecionamos o seguinte excerto de um longo artigo publicado por um correspondente que, situado na França, acompanhava atentamente os debates que ocorriam na Inglaterra:

[...] Em França os *conservadores* estremecem logo que se lhes fala de liberdade de imprensa, de associação, de reunião. Qualquer melhoramento, por mais insignificante que seja, lhes parece uma coisa monstruosa; não querem até ouvir falar em semelhante coisa, e tapam os ouvidos.

Os ingleses são mais práticos, porque não matam nem adiam qualquer discussão. Ainda muito recentemente, discutiu-se no parlamento inglês uma questão que se tivesse sido suscitada em França, teria acarretado a seus iniciadores uma série de desgostos. Refiro-me aos direitos políticos das mulheres. Se houvesse um deputado assaz temerário que ousasse suscitar semelhante questão na tribuna, ficaria esmagado sob o peso dos motejos e das injúrias. No parlamento inglês foi ela extensivamente debatida. Uma minoria imponente de 152 votos pronunciou-se em favor da emancipação política das mulheres, e dentre esses 152 votos, conta-se o do chefe dos conservadores da Inglaterra, do primeiro ministro do gabinete atual, do próprio Sr. Disraeli, enfim!

Estou longe, pelo que me diz respeito pessoalmente, de ser partidário do que se convencionou chamar emancipação das mulheres, e certamente não votaria do mesmo modo porque o fez o Sr. Disraeli, mas o fato que acabo de recordar e que se passou ainda não há dez dias, mostra que na Inglaterra não se receia tratar em pleno dia, pública e ostensivamente, as mais delicadas questões do problema social, ao passo que em França receia-se puerilmente a discussão destes assuntos que constantemente são adiados, como se não chagasse infalivelmente uma hora fatal em que o adiamento não é mais possível.¹¹¹

No famoso ensaio *As mulheres ou os silêncios da história*, de Michelle Perrot, há um longo capítulo intitulado “As mulheres e a cidadania na França: história de uma

E dividindo a mesma página do jornal:

“O trabalho dos meninos: O tribunal correcional de Marselha acaba de aplicar pela primeira vez a lei de 19 de maio de 1874 a respeito dos rapazes e raparigas menores, empregados na indústria. Em consequência de um auto lavrado pelo inspetor do distrito contra a fábrica do Sr. L. Regis & C., em Marselha, por transgressão do art. 4º da Lei que proíbe empregar raparigas menores em qualquer trabalho noturno, a Sra. Philippe, contra-mestre, foi condenada em 20 francos de multa e nas custas, de que o Sr. Regis fica civilmente responsável, bem que o emprego das raparigas de noite teve lugar sem que ele soubesse. O tribunal mostrou-se indulgente e fez aplicação do artigo 463 do código penal, atendendo a que a lei é nova e ainda não entrou nos hábitos da população. Mas, vê-se que não é letra morta e os donos das fábricas obraram prudentemente observando com escrúpulo uma que comina multas que podem elevar-se a 500 francos e em caso reincidência, a mil.” [O *Globo*, 16 de maio de 1876, p.2.]

¹¹¹ “Republica Francesa (carta do nosso correspondente) – Paris, 8 de maio de 1876.” O *Globo*, 3 de junho de 1876, pp. 1 e 2.

exclusão”.¹¹² Nele a autora analisa as dificuldades de acesso à cidadania feminina na França desde os inícios da Revolução Francesa (1789), quando se definiu uma cidadania civil, porém não política para as mulheres, passando pelos retrocessos com a imposição do Código Civil em 1804, que considerava as mulheres “cidadãs passivas”, e atentando-se ainda na Revolução de 1848 e no Segundo Império (1852-1870), quando avanços significativos seriam alcançados. Contudo, as francesas somente poderiam votar em 1945.

A análise crítica apresentada por Perrot converge com as considerações traçadas pelo correspondente do *Globo*. E, se pensarmos no contexto inglês vitoriano (1837-1901), de notáveis progressos econômicos e sociais, torna-se possível compreender algumas das diferenciações enfatizadas pelo jornalista. No entanto, talvez seja infrutífero deter-se em um exame comparativo de tais conjunturas. Isso porque nos interessa muito mais esclarecer outros aspectos que constituem a argumentação sustentada no artigo, inserindo-o ainda na trama complexa das várias outras notícias veiculadas no jornal e que também tratavam da situação das mulheres francesas no século XIX.

Se analisarmos a trajetória argumentativa proposta pelo redator do *Globo*, pode ser que alguns detalhes soem um pouco confusos. Inicialmente os conservadores franceses são tripudiados pela inércia e indisposição em discutir temas importantes, que visavam melhoramentos essenciais à sociedade da época, como no exemplo das reformas que tratavam da liberdade de imprensa. Por outro lado, os ingleses seriam mais “práticos” e progressistas, pois, em pleno dia, se dispunham a enfrentar temas que causavam desgostos aos espíritos mais retrógrados, como era o caso dos debates ocorridos pela emancipação política das mulheres. Por fim, e numa espécie de “faça o que digo, mas não faça o que faço”, o anônimo jornalista fazia questão de enfatizar que, pessoalmente, não era a favor da emancipação feminina, porém, reafirmava sua admiração pelas instâncias inglesas sensíveis a tais reivindicações sociais. E em tom fatídico, o trecho terminava com o alerta da impossibilidade de adiar-se tal debate também nas instituições políticas francesas.

Seria o nosso redator um profeta da mesma estirpe do personagem senhorial de Machado de Assis que, ciente da inevitabilidade da abolição da escravidão no Brasil, acaba

¹¹² PERROT, Michelle. “As mulheres e a cidadania na França: história de uma exclusão.” In: *As mulheres ou os silêncios da história*. (Tradução: Viviane Ribeiro). Bauru-SP: EDUSC, 2005 [1998], p.327-341.

“concedendo” a alforria ao seu molecote Pancrácio?¹¹³ O paralelismo não seria exagerado. As crescentes demandas feministas que assolavam diversos países europeus também encontravam respaldo na França de então. Por sinal, ao longo do ano de 1876, as páginas do *Globo* foram constantemente impressas com textos que tratavam da questão do divórcio, tema muito em voga naquele momento.

Em 1876 o deputado Alfred Naquet propunha um projeto de lei que defendia o restabelecimento do divórcio na França. Em suas cláusulas, o projeto previa o direito ao divórcio em casos de incompatibilidade de temperamentos; por consentimento mútuo; por adultério cometido por qualquer uma das partes; além de casos excepcionais que poderiam ser considerados pela jurisprudência. Pouco antes, em 1875, Naquet já havia publicado um programa no qual defendia o divórcio, assim como o direito das mulheres gerirem seus bens e de serem reconhecidas do ponto de vista civil.¹¹⁴ Ou seja, as imbricações entre o divórcio e os direitos das mulheres eram evidentemente indissolúveis. No Código Civil¹¹⁵ era previsto apenas o “divórcio culposo” em casos excepcionais que envolvessem adultério; sevícias; injúrias graves; e condenação a pena infamante. O texto abaixo, publicado no *Globo*, traz alguns dados estarrecedores sobre os casos de separação conjugal ocorridos na França entre os anos de 1840 e 1863. Acompanhemos:

Divórcio

O Dr. Drouet, de Paris, acaba de publicar um livro, no qual pede às câmaras francesas o restabelecimento do divórcio, fundando-se em grandes considerações civis, morais e políticas. Sem que seja nosso propósito discutir a importância da petição, reproduziremos alguns dados estatísticos dos contidos no livro de que nos ocupamos, e que dão uma triste ideia dos modernos costumes em certos povos que pretendem ser os primeiros em todos os progressos.

No período de 23 anos, isto é, desde 1840 a 1863, instauraram-se em França 38.492 processos de divórcio, e destes, 3.069 a instâncias do marido, e 32.763 a *instâncias da mulher*.

Da estatística que fez Mr. Drouet resulta que os maridos na sua maior parte foram levados aos tribunais por suas mulheres, por causa da brutalidade de seu caráter e por maus tratamentos que lhes davam, e que quase a totalidade dos divórcios

¹¹³ Ver: ASSIS, Machado de. “Bons dias!”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1888. Crônica consultada na seguinte edição: ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson, (3ª edição). Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008, pp.109-111.

¹¹⁴ O programa de Naquet foi publicado em *Le Temps*, 10 de setembro de 1875. Sobre a questão do divórcio na França, ver: ROSIN, Francis. *Les divorciaires: affrontments politiques et conceptions du mariage dans la France du XIXe. Siècle*. Paris: Éditions Aubier, 1992.

¹¹⁵ Disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.assemblee-nationale.fr/evenements/code-civil-1804-1.asp> [consultado em julho de 2013].

pedidos pelos esposos tiveram por fundamento a falta de fidelidade de suas esposas.¹¹⁶

Reconhecendo a imprecisão dos números, consideremos a porcentagem aproximada de que mais de 85% dos processos de divórcio instaurados na França entre 1840 e 1863, foram impetrados por mulheres. Ainda de acordo com o texto, entre os principais motivos alegados, destacavam-se os casos de maus tratos cometidos por maridos autoritários. Muito provavelmente as queixas se relacionavam à chamada “supremacia marital” que submetia as mulheres casadas ao estado de dependência e proteção do cônjuge. Nessa situação, prevista pelo direito, a mulher casada era praticamente desconsiderada em sua individualidade civil e, assim como uma menor de idade, era subjugada à autoridade patriarcal. Daí os constantes casos de abuso de poder, violência e humilhação.

No entanto, e conforme exposto, eram numerosas as mulheres que não se calavam e procuravam os meios legais para dissolver uniões destrutivas e infelizes. E, se pensarmos no casamento como uma instituição política, para além de uma relação de âmbito privado, torna-se possível depreender a capacidade das mulheres promoverem transformações em todos esses domínios.

No lado oposto, e em número bem mais reduzido, também seriam citados os maridos que procuravam o divórcio de esposas acusadas de infidelidade. Para compreender um pouco melhor a questão, talvez sejam necessários alguns breves esclarecimentos. Conforme afirmado, o adultério era aceito como causa de separação em tribunal, no entanto, existiam muitas diferenças no tratamento de homens e mulheres no que diz respeito à comprovação da traição. Assim, na França, até 1884 o adultério da mulher era um ato espontâneo, que podia ser provado por qualquer meio (frequentemente pelo roubo de cartas). Em contrapartida, o delito do marido, só seria punível se a concubina fosse mantida sob o teto conjugal, além disso, somente o flagrante e a apresentação de provas concretas poderiam constatar a traição masculina. No segundo caso, eram consideradas as correspondências que por ventura caíssem nas mãos das esposas, todavia, o testemunho masculino era especialmente levado em consideração na confirmação ou descrédito desse tipo de prova.

¹¹⁶ “Divórcio”. *O Globo*, 19 de junho de 1876, p. 2.

Vulneráveis em sua honra, as mulheres casadas sofriam com uma legislação condescendente com o patriarcalismo. E apesar dos debates suscitados em 1876, somente em 1884 a lei do divórcio seria aprovada na França. Até então, conforme exposto, a permissão ao divórcio se restringia aos casos considerados “culposos” pelo Código Civil. Porém, como proceder em casos não previstos por essa legislação? Por exemplo, o que poderia ser feito em situações de desamor, tédio, desinteresse, ou diante dos mais diversos motivos que poderiam minar uma relação? Teoricamente, nada além de conformar-se. Contudo, as práticas cotidianas e os usos da lei ofereciam respostas bem mais complexas. O texto abaixo traz a notícia de uma mulher que “aparentemente sem motivos” desejava dar fim ao próprio casamento. Para tanto, ela falsificaria cartas do marido com intuito de criar provas de uma suposta traição. Ou seja, a artimanha forjava um caso previsto na lei. A maestria do golpe vale a leitura:

Malícia mulheril

Não se fala atualmente, diz o *Constitutional* de Paris, nas salas de uma das principais cidades de Borgonha, senão de um processo de separação dos mais curiosos, no qual se dá um fato bastante raro, se por ventura já alguma vez aconteceu, em um gênero de processo em que os esposos dão largas habitualmente a toda a sua malícia.

A esposa, bonita como os amores, nova, catita e cheia de gentileza, quer a todo pano a sua liberdade como se vai ver. Não tinha queixas sérias a alegar contra seu marido. Este, sem estar de todo satisfeito com sua mulher, não quer, contudo, abandoná-la, por causa do escândalo e para interesse dos filhos.

Sabem o que a tal senhora imaginou? Exercitou-se em escrever cartas anônimas, e tornou-se tão mestra que deixou a perder de vista o artista mais perfeito no gênero. Conseguiu imitar tão fielmente a letra de seu marido, que pôde escrever a si própria uma série de cartas assinadas com o nome de seu marido e contando as imputações mais injuriosas para ela.

Esta excelente mulher buscou em injúrias tão graves um dos principais motivos do seu pedido de separação.

O marido, porém, admirando a arte e o espírito com que a mulher o fez escrever, protesta com razão de sobra que aquelas cartas não são do seu punho.

O processo iniciado teve que ser suspenso e vários peritos parisienses estão atualmente curvados sobre as tais cartas, de lente em punho, procurando na letra ordinária da senhora a analogia com a outra letra, a fim de conhecerem a falsidade.

Esta peça pregada a um pobre marido tem o seu quê de original.¹¹⁷

Infelizmente, assim como os leitores do *Globo*, não temos notícias se a fraude foi comprovada pela justiça francesa. De qualquer forma, a malícia da esposa insatisfeita

¹¹⁷ “Malícia mulheril”. *O Globo*, 7 de junho de 1876, p. 2.

demonstrava como - até mesmo por subterfúgios - as mulheres encontravam meios de afirmar as próprias vontades. E se recapitularmos os exemplos que nos guiaram até aqui, perceberemos que esse último caso citado, não deve ser lido de maneira isolada.

As notícias que vinham dos Estados Unidos e da Inglaterra revelavam um cotidiano de mulheres que impunham sua presença na esfera pública e faziam-se ouvidas nos meios institucionais. Lançando mão das considerações de Hannah Arendt¹¹⁸, a esfera pública revelava a pluralidade humana que antes se fazia homogênea nos espaços privados. Dessa maneira, era na rua que as mulheres tornavam-se perceptíveis aos outros, assim como era na rua que as mulheres afirmavam-se para si e em relação às suas semelhantes. Por isso, a invasão feminina do espaço público resultaria em trocas, identificações e solidariedades entre as próprias mulheres. Daí a formação de verdadeiros “contra poderes” capazes de questionar o *status quo*.

Conforme demonstrado, eram muitas as notícias que tocavam no tema do feminismo ao redor do mundo. As pautas se referiam às mulheres que lutavam por cidadania; por condições dignas de trabalho; pelo direito de desfazer laços que as submetiam. Dessa maneira, no *Globo*, eram apresentados contextos diversos, de mulheres que encontravam meios coletivos, ou individuais, de se expressarem nos meios institucionalizados pelo poder.

Por fim, voltemos à pilhéria inicial: mas as mulheres faziam as leis?¹¹⁹

Inicialmente, o mecanismo humorístico da frase se fazia compreensível pelo olhar estrangeiro de seu redator, completamente surpreso com a inserção social das mulheres norte-americanas. Por outro lado, não seria equivocado cogitar que o chiste era composto também pela expectativa em relação ao seu público-alvo: os leitores brasileiros do *Globo*. Nesse sentido, tendo-se em vista a realidade patriarcal do contexto brasileiro de então, a hipótese de que as mulheres pudessem fazer as leis só poderia soar como piada suscetível de gargalhadas. Mas, neste caso, o “só” seria excessivamente peremptório. Entre tantas notícias que abordavam as mobilizações e as conquistas feministas ao redor do mundo, muitas leituras poderiam surgir e, talvez as supostas gargalhadas previstas pudessem se

¹¹⁸ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1958].

¹¹⁹ Nos referimos ao artigo “As mulheres nos Estados Unidos” [*O Globo*, 7 de junho de 1876] exposto no início deste item.

converter em “sorrisos amarelos” nas faces de leitores e leitoras que, após tomarem contato com realidades tão diversas, poderiam questionar a própria realidade vivenciada.

Dessa forma, tal noticiário flertava com uma polissemia que escapava às expectativas dos editores do periódico. Tantas abordagens sobre os caminhos percorridos por mulheres que, forçosamente, faziam-se ouvidas nos meios oficiais de poder, poderiam confluir para uma percepção: sim, as mulheres faziam as leis.

CAPÍTULO II

HELENA, DE MACHADO DE ASSIS, NO JORNAL O GLOBO.

II.1 Alinhavando jornal e folhetim: se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes.

[...] Se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes. Sobre elas cai a maior responsabilidade de tudo o que tem de materialista, de interessado e de penoso a uma alma nobre, os costumes do século.

Rosario Orrego de Uribe. “O luxo e a moda – [extraído]”. *O Globo*, 6 de março de 1876, p.2.

As considerações foram traçadas através da pena de uma importante intelectual chilena, reconhecidamente comprometida com a inclusão feminina no contexto social de seu país. O artigo tratava da intrínseca relação entre moda e universo feminino, e as críticas da autora se voltavam aos ditames de uma indústria que aprisionava - até mesmo as mulheres mais pobres¹²⁰ - às praxes consideradas indispensáveis à vida em sociedade, como por exemplo, a obrigação de vestir-se de forma luxuosa a fim de adentrar nos mais seletos círculos sociais.

Nesse contexto, a moda seria compreendida como uma linguagem simbólica, a partir da qual se distinguia “quem era quem”.¹²¹ E se as aparências, de fato, correspondiam à realidade, pouco importava; mas nesses “jogos cênicos”, era imprescindível, especialmente às mulheres, saber representar. Ademais, por meio da afirmação de que “as mulheres faziam os costumes, mas não as leis”, somos alçados a uma forma diversa de ação política, por vezes alheia aos meios oficiais, mas profundamente imbricada à

¹²⁰ “Verdade é que há senhoras de alto tom, o que quer dizer, de fortuna, que adotam um modo de vestir adequado às suas grandes rendas e ao seu gênero de vida, porém é preciso que, as que não possuem os mesmos recursos, nem podem levar a mesma vida; adotem o mesmo modo de vestir? Pois sim, senhor; não há remédio. Assim o exige a moda, essa bela tirana e, por conseguinte, a família de um empregado que, à muito custo, ganha com que viver, há de pôr o mesmo chapéu e usar a mesma botina de tacão imperial, custe o que custar, que a opulenta senhora ou a filha do banqueiro.” URIBE, Rosario Orrego de. “O luxo e a moda – (extraído)”. *O Globo*, 6 de março de 1876, p.2.

¹²¹ Ver: SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

domesticidade.¹²² De volta ao Brasil, retomaremos a publicação do folhetim *Helena*, de Machado de Assis, em meio à experiência de leitura proporcionada pelo jornal *O Globo*, e atentando no exame das “vias” encontradas pela protagonista para administrar o próprio cotidiano.

Para tanto, inicialmente nos deteremos na análise das especificidades dessa domesticidade que envolvia todo o folhetim e que criava a complexa trama por onde se movimentava a personagem Helena. Apropriando-nos de um termo fartamente utilizado pelo crítico Roberto Schwarz¹²³, também acreditamos que a narrativa de Machado de Assis causa certa sensação de “abafamento” em sua leitura, mas, do nosso ponto de vista, esse “falta de ar”, pouco tem a ver com a percepção da família patriarcal como esfera reparadora das disparidades sociais.

Em uma leitura mais pormenorizada do romance, podemos depreender que Helena não seria simplesmente, ou benevolmente, inserida no cenário de Andaraí; na verdade, a personagem seria encerrada no interior do convívio da própria instituição familiar. Porém, em nossa análise, nos guiamos através de um viés interpretativo atento aos interesses e à violência inerentes a essas relações, principalmente no caso da personagem intrusa, forçosamente aceita “em comunhão” para que o patrimônio familiar fosse preservado em seu próprio meio, conforme esclarecia Estácio:

[...] Além disso, essa menina nenhuma culpa tem de sua origem, e visto que meu pai a legitimou, convém que não se ache aqui como enjeitada. Que aproveitaríamos com isso? Nada mais do que perturbar a placidez da nossa vida interior. Vivamos na mesma comunhão de afetos; e vejamos em Helena uma parte da alma de meu pai, que nos fica para não desfalcar de todo o patrimônio comum.¹²⁴

Assim, Helena foi acolhida em respeito às inquestionáveis diretrizes deixadas pelo pai adotivo. E já em meio às cordialidades receosas que cercaram sua recepção na propriedade da família, a moça pediria que D. Úrsula e Estácio lhe acompanhassem em um passeio pela nova moradia. Arredia, a tia se recusava, mas Estácio lhe atenderia prontamente. Segue abaixo os inícios da introdução da herdeira ao seu novo lar:

¹²² Ver: VARIKAS, Eleni. “O pessoal é político: desventuras de uma promessa subversiva.” *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1996, pp. 59-80.

¹²³ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. (2000). *Op.cit.*

¹²⁴ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo II). *O Globo*, 8 de agosto de 1876.

[...] Estácio declarou-se pronto para acompanhar a irmã. Helena, entretanto, recusou. Irmão embora, era a primeira vez que o via, e ao que parece, a primeira que podia achar-se a sós com um homem que não seu pai. D. Úrsula, talvez porque preferisse ficar só algum tempo, disse-lhe secamente que fosse. Helena acompanhou o irmão. Percorreram parte da casa, ouvindo a moça as explicações que lhe dava Estácio e inquirindo de tudo com zelo e curiosidade de dona da casa. Quando chegaram à porta do gabinete do conselheiro, Estácio parou.

- Vamos entrar num lugar triste para mim, disse ele.

- Que é?

- O gabinete de meu pai.

- Oh! Deixe ver!

Entraram os dous. Tudo estava do mesmo modo que no dia em que o conselheiro falecera. Estácio deu algumas indicações relativas ao teor da vida doméstica de seu pai; mostrou-lhe a cadeira em que ele costumava ler, de tarde e de manhã; os retratos da família, a secretária, as estantes; falou de quanto podia interessá-la. Sobre a mesa, perto da janela, estava ainda o último livro que o conselheiro lera: eram as *Máximas* do marquês de Maricá. Helena pegou nele e imprimiu um beijo na página aberta. Uma lágrima brotou-lhe dos olhos, como pingo de sereno que caísse da asa da noite, não fria como ele, mas quente de todo o calor de uma alma apaixonada e sensível; brotou, deslizou e foi cair no papel.

- Coitado! Murmurou ela.

Depois sentou-se na mesma cadeira em que o conselheiro costumava dormir alguns minutos depois de jantar, e olhou para fora. O dia começava a aquecer. O arvoredo dos morros fronteiros estava coberto de flores de quaresma, com suas pétalas roxas e tristemente belas. O espetáculo ia com a situação de ambos.

[...] Helena ergueu-se.

- Amava-o muito? Perguntou ela.

- Quem o não amaria?

- Tem razão. Era uma alma grande e nobre; eu adorava-o. Reconheceu-me; deu-me família e futuro; levantou-me aos olhos de todos e aos meus próprios. O resto depende de mim, do juízo que eu tiver, - ou talvez da fortuna.¹²⁵

De antemão é importante perceber que não estamos diante de um narrador didático a nos conduzir pelo romance-folhetim. Conforme metaforizado por Hélio de S. Guimarães¹²⁶, o narrador de *Helena* estaria recolhido nos bastidores, de onde dirigia seus personagens ao mesmo tempo em que observava as reações da plateia. Todavia, acreditamos que a discrição não estaria associada à ideia de neutralidade, pois, conforme demonstraremos, há “marcas” na superfície narrativa de *Helena*, capazes de denunciar a indelével interferência desse reservado - mas perceptível - narrador. Isto posto, voltemos ao passeio dos recém apresentados irmãos.

Apesar do tratamento cortês de Estácio, inicialmente, Helena resistiria em sair sozinha com ele, pois, *ao que parecia*, ela jamais teria ficado a sós com um homem

¹²⁵ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo III). *O Globo*, 9 de agosto de 1876.

¹²⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. (2012). *Op.cit.*, p.137.

estranho. Eis os vestígios do nosso tímido narrador. Porém, a insinuação injuriosa não encontraria respaldo diante do comportamento cuidadoso e honrado de Helena. Primeiras formalidades vencidas, enfim a menina seria guiada pelo irmão no trajeto pela chácara, tal qual uma “visita” a quem se apresenta a casa. No entanto, talvez Estácio ainda não tivesse compreendido o papel que seria desempenhado por Helena na reconfiguração daquele arranjo familiar. A moça não era uma simples visitante passível de ser impressionada com o que lhe era descortinado. Helena era herdeira, e ciente de sua situação, empenhava-se em acompanhar as explicações de Estácio *com zelo e curiosidade de dona da casa*.

Na sequência, e com a gravidade que situação exigia, ambos adentram ao gabinete do recém-falecido pai. A descrição do cenário remete à ideia de um sacrário intacto, cheio de memórias, onde tudo havia permanecido como no dia da morte do Conselheiro. A atmosfera sombria, os retratos de família, os móveis, o livro de *Máximas* aberto; enfim, tudo induzia à presença e autoridade da figura paternal que rondava os irmãos. Logo depois, Helena sentava-se na cadeira que o pai costumava cochilar depois do jantar - talvez a mesma onde ele havia sofrido a apoplexia fulminante.

Conforme sugerido por Tânia Moreira¹²⁷, se pensarmos na relação do objeto cadeira enquanto representação de poder, a atitude da personagem se converte em provocação. E de fato, parece haver certa faceirice na atitude da moça que, a despeito de toda a morbidez, se acomoda exatamente na cadeira do defunto. Pois bem, após levantar-se, Helena se dirige a Estácio a fim de especular sobre seus afetos em relação ao próprio pai. Entre o folhetim e o livro há diferenças significativas na formulação da pergunta da moça. No folhetim, Helena pergunta se Estácio *amava* o pai; no livro, Helena pergunta se Estácio *gostava* do pai. Enfim, em ambos os casos, os questionamentos eram extremamente inconvenientes, pois, era indubitável que o filho amava, ou no mínimo, gostava do pai. Mas, no folhetim, a pergunta soava de forma mais intensa e implicitamente mais punitiva a depender da resposta. Porém, era evidente que Estácio amava o pai, afinal, quem não o amaria? Mais que amá-lo, Helena *adorava-o*, mas sua adoração não seria motivada por um suposto sentimento filial. Nas palavras da filha adotiva: o Conselheiro era “uma alma grande e nobre; eu adorava-o. *Reconheceu-me; deu-me família e futuro; levantou-me* aos olhos de

¹²⁷ MOREIRA, Tânia. “Lágrimas ou suspiros: a heroína romântica entre o domínio masculino e a emancipação feminina. Uma leitura comparada de *Carlota Ângela* (1858) de Camilo Castelo Branco e *Helena* (1876) de Machado de Assis”. *Revista Machado de Assis em linha*, ano II, nº 3/junho/2009.

todos e aos meus próprios.” É interessante perceber que os elogios voltados ao Conselheiro eram, na verdade, autodirigidos. Helena adorava-o (porque) ele a reconheceu, deu-lhe família, levantou-lhe aos olhos de todos *e aos seus próprios*. Portanto, ela adorava a figura paternal que havia lhe proporcionado ascensão social; e o restante dependia da própria menina, de seu juízo, ou talvez da fortuna.

Em cumplicidade com toda a farsa que a inseria naquele meio, Helena comportava-se como a mais legítima das herdeiras, certa dos ganhos financeiros que a justiça lhe assegurava e, mais que isso, ciente do novo papel que lhe era reservado enquanto parte integrante de uma família respeitada nos mais altos círculos de poder. Todo o *resto* dependeria de seu protagonismo. Mas, o que poderia restar? Bem, não se trata de tarefa fácil conjecturar quais os desejos vindouros da jovem. O futuro iminente apontava para sua imersão na tradicional família Vale. Ou seja, de início, a menina deveria fazer-se aceita, a fim de desencorajar as desconfianças que lhe eram lançadas. Feito isso, restava portar-se como a moça rica em que ela havia se transformado, executando todo o “jogo cênico” que a situação exigia. De origem pobre, mas educada de acordo com os signos que orientavam aquele distinto meio social, Helena saberia jogar. Mas, dada a sua situação vulnerável, as aspirações pelo que estava por vir perpassavam os constantes riscos de retrocesso à pobreza. Por isso, administrar o cotidiano doméstico com destreza era imprescindível à manutenção do cálculo que garantia a ascensão social. Além disso, a situação ambivalente da personagem era o que lhe permitia interpretar criticamente os valores e significados que organizavam o mundo a partir do ponto de vista de Estácio e de seus pares. O futuro, portanto, se daria a partir da introjeção simulada dos valores senhoriais que garantiriam um porvir digno à órfã (quase) só no mundo.¹²⁸

Conforme nos contava o narrador do folhetim, Helena tinha a habilidade de acomodar-se às circunstâncias do momento, sabia ser frívola com os frívolos e grave com os graves. Isso tudo, é claro, sem contar suas virtudes domésticas, essencialmente feminis: “praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa.”¹²⁹ Na versão em folhetim, o perfil da moça seguia resumido nas seguintes considerações: “Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e

¹²⁸ Ver: CHALHOUB, Sidney. (2003). *Op. cit.*

¹²⁹ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo IV). *O Globo*, 10 de agosto de 1876.

maneiras elegantes, complexo de cousas na aparência opostas, mas não inconciliáveis nem disparatadas entre si.”¹³⁰ Eram muitas as características dúbias de Helena: pobre e rica; frívola e grave; legítima e usurpadora; feminina e - ameaçadoramente - masculina ao mesmo tempo.

Já nos ocupamos do capítulo VI do folhetim, quando Helena comete um “furto” na biblioteca de Estácio, a fim de convencê-lo a acompanhá-la num passeio a cavalo. Não retomaremos a cena. Mas na versão em folhetim, esse capítulo seria dividido em duas partes. A primeira parte, publicada no dia 12 de agosto de 1876, contava a travessura de Helena e o flerte com *Manon Lescaut*. Em seus trechos finais, Helena ouviria as recomendações de Estácio sobre os cuidados com a aparente mansidão da égua Moema, porém a menina prometia parcimônia: “Prometo ir pacificamente”.¹³¹ Dessa forma findava a primeira parte do capítulo e, somente no dia seguinte, descobriríamos o ar pueril da afirmação.

No dia 13 de agosto de 1876, seguia a continuação. O passeio se iniciava, e o professor perceberia que não era superior à pupila em tais artes: “- Não me dirá você, perguntou ele, porque motivo, sabendo montar, pedia-me lições?” Helena responderia com um misto de gracejo e altivez: “- A razão é clara, disse ela; foi uma simples travessura, um capricho... ou antes um cálculo.” Em seguida, ela se referia a impossibilidade de sair só, e às intenções de acometer ao irmão certa superioridade momentânea. Entretanto, a puerilidade da menina se converteria em ofensa aos ouvidos de Estácio: “- Já lhe negamos algum prazer que desejasse?” A moça era capaz de reconhecer o potencial violento do irmão e a vulnerabilidade de sua posição, por isso, opta por retroceder: “- Não! murmurou; minha dívida não tem limites.” E diante da submissão lacrimosa de Helena, Estácio até podia fazer-se generoso a ponto de desculpa-la pela ofensa que *ele* havia cometido: “- Você ficou triste, disse Estácio; mas eu desculpo-a.”¹³² Enfim viriam as pazes:

[...] – Apertaram-se as mãos, e o passeio continuou nas melhores disposições do mundo. Helena deu livre curso à imaginação e ao pensamento; suas falas exprimiam, ora a sensibilidade romanesca, ora a reflexão da experiência prematura,

¹³⁰ Idem.

¹³¹ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI). *O Globo*, 12 de agosto de 1876.

¹³² Todas as citações foram retiradas de: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI - continuação). *O Globo*, 13 de agosto de 1876.

e iam direitas à alma do irmão, que se comprazia em ver nela a mulher como ele queria que fosse, uma graça pensadora, uma sisudez amável.¹³³

As pazes entre os irmãos reorganizavam os jogares aos seus devidos lugares no tabuleiro. Para retomar sua autoridade, Estácio buscava submeter Helena aos seus papéis de dependente e mulher. A irmã, por sua vez, compreendia como se dava o raciocínio de Estácio, e para fazer-se cativa aos seus olhos, se utiliza da “máscara feminil” concebida a partir das características esperadas. Portanto, *para se converter na mulher que Estácio desejava que ela fosse*, eram necessárias muitas lágrimas, certa sensibilidade romântica, além de um pouco de resignação. Mas o longo capítulo ainda não havia terminado, e a postura ativa de Helena seria retomada.

No trajeto percorrido, os irmãos ainda se deparariam com um suposto escravo sentado a descascar uma laranja. Diante da cena, Estácio traçaria algumas considerações sobre as vantagens de uma riqueza capaz de comprar absolutamente tudo, inclusive o tempo. Conforme analisado por Sidney Chalhoub, pura “filosofice senhorial” proferida por alguém incapaz de qualquer exercício de alteridade.¹³⁴ Helena, no entanto, tentaria relativizar o ponto de vista de Estácio argumentando que “perdendo tempo” naquele trajeto, o escravo conseguia gozar de alguns momentos de liberdade. Tudo seria em vão, visto que Estácio não compreenderia as explicações da irmã:

[...] Estácio soltou uma risada.
- Você deveria ter nascido...
- Homem?
- Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas. Nem estou longe de crer que o próprio cativo lhe parecerá uma bem-aventurança, se eu disse que é o pior estado do homem.¹³⁵

E de repente não estamos mais diante da frágil menina guiada por uma sensibilidade romanesca. No trecho destacado, Helena buscava desarticular as considerações classistas proferidas pelo irmão, utilizando-se de uma argumentação sofisticada e racional. Sob a ótica do Estácio, a racionalidade seria uma característica essencialmente masculina; Helena, por sua vez, não esperava algo diferente vindo do rapaz, daí a complementação da frase:

¹³³ Idem.

¹³⁴ CHALHOUB, Sidney. (2003). *Op.cit.*, pp.23-35.

¹³⁵ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI - continuação). *O Globo*, 13 de agosto de 1876.

“Você deveria ter nascido... homem.” Cartesiano o intelecto do geômetra? Sem dúvida. Tal perspectiva remete a um discurso bastante difundido nos oitocentos, e que tratava a diferença entre os sexos em termos segregadores. Nesse sentido, à mulher cabiam as características sensíveis e delicadas (apropriadas ao espaço privado), enquanto os homens eram associados à razão e à inteligência (características do espaço público).¹³⁶ Todavia, se abrangermos nossa análise para além das considerações polarizadoras de Estácio, torna-se possível percebermos outros vários meandros a respeito das possibilidades delegadas - e criadas - pelas mulheres no século XIX.

Adotando a categoria analítica *gênero* para nos referirmos à organização das relações *entre* os sexos, podemos cogitar outras leituras do folhetim machadiano. Segundo Joan Scott¹³⁷, o gênero deve ser compreendido como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Ou seja, construído socialmente, o gênero não seria determinado pelo sexo (embora ambos sejam indissociáveis). Para Estácio, a ambivalência de Helena também se traduzia em termos de gêneros: como mulher, a irmã deveria portar-se de forma lânguida e submissa; porém, diante de qualquer comportamento dissonante, a moça se convertia em figura masculina ameaçadora, capaz de desestabilizar os alicerces da pirâmide patriarcal. O fato é que Helena *fingia* certa sensibilidade dita feminina enquanto *possuía* a racionalidade atribuída ao gênero masculino. Dessa forma, Machado de Assis abordava uma experiência subversiva ao que era designado aos gêneros.

Em meio à experiência de leitura que tem sido proporcionada pela imprensa, podemos depreender que tal interpretação do romance-folhetim pode ser considerada bastante coerente. Seguem abaixo dois exemplos de textos publicados no jornal *O Globo* que, implicitamente, se referiam à *representação e subversão* dos papéis reservados aos gêneros. A primeira citação trata do suposto comportamento que deveria ser forjado pelas mulheres que pretendiam se casar. De acordo com o texto, às moças empenhadas na “caça de um marido” era aconselhável fingir interesse por tudo o que remetia ao universo doméstico (amor à agulha, simplicidade no modo de vestir-se, interesse pela cozinha), além disso, também era recomendável afastar-se daquilo que poderia ser nocivo à honra feminina

¹³⁶ Ver: PERROT, Michelle. (2005) [1998]. *Op.cit.*

¹³⁷ SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica." *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2), jul/ dez, 1990 [1986].

(luxo, coquetismo, primos). Eis os vestígios da “máscara feminil” constantemente utilizada pela personagem Helena:

Método para se caçar maridos – Apresenta o seguinte a *Democracia* de Montevideo

Abandone-se o luxo por algum tempo, finja-se grande amor à agulha; fale-se mal do coquetismo; entre-se a dizer que os primos são a pior peste que Deus pôs no mundo; não se chegue à janela; vista-se com extrema simplicidade; troque-se as joias por flores e leia-se todos os dias um bocadinho da *Arte de Cozinhar*.

Acodem os homens como moscas ao melado, podendo então a mulher escolher aquele que lhe convier.

Este método deu sempre ótimos resultados.¹³⁸

No segundo excerto, os leitores do *Globo* se deparavam com a historietta aventurosa de uma jovem norte-americana que disfarçada de homem, buscava sustento e autonomia fora do âmbito de uma relação conjugal marcada pela violência. Nesse caso, a utilização da identidade masculina - e das consequentes funções ligadas a tal gênero - se convertia em subterfúgio a uma situação opressora:

Mulher homem

Em um dos últimos dias de dezembro de 1875, ao Sr. Anton Pearse, proprietário da *Carnolia Chemical Works*, em Long-Island City (Estados Unidos), chegou-se um mancebo pedindo-lhe para ser empregado em uma herdade. O Sr. Pearse admiti-o imediatamente e mandou-o para um estabelecimento.

Alguns dias depois, o rapaz comunicou ao Sr. Pearse que fora obrigado a deixar a herdade, em virtude do desasseio insuportável em que ela era conservada. Dois dias depois foi buscar o que era seu, e no momento em que retirava, os proprietários da herdade acusaram-no de ter furtado uma camisa e a despeito de todas as suas negativas e protestos, deram-lhe uma busca. Esta operação revelou que o rapaz era uma moça, o que é um delito em Long-Island City, pelo que foi recolhido à prisão.

Levada no dia seguinte, perante a autoridade, a presa declarou chamar-se Alice Holmes e contou sua vida, cujo extrato é o que se segue:

Nascida em Marion (Massachusetts), de uma família respeitável, Alice esposou na idade de 14 anos, um empregado do telegrafo e abandonou-o dois meses depois do nascimento de seu primeiro e único filho, porque ele a maltratava. Tendo-se saído mal em todas [as] suas tentativas para achar ocupação própria de seu sexo, vestiu-se de homem e quase imediatamente pode empregar-se como guarda-livros na casa de um negociante de carvão; mas um fato, que é inútil aqui mencionar, tendo mostrado a esse comerciante que seu empregado era mulher. Ele a despediu, obrigando-a a sair da cidade.

Alice foi então para a campanha, sempre vestida de homem, e trabalhou algum tempo em herdades, e depois para Bzooklyn e contratou-se como moço no navio

¹³⁸ *O Globo*, 10 de setembro de 1876, p.1.

Argonauta em viagem para Jamaica. Na volta, tendo cometido algumas infrações da disciplina, foi metida em ferros, tendo pão e água por alimento.

Depois de dois dias deste regime, fugiu e foi para New York, onde tomou lugar em outro navio, que partia para Bridgeport.

Na volta para New York, há cerca de um mês, o capitão caiu doente por causa do frio, e Alice teve de tomar o comando do navio, que a levou a salvamento do seu destino.

Não podendo achar emprego em New York partiu resolvida a empregar-se em trabalhos no campo, e foi então que encontrou o Sr. Pearse e por ele foi admitida, como já ficou dito.

- O que eu faço, pode parecer degradante, disse ela ao concluir; cortarei antes, porém, a mão direita do que submeter-me de novo aos caprichos de um homem.

A autoridade policial pôs em liberdade Alice Holmes que era – *unicamente acusada de não ser homem* – obrigando-se ela, porém, a ir mostrar suas calças longe de Long-Island City.

A heroína desta historietta é morena, tem 5 pés e 8 polegadas de altura e 18 anos de idade.¹³⁹

Como era frequente no *Globo*, ambos os textos se referiam a realidades exteriores ao contexto brasileiro; todavia, para além das origens de tais escritos, em nossa dissertação, buscamos nos aproximar da experiência de leitura do público brasileiro exposto a tal noticiário. Anteriormente, a partir de cenários estrangeiros, tratamos das articulações feministas que já adentravam aos meios oficiais de representação política. De volta ao Brasil e ao folhetim de Machado de Assis, pensamos na possibilidade de interpretações em torno de uma política que se dava no espaço doméstico e que tinha por principais articuladoras as mulheres. Mulheres à semelhança de Helena, que também encontravam brechas para lidar com as mais rígidas relações de poder. Nesse sentido, a dissimulação e o uso dos papéis de gêneros também se convertiam em meios de negociação e resistência a um cotidiano opressor. Mas seria possível cogitar que essa influência feminina, ocorrida na domesticidade, também seria capaz de ultrapassar as delimitações do privado? A par das mobilizações feministas internacionais, propomos que o público-leitor do *Globo* pudesse enxergar no folhetim o exercício de uma política feminina que, através dos meandros da intimidade, também pudesse se infiltrar nos meios políticos institucionais. Mas, para tanto, faz-se necessário retomarmos o fio da trama narrativa.

Certo dia, Estácio, que jamais demonstrara qualquer inclinação para a política, se vê envolvido em uma conspiração doméstica que tinha por intenção arrastá-lo à vida pública. A proposta partiria de Camargo, o taciturno médico, pai de Eugênia. Apoiado por tia

¹³⁹ *O Globo*, 13 de março de 1876, p.3.

Úrsula, o réptil buscava convencer Estácio das vantagens e prestígio que poderiam ser vislumbrados em sua eleição para a câmara. Estácio insistia em sua falta de vocação: “[...] - Deixe-me com as minhas matemáticas, as minhas flores, as minhas espingardas.”¹⁴⁰ Disposto a garantir um futuro ainda mais próspero e notável para a filha, o médico não desistiria tão fácil: “- Não! Há de intercalar tudo isso com um pouco de política.”¹⁴¹ Mas o impasse dependia de outros votos potencialmente preponderantes:

[...] — Já lhe disse o que sinto a tal respeito. Contudo, estou pronto a refletir, e a consultar o padre Melchior e Helena.

O nome de Helena produziu em Camargo uma careta interior. Exteriormente não passou o efeito de um sorriso sardônico e dissimulado. Interveio uma pitada de rapé, que o médico inseriu lentamente, depois de a extrair lentamente de uma boceta de tartaruga, presente do conselheiro Vale.

— Helena! disse ele com alguma hesitação. Que vem fazer sua irmã neste negócio?

— É um voto - redarguiu Estácio; e menos leve do que lhe parece. Há nela muita reflexão escondida, uma razão clara e forte, em boa harmonia com as suas outras qualidades feminis.

Entre as sobrancelhas de Camargo projetou-se uma longa ruga, e foi toda a expressão de seu espanto e desgosto. A resposta de Estácio revelara-lhe uma situação nova na família: o voto de Helena, consultivo agora, podia vir a ser preponderante. Esta solução, que porventura faria estremecer de alegria os ossos do conselheiro, não a previra o médico. Limitou-se a notá-la de si para si; e terminando subitamente a conversa, disse:

— Consulte as pessoas de seu agrado. Quem não estiver com a minha opinião, não é seu amigo. Em todo o caso, ninguém lhe poderá afirmar que não é a amizade, a longa amizade...¹⁴²

Amigo de longa data do conselheiro Vale (a ponto de conhecer todas as suas desventuras), Dr. Camargo sempre fora íntimo da família, daí a liberdade de apontar a Estácio os caminhos que ele deveria trilhar. Os conselhos também se davam de acordo com os desejos de um casamento bem sucedido para a filha, visto que Eugênia e Estácio enamoravam-se desde antes da morte do Conselheiro. Apesar disso, o jovem sempre hesitara em pedi-la em casamento, ainda que tudo convergisse para tanto: a reciprocidade afetiva, as ligações familiares, a aprovação dos pais, a equiparação social, sem contar as prendas e a beleza de Eugênia. No entanto, ao pé da moça, o amor de Estácio parecia diminuir, talvez pela confirmação de superficialidades que, à distância, se mantinham nubladas pela idealização.

¹⁴⁰ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VII). *O Globo*, 14 de agosto de 1876.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

No excerto destacado, Estácio citava duas opiniões que ele gostaria de ouvir antes de decidir-se pela candidatura: padre Melchior e Helena. Ao longo de todo o romance, a voz do padre sempre seria muito relevante, na medida em que o personagem personificava um dos principais pilares da sociedade brasileira oitocentista: a igreja católica. Dessa forma, devoção e influência se misturavam na legitimação do poder patriarcal. Padre Melchior, evidentemente, aprovava a ideia de um Estácio ainda mais influente se deputado. Helena, a par das motivações implícitas do pai de Eugênia, também aprovaria:

[...] — Adivinhei, pelo seu sorriso - disse ele, que tudo isto lhe parece pueril, e que eu faço bem em não aceitar o que se me oferece.

Helena olhou um pouco espantada para ele; mas respondeu com tranquilidade:

— Pelo contrário, penso que deve aceitar. Além de haver consentimento de minha tia, parece ser um grande desejo do pai de Eugênia.

Era a primeira vez que Helena aludia ao amor de Estácio, e fazia-o por modo encoberto e oblíquo. Estácio escapou dessa vez à regra de todos os corações amantes; resvalou pela alusão e discutiu gravemente o assunto da candidatura. Era pesado demais para cabeça feminina; Helena intercalou uma observação sobre dois passarinhos que bailavam no ar, e Estácio aceitou a diversão, deixando em paz os eleitores.¹⁴³

Dr. Camargo estava certo, havia uma nova situação na família. O voto de Helena, além de “menos leve do que parecia”, começava a se tornar indispensável para Estácio. Os primeiros esboços sobre a opinião da moça se dariam através de um sorriso equivocadamente interpretado pelo irmão. Helena havia compreendido as aflições e ambições do médico, além disso, já era tempo de empurrar Estácio ao seu previsível destino casadoiro. Todavia, sempre ciente de sua posição delicada, a jovem sabia que seu voto não poderia parecer categórico ao filho do Conselheiro, sob o risco de ele se sentir inferiorizado em sua capacidade de tomar decisões. Por isso, as alusões aos amores de Estácio e ao arranjo social de sua união com Eugênia seguiam de forma velada à fala da protagonista. Transcorridos alguns capítulos, uma chantagem e um pedido de casamento proferido sem grandes entusiasmos; Estácio, enfim, se tornaria o candidato dos sonhos de Camargo.¹⁴⁴

¹⁴³ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VIII). *O Globo*, 15 de agosto de 1876.

¹⁴⁴ “O casamento era muito, mas não bastava. Camargo cuidara na carreira política de Estácio, como um meio de dar certo relevo público ao marido da filha, e, por um efeito retroativo, a ele próprio, cuja vida fora tanto ou quanto obscura. Se o marido de Eugênia se confinasse no repouso doméstico, entre a horta e a álgebra, a ambição de Camargo padeceria imenso. Vimo-lo apresentar a Estácio a maçã política; recusada a princípio, foi-lhe de novo apresentada, e finalmente aceita com a noiva. Esta dupla vitória foi o momento máximo da vida do médico. Ele ouvia já o rumor público; sentia-se maior, — antegostava as delícias da notoriedade; —

Portanto, ainda que assuntos de política fossem demasiadamente pesados para cabeças femininas, ao que parece, o voto consultivo de Helena tornar-se-ia preponderante.

Entremeando o público e o privado, podemos notar que a ascendência de Helena sobre Estácio, em certos momentos, ultrapassava os limites da intimidade, fazendo-se implicitamente decisiva em suas resoluções enquanto homem público. Ou seja, em seu folhetim, Machado de Assis nos remete a um cenário onde as decisões referentes ao universo público perpassavam os arbítrios de uma domesticidade tonalizada pelo feminino. E ampliando nossa análise, podemos considerar a influência dessa via política (pessoal e feminina) em outras resoluções consideradas restritas ao masculino.

No contexto oitocentista, os matrimônios se realizavam a partir de acordos pautados, principalmente, por interesses econômicos e sociais, por isso, eram os pais e o futuro marido que assumiam a frente de tais “negociações”. E, embora o consentimento da noiva fosse levado em consideração, é possível afirmar que o casamento era um arranjo social restrito ao mundo masculino. Ou talvez nem tão restrito assim.¹⁴⁵ Alinhavando jornal e folhetim, gostaríamos de destacar um pequeno conto veiculado no *Globo* pouco antes da publicação de *Helena*. O “Noivo barato” contava a historiazinha de Bidy, uma jovem que desejava se casar:

Noivo barato

Bidy é formosa como um raio de sol e, no entanto, atormenta-a uma cousa: receia ficar solteira. Que há de fazer? A pobre criança pensou no caso e dirigiu-se ao seu cura.

- Quanto quer por me casar?

O padre sorriu-se.

- O preço ordinário é de dois dólares.

O rosto de Bidy iluminou-se. No domingo seguinte, Bidy, elegantemente vestida, apresenta-se perante o sacerdote e diz-lhe:

- Venho, já sabe para que... para me casar.

- E o noivo, que é dele?

- O noivo? Balbuciu a gentil rapariga estupefata.

- Parece-me que a sua presença é bastante necessária.

- Mas então nos dois dólares não está compreendido o homem? ¹⁴⁶

via-se como que sogro do Estado e pai das instituições.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XIV). *O Globo*, 22 de agosto de 1876.

¹⁴⁵ Ver: PEREIRA, Cilene Margarete. *Jogos e cenas do casamento: estudos das personagens e do narrador machadianos em Contos fluminenses e Histórias da meia noite*. Curitiba-PR: Appris: Prismas, 2012.

¹⁴⁶ *O Globo*, 3 de junho de 1876, p.2.

No conto, tomamos contato com uma jovem mulher que pensava ser capaz de comprar um noivo com a módica quantia de dois dólares. O nome da personagem e a moeda denunciam a importação da narrativa. De qualquer forma, o dinheiro parecia oferecer respaldo à moça que acreditava ser capaz de “adquirir” um noivo dessa maneira. Pensando-se num passado longínquo de dotes e charlatões capazes de enganar moças sensíveis, podemos sugerir uma interpretação “à brasileira” da narrativa, pautada pela inversão de papéis entre os atores envolvidos nos acordos matrimoniais.¹⁴⁷ No entanto, também nos interessa demonstrar que o público-leitor do jornal, mesmo através de uma ficção desprezível, tomava contato com conteúdos que traziam experiências femininas pretensamente autônomas em relação ao casamento. O que nos permite a proposição de que também pudesse haver certa percepção crítica em relação à atuação de Helena na interferência dos desígnios desse suposto “acordo de cavalheiros” que, conforme demonstraremos, seria decisivo para o seu próprio destino.

Em uma manhã tranquila no Andaraí, Estácio se debruçava em uma das janelas de seu quarto, de onde era possível observar Helena entretida na leitura de uma longa carta. Os pensamentos que atormentariam o mancebo se referiam às intenções e identidade do remetente daquela inesperada mensagem à irmã: “Estácio sentiu-se movido de imperiosa curiosidade, à qual vinha misturar-se uma sombra de despeito e ciúme. A ideia de que Helena podia repartir seu coração com outra pessoa desconsolava-o ao mesmo tempo que o irritava.”¹⁴⁸ Eis as primeiras pistas de uma paixão possessiva surgida pouco a pouco no coração do rapaz. Já na presença do irmão, Helena tentaria esconder a carta, contudo, em vão, dado o interrogatório que estava por vir:

[...] — Segredos de moça?

— Quer lê-la? perguntou Helena apresentando-lha.

Estácio fez-se vermelho e recusou com um gesto. Helena dobrou lentamente o papel e guardou-o na algibeira do vestido. A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara. Estácio contemplava-a a um tempo envergonhado e suspeito; a carta fazia-lhe cócegas; seu olhar ambicionava ser como o da Providência que penetra nos mais íntimos refulgos do coração.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Ver: NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias, e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. (Tradução: Lólio L. de Oliveira). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁴⁸ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VIII). *O Globo*, 15 de agosto de 1876.

¹⁴⁹ Idem.

Posteriormente descobriríamos que a carta misteriosa não se referia exatamente aos “segredos” presumidos por Estácio. O remetente de Helena era Salvador, o pai biológico da menina. Porém, não antecipemos as coisas; por ora, nos ocupemos da abordagem incisiva do inconsciente, mas já apaixonado irmão. Os sentimentos possessivos de Estácio eram disfarçados em preocupações em torno da honra da irmã, na medida em que os tais “segredos de moça” pareciam se referir a algum tipo de aproximação amorosa ocorrida sem o consentimento do clã Vale. Entretanto, tratava-se de sentimentos íntimos, sobre os quais Estácio não tinha autoridade (a violação do sacrário da alma era inadmissível). Por isso, certa de que o irmão não seria capaz de molestá-la a tal ponto, Helena oferece a carta. Mas, aos leitores permanecia a desconfiança lançada pelo narrador: a inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara.

No fim do mesmo dia em que Helena recebera a carta de Salvador, Estácio também seria surpreendido por uma correspondência remetida por Eugênia. O conteúdo da mensagem era frívolo - assim como a autora -, mas Estácio faria questão de mostrá-la à irmã, na esperança de que, pegando-lhe igual confiança, ela também mostraria a sua. Na interjeição do narrador do folhetim: “[...] ideia que revelava o seu nenhum conhecimento do espírito das mulheres, porquanto só a indiscrição masculina era capaz de cair em semelhante laço.”¹⁵⁰ Lida a carta, Helena incutiria alguns conselhos aos pensamentos do namorado de Eugênia: “- Vá ter com Eugênia, solicite licença para ir pedi-la a seu pai, e conclua isso quanto antes. Não é verdade que se amam? Dela creio que sim; de você...”¹⁵¹ Estácio mal sabia definir o que sentia pela filha de Camargo, reconhecendo apenas que não era indiferente a ela. Tantas inseguranças e fantasias loureiras logo seriam dissolvidas nas malhas do raciocínio sóbrio de Helena:

[...] - O casamento não é uma solução, penso eu; é um ponto de partida. O marido fará a mulher. Convenho que Eugênia não tem todas as qualidades que você desejaria; mas não se pode exigir tudo; alguma coisa é preciso sacrificar, e do sacrifício recíproco é que nasce a felicidade doméstica.

As reflexões eram exatas; por isso mesmo Estácio as interrompeu. O filho do conselheiro achava-se numa posição difícil. Caminhara para o casamento com os olhos fechados; ao abri-los viu-se à beira de uma coisa que lhe pareceu abismo, e era

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

simplesmente um fosso estreito. De um pulo poderia transpô-lo; mas, se não era irresoluto nem débil, tinha ele acaso vontade de dar esse salto? ¹⁵²

Nas reflexões exatas de Helena era possível perceber certa percepção crítica a respeito do casamento. Os argumentos da personagem giravam em torno do matrimônio enquanto arranjo social e ponto de partida para a felicidade doméstica. O amor, portanto, não era causa, mas poderia vir como consequência do enlace. Além disso, para angariar a confiança de Estácio, a personagem buscava se colocar no lugar dele, daí a postura aparentemente solidária: “Convenho que Eugênia não tem todas as qualidades que você desejaria [...]”. Sem contar a máxima agradabilíssima aos ouvidos patriarcais do mancebo: “O marido fará a mulher.” Por fim, Estácio era convencido de que não havia um abismo entre ele e Eugênia, mas sim, um simples fosso estreito, facilmente transponível por um pulo.

De fato, entre o casal não existiam obstáculos. Estácio e Eugênia pertenciam à mesma classe e compartilhavam de um mesmo ideário. Entre iguais, a riqueza continuaria legitimando o autoritarismo da classe patriarcal. Além disso, Eugênia possuía as características de uma futura esposa frágil e passível de ser subjugada pelo marido. Nesse caso, o matrimônio não ameaçava os preconceitos envolvidos nos papéis reservados aos gêneros. Não havia riscos à inversão da pirâmide. Mas, e quanto a Helena? Bem, o tabuleiro do jogo estava prestes a se completar.

“ – Licença para o amigo que vem de outro mundo!”¹⁵³ Assim era anunciada a chegada de Luís Mendonça ao Andaraí. Estácio e Mendonça eram amigos há muitos anos, desde os tempos de aula; no entanto, já não se viam há algum tempo, mais precisamente, desde que Mendonça viajara para a Europa, para onde Estácio não quis acompanhá-lo, dadas as diferenças de gênios entre os amigos. Nas considerações do narrador, Mendonça tinha um gênio mais “folgazão e ativo” que Estácio; este, por sua vez, tecia um “panegírico” a respeito do amigo; D. Úrsula preferia resumir que o rapaz era “um pouco tonto”.¹⁵⁴ Filho de um comerciante “apenas remediado”, Mendonça conseguiu realizar a viagem ao Velho Mundo - nas proporções largas que o fez - com a ajuda de uma parenta velha. A tal parenta já não estava mais disposta a proporcionar-lhe tais prazeres e o pai não

¹⁵² Idem.

¹⁵³ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo IX). *O Globo*, 17 de agosto de 1876.

¹⁵⁴ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI). *O Globo*, 12 de agosto de 1876.

queria criar-lhe ares de ociosidade; porém, tudo se resolveria com a obtenção de um cargo público. Mas não eram necessárias grandes urgências nessas resoluções de vida, o momento era apenas de boa novas.

A época da chegada de Mendonça coincidiu com o aniversário de Estácio, cuja data seria comemorada em uma pequena reunião organizada por tia Úrsula e Helena. O festejo também serviria de pretexto para inserir Mendonça no perímetro social da família, porém, o amigo não teria a menor dificuldade em acomodar-se ao novo meio: “[...] a alma da festa era Mendonça, cujo espírito havia já recebido e colhido o sufrágio universal.”¹⁵⁵ De forma mais especial, seria Eugênia quem mereceria as principais atenções do rapaz, visto que na filha de Dr. Camargo, Mendonça seria capaz de enxergar os reflexos de sua própria índole:

[...] Havia entre ambos tal ou qual afinidade de índole, que naturalmente os aproximava. Mendonça lisonjeava os caprichos de Eugênia, aplaudia-a, compreendia-a, obedecia-lhe sem constrangimento nem reparo. Quando Mendonça valsava com Eugênia, todos os olhos se concentravam neles. Eram valsistas de primeira ordem. As ondulações voluptuosas do corpo de Eugênia e a serenidade e segurança de seus passos, adaptavam-se maravilhosamente àquela espécie de dança.¹⁵⁶

Contudo, as mais intensas emoções da noite não estavam reservadas ao novo par, tampouco ao aniversariante. Já um pouco alheia à festa, Helena iria se dirigir a uma sala mais reservada a fim de descansar um pouco, e nesse momento, ela seria surpreendida pela presença de Dr. Camargo a interpelá-la com seu olhar fixo e metálico de felino.¹⁵⁷ A vilania anunciada pelo narrador tomaria forma no desenvolvimento de uma conversa permeada de insinuações e ameaças, todas proferidas pelo pai desesperado, disposto a qualquer coisa para proporcionar o melhor dos casamentos para sua única filha. Conhecemos o conteúdo da conversa: Camargo sabia da origem de Helena, e caso ela atrapalhasse suas resoluções, tudo viria à tona. De pronto, era a possibilidade de ascensão social que estava sendo ameaçada, mas isso não era tudo. Helena entenderia que as palavras de Camargo também se referiam às inflamáveis imoralidades envolvidas em sua situação de bastarda e filha de mãe adúltera:

¹⁵⁵ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XII). *O Globo*, 19 de agosto de 1876.

¹⁵⁶ *Idem*.

¹⁵⁷ “Ele contemplava a moça, com o olhar fixo e metálico dos gatos; a mão esquerda, pousada sobre o joelho, rufava com os dedos magros e peludos. Nada dizia; todo ele era uma interrogação imperiosa.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XII - continuação). *O Globo*, 20 de agosto de 1876.

[...] — A perda do meu finado amigo - concluiu ele, não pôde ser suprida por nenhuma coisa; mas há alguma compensação na afeição que sobrevive e me faz considerar esta família como minha própria. Estou certo de que seu irmão e D. Úrsula sentem a meu respeito do mesmo modo. Quanto à senhora, é recente na família, mas não tem menor direito que ela. Vi-a tão pequena!

— A mim? perguntou Helena.

Camargo fez um gesto afirmativo, enquanto a moça olhava em volta da sala, receosa de que alguém tivesse entrado e ouvido. Uma vez segura de que ninguém havia, recebeu impressão contrária à primeira; envergonhou-se daquele receio. A vergonha aumentou quando o médico acrescentou em voz baixinha:

— Não falemos nisso...

— Pelo contrário! exclamou ela. Pode falar com franqueza; diga tudo. Era minha mãe. Não sei o que foi para o mundo; mas, se me perdoaram a irregularidade do nascimento, não creio que me pedissem em troca a renúncia do meu amor de filha; a lei que o pôs em meu coração é anterior à lei dos homens. Não repudio uma só das minhas recordações de outro tempo. Sei e sinto que a sociedade tem leis e regras imprescritíveis; aceito-as tais quais; mas deixem-me ao menos o direito de amar o que morreu. Minha pobre mãe! Vi-a expirar em meus braços, recolhi o seu último suspiro. Tinha apenas doze anos; contudo, não consenti que outra pessoa velasse à cabeceira a última noite que passou sobre a Terra... Oh! não a esquecerei nunca! nunca! nunca!¹⁵⁸

Honra feminina e preocupações classistas se misturavam nos argumentos do Dr. Camargo. O casamento de Eugênia com Estácio fortaleceria os laços das famílias que, apesar de equiparadas financeiramente, não gozavam do mesmo prestígio e tradicionalismo; todavia, desde a chegada de Helena, Estácio demonstrava-se inseguro ao enlace. Tantas oscilações seriam explicáveis a partir da constatação de sua paixão pela suposta irmã, cuja reciprocidade não seria ilusória. Mas, para todos os efeitos, eram irmãos. Por isso, Helena aderiu à campanha de Dr. Camargo para induzir o rapaz ao seu já traçado destino ao lado de Eugênia, visto que a concretização da união também conservaria sua posição de legítima herdeira. No entanto, o noivo seguia indeciso. O taciturno médico era capaz de ler a situação, daí a imposição da chantagem, porém, muito além da ameaça em torno do retrocesso social, o discurso coercivo de Camargo era capaz de estilhaçar a indubitável posição de mulher honrada que Helena sustentava. Não havia escolhas, era necessário ceder. Ao mesmo tempo, era imprescindível respirar fora daquela atmosfera familiar que a encerrava. Dessa forma, Helena precisava criar vias alternativas que conservassem sua posição social e que anulassem qualquer ameaça à sua moralidade. Sem dúvidas, o casamento seria a via mais *sinuosa* para a concretização de tais objetivos.

¹⁵⁸ Idem.

O episódio da chantagem teria efeito de viravolta na trama. Para calar Dr. Camargo e conservar sua própria autonomia, Helena precisava buscar um caminho diverso - e externo - a tudo que lhe havia sido imposto até então. Vindo de “outro mundo”¹⁵⁹, Mendonça poderia se converter nessa via projetada. Nos dias seguintes, o filho do Conselheiro sairia em viagem por alguns dias, e aproveitando-se do ensejo, a moça colocaria em prática seus novos planos. Certa de que Mendonça a amava¹⁶⁰, Helena conseguiria angariar as bênçãos de D. Úrsula e padre Melchior ao casamento. Porém, ainda faltava o consentimento do irmão.

Ciente das últimas novidades, Estácio retornaria ao Andaraí disposto a dar cabo àquela incômoda situação. O primeiro questionamento do irmão apenas disfarçava a fúria que estava por vir: “- É verdade?”¹⁶¹ Por conseguinte, a resposta de Helena parecia desqualificar qualquer possibilidade de recusa ao casamento que lhe era conveniente. Tudo era verdade, até o ponto em que... “- Até o ponto em que minha vontade tem um limite, que é sua. Por mim só nada posso decidir; mas não creio que você se oponha de nenhum modo. Não é certo que deseja a minha felicidade?”¹⁶²

Esquivando-se de confrontos, Helena se utilizava de um argumento inegociável para arrancar de Estácio o consentimento ao enlace: a própria felicidade. Ainda assim, o rapaz mantinha-se irredutível, uma vez que a irmã já havia admitido que amava outro alguém. As réplicas da protagonista não versavam a respeito de sentimentos romanescos ou de ilusões amorosas; na verdade, seus argumentos respaldavam-se na realidade de uma vindoura “paz doméstica” desfrutada ao lado de um “homem digno”, capaz de amá-la - embora ela não o amasse. O restante era apenas fantasia.¹⁶³ Aos olhos de Estácio, desenhava-se uma

¹⁵⁹ Nas palavras do narrador: “Não admira que a presença de tal homem viesse modificar o tom da sociedade de que era centro a família de Estácio [...]” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo X). *O Globo*, 18 de agosto de 1876.

¹⁶⁰ “[...] Mendonça sentiu que metade de seu destino estava acabada, e que a outra metade ia começar, mais circunspecta que a primeira. O relógio em que ele viu bater essa hora fatídica foram os olhos de Helena. Mendonça começava a amar. Estouvado, e não corrupto, atravessara o delírio dos primeiros anos sem perder a flor dos castos afetos, sem sequer a haver colhido. Helena sentiu nascer e crescer essa adoração silenciosa, sem parecer que a descobrira. Não animou o mancebo nem o repeliu; redobrou de confiança, — dessa confiança, que só se dá aos simples familiares, e que mostra claramente a um namorado a inanição de suas esperanças.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XV). *O Globo*, 23 de agosto de 1876.

¹⁶¹ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XVIII). *O Globo*, 27 de agosto de 1876.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem.

possibilidade nova e impensável: a de que irmã pudesse ver-se livre de sua influência e poder. Inesperadamente, Helena tentava lhe escapar:

Enquanto ela falava, Estácio, que tirara o chapéu de Chile, ocupava-se em fazer circular na copa a fita larga que o cingia. Houve entre ambos grande silêncio. Pela beira do tanque seguia uma longa carreira de formigas, conduzindo as mais delas trechos de folhas verdes. Com um galho seco, Estácio distraía-se em perturbar a marcha silenciosa e laboriosa dos pobres animais. Fugiam todas, umas para o lado da terra, outras para o lado da água, enquanto as restantes apressavam a jornada na direção do domicílio. Helena arrancou-lhe o galho da mão; Estácio pareceu acordar de largas reflexões; ergueu-se, deu alguns passos e voltou a ela. ¹⁶⁴

Habitado à suposta resignação dos que seguiam a marcha imposta por ele, Estácio se vê desafiado por uma mulher disposta a tomar-lhe o cajado do próprio destino. Nessa situação, meias palavras já não bastavam, era preciso impor-se veementemente. Amargurado pelo ciúme e ultrajado em sua autoridade, Estácio estava disposto a criar um abismo entre Helena e Mendonça:

[...] - Mendonça é bom coração, disse ele; mas não possui as qualidades que, em meu entender, devem distinguir o marido de Helena. Nunca exercerá sobre ela a influência que deve ter um marido. Entre os dois inverte-se a pirâmide. Mas isto, ao menos, se destruía uma das condições do casamento, podia conservar a felicidade doméstica. O perigo maior é outro; e vir ele a perder a estima da mulher. Nesse caso que lhe daríamos nós a ela? Um casamento aparente e um divórcio real. ¹⁶⁵

No raciocínio *retilíneo* de Estácio, era reiterado o ideário de que o matrimônio fazia-se da completa submissão da esposa à autoridade marital. Eis o primeiro abismo entre os noivos: Mendonça não seria capaz de exercer tal influência sobre Helena. Se confiarmos nas considerações de D. Úrsula, concluiremos que o rapaz não passava de um tonto; contudo, para além das palavras espontâneas da senhora, eram muitas as pistas sobre o caráter frívolo de Mendonça.

Ainda há pouco, tratamos das afinidades entre o rapaz e Eugênia, ambos valsavam ao som da mesma índole leviana e fútil, tida por feminil. Posteriormente, nas taxativas considerações do narrador do folhetim, os gestos e atitudes de Mendonça iriam se respaldar

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

em uma “coquetice” que lhe seria característica.¹⁶⁶ Segundo Georg Simmel¹⁶⁷, o que distinguiria o coquetismo em sua manifestação mais banal seria o olhar terno, a cabeça meio esquivada e, sobretudo, a atitude dúbia e furtiva de quem diz “sim” e “não” ao mesmo tempo. É evidente que tal papel só poderia ser representado por uma mulher, no entanto, Machado jogava com a subversão dos gêneros. Nesse sentido, ao arquitetar a ideia do casamento, Helena demonstrava a influência que poderia vir a exercer no cotidiano conjugal. Por outro lado, era Mendonça quem exercia as características de coquete na relação, muito embora não houvesse dubiedade em suas ações para com Helena, visto que o noivo se entregava ao enlace imbuído do mais sincero sentimento passional. Enfim, tudo levava a crer que a pirâmide poderia ser invertida.

Outros “poréns” seriam impetrados por Estácio com o intuito de negar o consentimento ao casamento, mas, desta vez, Helena reagiria com a rebeldia de quem buscava a última alternativa para a preservação de sua própria autonomia: “- Mendonça é já fruto proibido, concluiu a moça; começo a amá-lo. Se ainda assim me obrigar a desistir do casamento, adorá-lo-ei.”¹⁶⁸ Contudo, uma nova reviravolta estava prestes a dissolver a possibilidade de escapatória criada pela protagonista machadiana. Em meio a tantas resoluções matrimoniais, finalmente, Estácio conheceria o ilustre morador da velha casa da bandeira azul desenhada pela irmã; tratava-se do pobre Salvador, o verdadeiro pai da menina. Por conseguinte, a insustentável farsa viria à tona revelando que a usurpadora não tinha direito à herança ou aos afetos alheios. Logo, um ferrenho tribunal doméstico seria armado.¹⁶⁹

Com a revelação de toda a farsa, Helena era destituída de sua posição de herdeira e, conseqüentemente, esvaíam-se quaisquer possibilidades de autonomia fora do círculo vicioso daquela família. Enquanto irmã legítima e honrada, era possível manter alguma

¹⁶⁶ Na versão folhetim: “[...] No desinteresse de Mendonça havia porventura um pouco de coquetice, - dessa que rara vez deixa de enfeitar os mais puros e nobres sentimentos. [...]” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XX). *O Globo*, 29 de agosto de 1876.

¹⁶⁷ SIMMEL, George. “Psicologia do coquetismo (1909)”. In: *Filosofia do amor*. (Tradução: Luís Eduardo de Lima Brandão). São Paulo: Martin Fontes, 1993, pp. 93-111.

¹⁶⁸ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XIX). *O Globo*, 28 de agosto de 1876.

¹⁶⁹ “[...] Achava-se num tribunal doméstico, e o que até então fora conflito interior entre a afeição e a dignidade, cumpria agora reduzi-lo às proporções de um libelo, claro, seco e decidido. Inocente ou culpada, Helena aparecia-lhe naquele momento como uma ressurreição das horas felizes, — doce recordação, que os sucessos presentes ou futuros podiam somente tornar mais saudosa, mas não destruiriam nunca, porque é esse o misterioso privilégio do passado.” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XXII). *O Globo*, 1º de setembro de 1876.

ascendência sobre o espírito de Estácio e de seus pares; além disso, era o direito à herança que garantia as condições materiais para que a personagem pudesse cogitar alguma existência fora daquele meio.¹⁷⁰ Portanto, em seu cerne, a política doméstica executada por Helena tornou-se viável enquanto a personagem era vista como uma ameaça ao patrimônio familiar. Mas isso não era tudo. Com o desvendamento do segredo, descobria-se que Helena havia sustentado propositalmente toda a farsa criada por seus pais. Se por ventura perdoada, permaneceria a dúvida: seria ela uma *aventureira*?¹⁷¹ Aniquilada moralmente, restava apenas entregar-se à resignação dos confessores:

[...] Helena não disse nada. Uniu as mãos abertas, colocou-as junto ao queixo e ergueu os olhos para o teto. Melchior não a quis interromper nessa ascensão mental ao céu; limitou-se a contemplá-la. A beleza de Helena nunca lhe parecera mais tocante do que nessa atitude implorativa, com a palidez das mártires e a resignação dos confessores.¹⁷²

Enfim os ditames daquela estrutura patriarcal encerravam a personagem definitivamente. Helena começava a definhar. Desesperado com a debilidade da amada, em seu íntimo, Estácio até parecia cogitar a possibilidade do escândalo de um casamento com Helena.¹⁷³ Entretanto, uma união entre o casal somente reafirmaria os vínculos da dependência que a jovem enfrentava desde o início da trama. O cajado do próprio destino, outrora roubado de Estácio, agora lhe escapava para sempre. Mas em sua derradeira resolução, Helena optava por não devolvê-lo às mãos de seu senhor/proprietário. Por isso, a morte era só uma questão de tempo:

¹⁷⁰ A não ser que acreditemos que - depois de tantos sacrilégios - a moça, de fato, estivesse disposta a abrir mão de seu quinhão. Do nosso ponto de vista, tal possibilidade parece pouco provável, se não incoerente ao perfil da protagonista. Ver: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XX). *O Globo*, 29 de agosto de 1876.

¹⁷¹ “[...] Há uma voz no mundo de seu coração, que lhe dirá, de quando em quando, esta triste palavra: aventureira! [...] — Não posso ser outra coisa a seus olhos, prosseguiu a moça, tristemente. Quem o convencerá de que a declaração de seu pai não foi obtida por artifícios de minha mãe? Quem lhe dará a prova de que, cedendo aos rogos de meu pai, não fiz mais do que executar um plano preparado já? São dúvidas que lhe hão de envenenar o sentimento e tornar-me suspeita a seus olhos. Resista quem puder; é-me impossível encarar semelhante futuro!” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XXVIII - continuação). *O Globo*, 11 de setembro de 1876.

¹⁷² Ver: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XXIV). *O Globo*, 3 de setembro de 1876.

¹⁷³ “[...] — Estácio! disse o padre depois de olhar para ele um instante. Eu leio no fundo de seu pensamento; quisera despojar Helena do título que seu pai lhe deixou para lhe dar outro, e ligá-la à sua família por diferente vínculo...” In: ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XXVII). *O Globo*, 8 de setembro de 1876.

[...] Sentou-se ao pé dela e ficaram calados. Helena tinha uma taquara na mão; Estácio quis tomar-lha; ela arremessou-a para longe. Ergueu-se então o moço e foi buscá-la; só então viu que estava molhada até certa altura; calculou que seria o fundo do tanque. O tanque era raso; não poderia dar a morte; mas a suspeita de que Helena não recuaria diante do suicídio aterrou naturalmente o espírito de Estácio. Parecendo-lhe que a causa não comportava o efeito, perguntou a si mesmo se os sucessos daqueles dias não teriam velado a consciência da moça.¹⁷⁴

Do nosso ponto de vista, a morte de Helena somente pode ser explicada a partir de vertentes diversas e complementares. Sabemos que não existiam possibilidades históricas para que a personagem pudesse romper com as estruturas sociais que a oprimiam, daí a negação de uma nova vida fora daquele meio familiar. Porém, embora a pirâmide não pudesse ser invertida, acreditamos que Machado tinha por intenção esboçar uma consciência crítica a respeito da sociedade patriarcal e da situação vivenciada por seus inúmeros dependentes. Contudo, pensamos que até mesmo a situação de dependência de Helena, possui especificidades que só podem ser compreendidas se atentarmos nas vulnerabilidades associadas ao seu gênero.

Na citação faceira do narrador machadiano, seguia a afirmação de que *a linha vertical é a lei da inteligência humana, enquanto a linha curva é a lei da graça feminil*.¹⁷⁵ Apropriando-nos da divagação, acreditamos que Helena circundava e envolvia Estácio por meio de uma política pautada pela domesticidade, onde a mulher podia fazer-se influente. A subversão do papel de gênero, quando conveniente, demonstrava ainda a habilidade que a protagonista tinha de acomodar-se às situações por meio de “máscaras” que exigiam a atuação dos leitores em sua identificação. Ao que parece, o público-leitor do jornal era capaz de embarcar nesses “jogos cênicos” propostos por Machado de Assis. Todavia, enquanto mulher, Helena tinha de calcular todas as suas atitudes para desencorajar a leviandade alheia. Com o desmoronamento da farsa, a personagem se convertia na aventureira exposta ao julgamento de todos. O casamento com Mendonça se tornava inviável, afinal, quem casaria com uma moça mentirosa e filha de mãe adúltera? A morte de Helena era, antes de tudo, moral. Cogitando-se ainda a (im)possibilidade de um casamento com Estácio, nesse caso, restaria apenas a dependência completa e o papel de esposa submissa; ou seja, tudo o que ela havia desprezado até então.

¹⁷⁴ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XXVIII). *O Globo*, 10 de setembro de 1876.

¹⁷⁵ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo XVI). *O Globo*, 24 de agosto de 1876.

De forma coerente, Machado mantinha seu jogo subversivo até o fim da trama, mesmo que, para tanto, fosse imprescindível optar pela morte da protagonista. A historicidade era respeitada. O cajado, restituído ao homem. Ainda assim, nos curvilíneos movimentos de Helena, restavam os vestígios de uma política exercida a partir de um lugar social onde classe e gênero se tornavam indissociáveis.

III.1 Breve introdução.

História natural do beijo

A lua acabava de desaparecer no horizonte, no momento em que eles penetraram ambos no meio das espessas sombras das avenidas do parque.

Alfredo pegou na mão da Sra. Cemameda, que não a retirou; queria dizer-lhe o que o seu coração sentia, mas ao aproximar-se dela a palavra expirou-lhe nos lábios, contudo, com um longo e ardente beijo, todos os seus pensamentos e sentimentos se revelaram...

Não é verdade que uma passagem semelhante ou análoga, escrita certamente em termos muito mais elevados, já se apresentou aos belos olhos da leitora, em uma de suas leituras de romance?

[Sem assinatura]. “História natural do beijo.” Coluna *Variedades*. *O Globo*, 30 de março de 1876, p.2.

Retomando algumas questões brevemente esboçadas no item *O Globo: perfil editorial (1874-1876)*, no presente capítulo propomos um exame mais detalhado da coluna *Variedades*¹⁷⁶ que, conforme comentamos, era publicada no periódico desde a sua inauguração. Assim, em 1874, a coluna viria à tona como um espaço dedicado às anedotas e curiosidades triviais. Em 1875, de forma inexplicada, a coluna praticamente desapareceria do corpo da folha. Mas, em 1876, em meio a uma grave crise financeira enfrentada pelo jornal, a publicação da *Variedades* seria retomada e, desta vez, como um espaço expressamente destinado à literatura. A partir desse último cenário, cogitamos que a reformulação da coluna, junto de outras estratégias lançadas pelos editores, visava angariar novos públicos para um jornal que enfrentava uma crise financeira sem precedentes.¹⁷⁷

Isto posto, vamos à citação que escolhemos para iniciar o capítulo. Exceção aos textos publicados na coluna *Variedades* em 1876, “História natural do beijo” não era exatamente um conto, mas uma breve anedota sobre como o ato do beijo ganhou diferentes

¹⁷⁶ Optamos pela grafia *Variedades* porque, no próprio jornal, não há um consenso se o título deveria ser usado no singular ou no plural. Por vezes, a coluna era intitulada *Variedade*, e em outros vários momentos, a coluna aparecia grafada no plural, *Variedades*.

¹⁷⁷ Ver item *O Globo: perfil editorial (1874-1876)* deste trabalho.

significados ao longo da História.¹⁷⁸ Enfim, não nos deteremos na reprodução de explicações sobre os significados do beijo na Roma Antiga ou na Era Moderna. O que nos pareceu interessante no excerto é a postura de seu narrador, certo de que se comunicava com o público feminino. Conforme já afirmamos, o *Globo* não era um jornal voltado especificamente a tal público, mas, pela primeira vez, identificamos um narrador que se dirigia à “leitora”. Além disso, a referência às artificialidades em torno dos expedientes do romance romântico também remetia a uma certa percepção crítica sobre os hábitos de leitura desse público.

São duas as conclusões que o texto nos permite. Primeiramente, que as mulheres eram consideradas em seu poder de consumo, afinal, voltando-se a elas, os editores do *Globo* buscavam saída para a iminente falência que os assolava; e, tendo em vista as diversas folhas femininas de sucesso que circulavam na época, essa seria uma estratégia muito bem pensada. Nossa segunda conclusão se refere à percepção que os colaboradores da coluna tinham de tal público. Nesse sentido, e como era frequente no espaço, os contos que selecionamos não encontram respaldo em um romantismo idealizador. Ou seja, tais autores, dos quais infelizmente não temos pistas, não supunham escrever para mulheres interessadas somente em temas açucarados.

Contudo, não pretendemos limitar nossa análise somente às páginas do *Globo*. Estabelecendo uma análise comparativa com o *Jornal das Famílias*, periódico voltado ao público feminino no qual Machado de Assis colaborava com seus escritos em 1876, pretendemos evidenciar as particularidades que guiavam os anônimos autores do *Globo* que se dedicavam a tal segmento. Ao final da exposição das narrativas selecionadas, traçaremos maiores esclarecimentos.

¹⁷⁸ [Sem assinatura]. “História natural do beijo”. Coluna *Variedades*. *O Globo*, 30 de março de 1876, p.2. Ver: Anexo V, p.151.

III.2 Obediência no código, mas não nos sentimentos.

Em dezembro de 1876, vinha a público, na seção “Romances e Novelas” do *Jornal das Famílias*, o primeiro capítulo do conto “Sem olhos”, assinado por Machado de Assis.¹⁷⁹ A trama tinha por cenário a antessala da residência do casal Vasconcelos que, numa tarde qualquer, recebia quatro visitas. Eram estas, o Sr. Bento Cruz, sua esposa D. Maria do Céu, o bacharel Antunes e o desembargador Cruz. Entre goladas de chá e diálogos despreziosos, de repente, alguém se lembrava de suspirar pela morte recente de um conhecido, daí a tônica que conduziria todo o restante da conversa: almas de outro mundo, bruxaria, lobisomens. O primeiro parágrafo deixava claro: o insólito era o principal elemento da narrativa. Às gentis leitoras do periódico feminino, o conto prometia sustos e arrepios gélidos.

Inicialmente, os debates tratavam do ceticismo de uns, dos medos e receios de outros e, principalmente, das indisfarçadas curiosidades de todos. O Sr. Bento Cruz dizia manter-se inabalável em seu descrédito em relação ao sobrenatural, afinal, para ele, o mundo tinha por limites os do distrito onde ele morava e a espécie humana aparecera na terra no primeiro dia de abril de 1832, a data de seu nascimento. Ou seja, para um homem de percepções tão restritas, era inconcebível pensar em algo além de seu próprio - e pequeno - mundo. Sua esposa, D. Maria do Céu, acompanhava as considerações do marido: “Os fantasmas são fruto do medo” e “Quem não tem medo não vê fantasmas”.¹⁸⁰ Tais sentenças eram proferidas em meio aos graciosos movimentos do bacharel Antunes que servia mais chá à senhora. Em retribuição à gentileza, ela sorria. Mas não de um sorriso qualquer. Nas palavras do narrador, Maria do Céu correspondia com “o mais doce dos sorrisos”¹⁸¹, a ponto de causar certa sensação de prazer no jovem bacharel. Encerrado em si mesmo, o marido sequer notou.

A partir dessa atmosfera e, numa deliberada ironia ao nome da personagem, Maria do Céu era concebida a partir de um misto de pureza e sedução. Toda miúda, a senhora era

¹⁷⁹ O conto “Sem olhos”, de Machado de Assis, foi publicado no *Jornal das Famílias* entre dezembro de 1876 e fevereiro de 1877.

¹⁸⁰ ASSIS, Machado de. “Sem olhos”. *Jornal das Famílias*, dezembro de 1876.

¹⁸¹ Idem.

“baixinha” e possuía uma “boquinha” tal qual um botão de rosa.¹⁸² Mas, avessa a uma infantil ingenuidade, a Maria que era do céu também tinha um quê de profano: “Quieta, podiam pô-la num altar; mas, se movia os olhos, era pouco menos que um demônio.”¹⁸³ Consequentemente, o fascínio de Antunes parecia inevitável.

O clímax do conto se daria a partir de um episódio aterrorizante. Disposto a mudar a opinião dos cétricos, o desembargador Cruz brindava a todos com a esperada história macabra. Pálido, e dirigindo-se a D. Maria do Céu, ele alertava: “[...] Mas se visse o que eu vi uma vez, estou certo de que ficaria apavorada.”¹⁸⁴ Ávidos pela sensação de medo que estava por vir, todos bebiam cada palavra do desembargador com muita atenção. De forma mais resumida, reproduziremos a narrativa.

Quando estudante, durante umas férias no Rio de Janeiro, Cruz teria morado sozinho numa casa simples, cujo andar superior era ocupado por um senhor de maneiras estranhas chamado Damasceno. Motivados pela curiosidade e pela solidão, ambos se aproximam. Certa vez, o suposto lunático, com “ares de caveira”¹⁸⁵, adoece gravemente e Cruz corre em seu socorro. Entre alucinações febris, Damasceno revelava as desventuras de sua triste existência. Em um passado distante, quando exercia a profissão de médico no interior da Bahia, ele teria se encantado por uma mulher casada chamada Lucinda. Um dia, aconteceu o motivo da desgraça dos apaixonados: uma troca de olhares. O marido os flagrou, compreendeu o “crime” da esposa e se dispôs a julgá-la. A pena? Lucinda teve os olhos perfurados com um ferro em brasa. Eis a crueldade imposta à esposa leviana. Desde então, Damasceno perdera o juízo. Mas isso não era tudo. Enquanto contava seus infortúnios ao jovem Cruz, o infeliz mostrava alguns retratos e correspondências de sua amada. Tantas memórias reveladas naquele ambiente obscuro e nauseabundo envolviam cada vez mais o jovem estudante. Finalmente, o ápice do horror se completaria com a aparição do espírito de Lucinda:

[...] A cabeça do enfermo rolou sobre os travesseiros, enquanto eu, aterrado do que ouvia e da expressão de sincero horror e aparente veracidade com que ele falava, olhei em volta de mim como procurando fugir. Damasceno ficou longo tempo arquejante.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ ASSIS, Machado de. “Sem olhos”. *Jornal das Famílias*, janeiro de 1877.

De repente, dando um estremeção ergueu a cabeça e olhou para a parede que ficava do lado inferior da cama:

— Vai-te! exclamou ele aflito. Vai-te! ainda não!... Olhe!... Olhe! lá está ela! Lá está!... O dedo magro e trêmulo apontava alguma coisa no ar, enquanto os olhos, naturalmente fixos, resumiam todo o terror que é possível conter a alma humana. Insensivelmente olhei para o lugar que ele indicava... Olhei; e podem crer que ainda hoje não esqueci o que ali se passou. De pé, junto à parede, vi uma mulher lívida, a mesma do retrato, com os cabelos soltos, e os olhos... Os olhos, esses eram duas cavidades vazias e ensanguentadas.¹⁸⁶

Satisfeito com a impressão que causara em seus ouvintes, o desembargador Cruz esclarecia que, depois da morte de Damasceno, ele descobriu toda a verdade: o médico nunca estivera na Bahia e o suposto retrato de Lucinda era, na realidade, o de uma sobrinha, morta quando solteira. Ainda assim, nem tudo se referia às ilusões de um alienado. O desembargador não tinha explicações críveis para o que jurava ter presenciado, mas enfatizava: “Que a vi, é certo, tão claramente como os estou vendo agora.”¹⁸⁷

Não seria demasiado lembrar que o relato de Cruz foi iniciado a partir do descrédito de D. Maria do Céu em relação ao mundo dos espíritos. E, a ela, o desembargador retornava:

- Pois é pena! Exclamou o desembargador; a história de Lucinda era melhor que fosse verdadeira. Que outro rival de Otelo há aí como esse marido que queimou com um ferro em brasa os mais belos olhos do mundo, em castigo de haverem fitado outros olhos estranhos? Crê agora em fantasmas, D. Maria do Céu?¹⁸⁸

De olhos baixos, Maria do Céu estremeceu. Atônito, o galanteador Antunes se dirigia à janela a fim de respirar e, a tempo, de “refletir sobre o risco de enfrentar algum dia o hebraísmo das escrituras”.¹⁸⁹

Concebido a partir dos expedientes da literatura fantástica, o conto de Machado de Assis flertava com a vacilação dos limites entre o real e o ilusório. A presença do macabro, do estranho e do sobrenatural era o que permitia o suspense, e uma organização particularmente rodeada da intriga.¹⁹⁰ De acordo com Marcelo J. Fernandes¹⁹¹, a inclinação

¹⁸⁶ ASSIS, Machado de. “Sem olhos”. *Jornal das Famílias*, fevereiro de 1877.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Ver: TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. (Tradução: Maria Clara Correa Castelo). São Paulo: Perspectiva, 1992.

para o horror em “Sem olhos” seguia uma receita bastante comum à época: Machado se utilizava do insólito como contraponto à realidade prosaica. Ou seja, os efeitos proporcionados pelo fantasmagórico eram muitas vezes dissolvidos por uma brusca retomada da realidade. No caso, este retorno fazia-se por meio de uma finalidade essencialmente fabuladora, na medida em que a “lição a ser tirada” ficava bastante clara: a desaprovação do comportamento volúvel das personagens Maria do Céu e do bacharel Antunes. Sem dúvida, o tom moralizante do conto deve ser associado ao ideário corroborado em seu suporte de publicação. Inicialmente, não nos dedicamos a uma apresentação do *Jornal das Famílias*, entretanto, algumas explicações se fazem necessárias.

Editado por B. L. Garnier, o *Jornal das Famílias* foi uma publicação mensal e ilustrada, que circulou no Rio de Janeiro entre 1863 e 1878.¹⁹² Como o próprio nome sugere, a folha tinha por objetivo toda a família, porém, a associação do conceito de família a mulheres moralmente bem educadas seria uma constante entre tal segmento da imprensa oitocentista; por isso, pode-se afirmar que estamos diante de um periódico especialmente dedicado às expectativas das “gentis leitoras”, usualmente referenciadas nas páginas da publicação.

Percorrendo a carta-programa que expõe os propósitos editoriais do periódico¹⁹³, destaca-se o fato de que o *Jornal das Famílias* mantinha vínculo com uma publicação anterior, a *Revista Popular*, também editada por Garnier e que circulou entre os anos de 1859 e 1862. Porém, o vínculo não estabelecia uma continuidade de conteúdos, pois, diversa do *Jornal*, a *Revista Popular* abordava uma gama muito mais ampla de assuntos.¹⁹⁴ Os editores da *Revista* tinham por objetivo um público bastante diversificado: desde lavradores a engenheiros, passando por filósofos, além de possuir um “cantinho” reservado às mulheres. Portanto, as mudanças não se restringiram apenas ao título, mas pautavam-se pela reformulação de aspectos visuais, pelo acréscimo de novos colaboradores, e

¹⁹¹ FERNANDES, Marcelo J. “Machado de Assis quase macabro.” *Poiesis - Literatura, Pensamento & Arte* - nº 85 - abril de 2003. [Disponível no seguinte endereço eletrônico consultado em novembro de 2013: http://www.netterra.com.br/poiesis/85/machado_de_assis.htm.]

¹⁹² As assinaturas anuais custavam, para o Rio de Janeiro e Niterói - 10\$000 e, para as províncias - 12\$000; enquanto que o número avulso era vendido a 1\$000. Tais preços foram mantidos durante os quinze anos de edição. Ver: PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade – O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2007.

¹⁹³ Carta assinada pela Redação e intitulada “Aos nossos leitores.” *Jornal das Famílias*, janeiro de 1863.

¹⁹⁴ O lema da Revista era: “Escrevemos de tudo para todos”. *Revista Popular*, janeiro de 1859.

especificação do público alvo: o feminino. Na carta, transparecem ainda as intenções moralizantes do novo jornal familiar:

Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importam ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias.¹⁹⁵

O tom religioso e moralizador seria perceptível em seções fixas como “Mosaico” e “Historia”, frequentemente assinadas por padres que, através de parábolas e anedotas bíblicas, buscavam orientar suas leitoras a trilhar os “bons caminhos da fé cristã”. A seção “Romances e Novelas” ocupava a parte central da publicação, e tinha como principal colaborador Machado de Assis¹⁹⁶, além de outros escritores.¹⁹⁷ As seções sobre “Economia Doméstica” e sobre “Medicina Popular” também eram recorrentes. Além disso, e indispensável numa folha do gênero, nas últimas páginas sempre figurava a seção de “Modas” que apresentava as últimas novidades da moda europeia junto de moldes e instruções para confeccionar as peças.

Elencando-se algumas das seções, torna-se possível identificar as características de um jornal pautado por um ideário civilizador, comprometido com a instrução de um público majoritariamente feminino, do qual se supunha certa dose de frivolidade, mas que também seria compreendido à luz das expectativas em torno do papel fundamental exercido pela mulher no seio da instituição familiar.

Acomodado em tal meio, o conto de Machado de Assis parecia soar bastante afinado ao ideário apregoado pelo periódico. Em níveis distintos, os potenciais amantes arriscavam-se e eram alertados sobre os perigos de suas ações. No horror relatado pelo desembargador Cruz, a personagem feminina era duramente castigada por um marido enciumado e capaz de feri-la de morte. Damasceno, por sua vez, não sofreria nenhuma pena direta por seu olhar correspondente, mas, por consequência da violência brutal cometida contra Lucinda, o então jovem médico viria a enlouquecer. Ou seja, a grande “culpada”

¹⁹⁵ *Jornal das Famílias*, janeiro de 1863.

¹⁹⁶ De acordo com Daniela Magalhães da Silveira, Machado publicou seus escritos no *Jornal das Famílias* no período de junho de 1864 a dezembro de 1878. Foram quatorze anos de colaboração e 85 contos contabilizados. Ver: SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. (Dissertação de Mestrado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2005.

¹⁹⁷ Destacamos as contribuições de Augusto Emílio Zaluar; Augusto Fausto de Souza e Caetano Filgueiras.

pela transgressão era Lucinda, que não se limitou aos códigos que regiam os princípios da honra feminina. No estrato mais realista da trama, Maria do Céu havia compreendido a mensagem e *abaixara os olhos*. Entre as hipotéticas leitoras reais do periódico, através desse contraexemplo, seguia a advertência pedagógica/moral contida em toda a narrativa: comportem-se!

Dada a nossa superficialidade no desvendamento da participação de Machado de Assis na publicação, esse parece ser o nível mais evidente de interpretação do conto. Mas, talvez não o único. Alguns estudiosos do tema demonstraram que essa suposta adequação do autor ao ideário da revista, não se deu de maneira simples ou direta. Assim, em muitas de suas histórias publicadas no jornal, Machado também encontraria meios de agir a contrapelo das diretrizes que o regiam, mas que não o cerceavam completamente. Na produção bibliográfica que será exposta a seguir, buscaremos respaldo para nossas considerações.

Em sua dissertação, Daniela Magalhães da Silveira¹⁹⁸ ocupa-se exatamente da colaboração do contista Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. De forma profícua, a autora busca demonstrar como os escritos do literato formavam um conjunto com todo o periódico. Nesse percurso, balizado por questões referentes à moralidade, política imperial e estudo do perfil do público-leitor; Silveira se propõe a identificar as inter-relações dos contos de Machado com os demais espaços do jornal, bem como as evidências de uma possível consciência crítica do autor a respeito do público que o acompanhava, e que era considerado em sua capacidade de interlocução. As conclusões do estudo apontam, principalmente, para a constatação de que as produções de Machado de Assis publicadas em tal meio, muitas vezes, dissonavam do tom virtuoso inerente ao veículo:

Lição, aliás, quase nunca foi o objetivo central de Machado de Assis ao escrever aquelas histórias. Mesmo quando explicitou ser essa a função de um ou outro conto. Ainda assim sua mensagem foi ambígua e lenta. Ou seja, antes de chegar ao último parágrafo, muitas leitoras já haviam se divertido com loureiras que faziam de bobos a vários namorados. Esta provavelmente a sua intenção ao criar tantas namoradeiras. Fazer rir, criticar pais que tentavam impor casamentos, e se posicionar de forma mais próxima de parte considerável de leitoras. Pois, ninguém melhor que as próprias “leitoras loureiras” para entender as estratégias daquelas personagens.¹⁹⁹

¹⁹⁸ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. (2005). *Op.cit.*

¹⁹⁹ Idem, p.73.

Destacamos ainda a análise de Jaison Luís Crestani²⁰⁰ a respeito da atuação de Machado de Assis no *Jornal*. Assim como Daniela M. da Silveira, o autor também reafirma a postura implicitamente crítica de Machado em relação ao ideário apregoado pela publicação. No entanto, Crestani busca acrescentar novas perspectivas no que concerne às possibilidades de análise formal dessa produção. Nesse sentido, são examinadas sobretudo as inovações que o escritor teria executado nos mecanismos usuais de produção e de recepção da ficção em jornal.²⁰¹ Em grossas linhas, o pesquisador busca compreender a conflituosa relação entre o perfil do periódico, concebido em consonância com os interesses da família e das tendências da literatura romântica, em detrimento de um Machado de Assis que lançava mão de artifícios capazes de problematizar, e até de subverter, os valores envolvidos nessa mesma estética.

Deliberadamente, retomaremos um dos exemplos destacados na análise de Crestani, e que pode servir de referência e contraponto ao caso de “Sem Olhos”. Em novembro de 1864, Machado de Assis publicava no mesmo *Jornal das Famílias* o conto “Casada e Viúva”.²⁰² Em síntese, a narrativa se baseia na história de um jovem casal que parecia viver o mais perfeito dos casamentos, quando, enfim, a ingênua esposa descobre os diversos casos amorosos do marido fora da união conjugal. Contudo, em nome da filha e pela manutenção das aparências, o infeliz enlace é mantido. Eulália, a esposa, opta por permanecer casada, ao mesmo tempo em que se considerava uma viúva de marido vivo: “A pobre mãe, viúva da pior viuvez desta vida, que é aquela que anula o casamento conservando o cônjuge, só vivia para sua filha.”²⁰³

Recorrente final feliz das narrativas românticas, no conto em questão, o matrimônio converte-se em início de uma infeliz trajetória, cuja principal vítima era Eulália, a desenganada esposa. Por outro lado, o marido, José de Meneses, portava-se de maneira alheia a qualquer tipo de julgamento. E, de fato, conforme sublinhado pelo narrador da trama, não havia motivos para alardes, uma vez que: “O ato de Meneses reduz-se, afinal de

²⁰⁰ CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin/EDUSP, 2009.

²⁰¹ É importante salientar que Jaison L. Crestani não restringe sua análise às páginas do *Jornal das Famílias*. De acordo com o pesquisador: “Investindo numa visão mais integradora das obras da juventude, procuramos relacionar os conceitos teóricos propostos nos ensaios críticos do autor com as técnicas desenvolvidas na ficção. Nessas correlações, também foram consideradas as crônicas e, em alguns casos, os romances publicados no periódico correspondente.” Idem, p.40.

²⁰² ASSIS, Machado de. “Casada e viúva”. *Jornal das Famílias*, novembro de 1864.

²⁰³ Idem.

contas, a um ato comum, praticado todos os dias, no meio da tolerância geral e até do aplauso de muitos. Certamente que isso não lhe dá virtude, mas tira-lhe o mérito da originalidade.”²⁰⁴

Parece claro que, desta vez, não estamos diante de um episódio edificante. Em “Casada e Viúva”, Machado de Assis polemiza com a continuidade de relações matrimoniais insatisfatórias que, em função das regras sociais, não eram desfeitas.²⁰⁵ De forma crítica, o conto tratava da situação de uma personagem feminina que, sob o fardo da honra, “opta” por resignar-se; enquanto o marido, respaldado na hipocrisia de uma sociedade patriarcal, seguia incólume.

Alguns paralelos podem ser esboçados a respeito das narrativas apresentadas. Ambos os contos tratam do tema do adultério, porém, em vertentes opostas. Em “Sem Olhos”, Maria do Céu é advertida por seu comportamento. No caso de “Casada e Viúva”, Meneses permanece imune. Em relação aos cônjuges, Eulália descobre as traições do marido e converte-se em perfil sofredor, enquanto Bento Cruz se mantém alheio ao comportamento indecoroso da esposa. De um lado, *o adúltero* sai ileso e a esposa sucumbe ao papel de vítima; de outro, *a quase adúltera* sabe que se arrisca, mas flerta, sob as vistas de um marido ignorante.

Para que a lição de moral do conto “Sem olhos” se completasse, as leitoras loureiras do *Jornal* teriam de compreender - e talvez se identificar - com os gestos e atitudes de Maria do Céu. De carne e osso, a personagem se diferenciava bastante do perfil submisso da assombração Lucinda, criada para remediá-la. A pequena Maria era concebida de forma sedutora e dissimulada, sem dúvidas, a léguas de distância de qualquer vitimização. E, apesar de reproduzir as mesmas percepções medíocres de Bento Cruz (quicá para não

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Traçando um paralelo, a atitude de Eulália seria muito semelhante ao comportamento silencioso da falecida mãe de Estácio diante das traições de seu marido, o conselheiro Vale: “A mãe de Estácio era diferente; possuía em alto grau a paixão, a ternura, a vontade, uma grande elevação de sentimentos, com seus toques de orgulho - daquele orgulho que é apenas irradiação da consciência. Vinculada a um homem que, sem embargo do afeto que lhe tinha, despendia o coração em amores adventícios e passageiros, teve a força de vontade necessária para dominar a paixão e encerrar em si mesma todo o ressentimento. As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. Ao mesmo tempo, como a ternura era elemento essencial de sua organização, concentrou-a toda naquele único filho, em quem parecia adivinhar o herdeiro de suas robustas qualidades.” ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo II). *O Globo*, 8 de agosto de 1876.

contrariá-lo nas aparências), suas ações e seus sentimentos não eram delimitados por ele. Ficava evidente que, se quisesse, a personagem era capaz de enganar o marido.

Partindo dessa breve exposição, torna-se possível compreendermos uma parte ínfima das complexidades que envolveram os anos de participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Entre os estudiosos que abordaram o enorme conjunto de narrativas publicadas, têm prevalecido certa percepção crítica da suposta adequação do escritor ao ideário moralista do periódico. A partir dessa produção acadêmica, nos deparamos com um Machado que, nas entrelinhas de muitos de seus contos, encontrava meios de se expressar-se de forma questionadora em relação aos costumes da sociedade de sua época.

Acreditamos que, no conto “Sem Olhos”, Machado de Assis buscava conduzir suas leitoras a uma autorreflexão sobre a idoneidade de seus atos. Porém, procuramos cogitar também a hipótese de outros níveis de leitura do mesmo texto. Nesse sentido, destacamos a dissimulação de uma mulher hábil, que agia “ao arpejo das leis” matrimoniais. Ou seja, mais uma vez, uma personagem transgressora tomava conta da cena. Indubitavelmente, a translúcida lição era ensinada. Ainda assim... Ufa! Maria do Céu conseguiu recolher-se aos bastidores em tempo.

Folheando as páginas do jornal *O Globo* do dia 21 de março de 1876, entre as notícias impressas na página três, nos chama a atenção o título “O ódio de uma mulher”, publicado na coluna *Varietades*.²⁰⁶ Tratava-se de um conto, nem tão pequeno, já que o texto ocupava parte considerável de toda página. Na verdade, seria impossível não notá-lo. Como leitores *a posteriori*, depois de alguns parágrafos, parecia-nos possível diagnosticar: estamos diante dos quiproquós de um triângulo amoroso. Envolvidos pela leitura recente do *Jornal das Famílias*, ansiosamente procuramos por uma esposa devidamente admoestada. Não encontramos. A narrativa, de autoria não identificada, traz a história do casal Honorina e Albuquerque, cujo casamento sofreria os primeiros dissabores com a chegada de um homem estranho, supostamente alheio àquele plácido universo doméstico. Novamente o

²⁰⁶ [Sem assinatura]. “O ódio de uma mulher”. Coluna *Varietades*. *O Globo*, 21 de março de 1876, p.3. Ver: Anexo VI, p.152.

tema do adultério vinha à baila. No entanto, desta vez, seríamos conduzidos por uma protagonista bastante diversa de Maria do Céu. Recolher-se aos bastidores? Essa não era uma alternativa para Honorina. Mas, sem delongas, vamos à trama impressa na coluna do *Globo*.

Findo o colégio aos dezesseis anos, Honorina seguiu até os dezoito expondo-se nos salões do Rio de Janeiro, tal qual uma prenda à espera de um arrematador. E ele não tardaria a chegar. Abençoados pelas famílias, Honorina e o “aceitável” Sr. Albuquerque casam-se.²⁰⁷ O matrimônio fez-se como tantos outros: como um arranjo social vantajoso para as partes envolvidas. Nas palavras do narrador, o casal não foi unido pelo “fogo do amor”²⁰⁸, mas, de qualquer forma, o enlace foi feliz ao longo dos primeiros anos. Albuquerque sentia-se um afortunado, afinal, ao seu lado, figurava a companheira mais meiga e cativa que um homem poderia desejar:

Honorina, de um gênio meigo e fácil, testemunhava uma submissão sem limites. Recriminar-se-ia, como um crime, a mais ligeira infração a este artigo do código que lhe fazia da obediência o primeiro dos deveres.²⁰⁹

Mas essa harmonia seria nublada em breve por uma “desinteligência”, ou por uma “luta” que estava por vir.²¹⁰ Sem grandes esclarecimentos, um novo personagem seria inserido na trama: o Sr. Paulo Guimarães. O personagem seria o mais novo e inseparável amigo do Sr. Albuquerque. Mas, de onde surgira tamanha fraternidade? Albuquerque não tinha explicações precisas. Certo dia, descendo as escadas de casa, encontrou Paulo subindo, nesta ocasião, apenas deram licença um ao outro. Numa noite de Teatro Lírico, Paulo cedeu lugar para Albuquerque na primeira fileira. Vieram outras gentilezas e, de forma aparentemente genuína, foi nascendo um sentimento afetuoso entre os dois homens, a ponto de considerarem “perdido” o dia em que não se apertavam as mãos.²¹¹

Naturalmente, Paulo Guimarães solicitaria que Albuquerque lhe apresentasse a esposa em um jantar. Albuquerque sugere o evento a Honorina que, pela primeira vez, lhe faria oposição: “Honorina levantou de repente os olhos para seu marido; seu olhar tornou-

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Idem.

se sério, sua boca cessou de sorrir.”²¹² Sem explicações, a “máscara” da esposa submissa era abandonada. E, diferentemente da personagem machadiana, Honorina *levanta os olhos* para o marido, e expressa sua insatisfação com a possibilidade de Paulo frequentar o lar do casal: “Outra qualquer notícia me seria muito mais agradável.” “[...] Peço-te como um imenso favor que não nos apresente.”.²¹³

Tanto ódio por uma pessoa desconhecida parecia incompreensível ao marido. Para desgosto de Honorina, o jantar ocorreu, e ainda que a anfitriã se portasse de maneira polida, tudo se deu de forma triste e fria. Outras reuniões aconteceriam, e a personagem seguia antipática ao amigo do marido. Este, por sua vez, já não suportava mais as atitudes da esposa e esbravejava para que a sua autoridade fosse respeitada. Em contrapartida, Honorina mantinha-se irredutível:

Que triste sorte de um marido que não obtendo nada pela afeição, é obrigado a reclamar sempre o seu direito, e muitas vezes em pura perda! Porém havia de estabelecer a ordem, e queria que no futuro se testemunhasse um pouco mais de respeito pela sua autoridade. A senhora respondia que a palavra obediência no código, significava submissão nos atos, não nos sentimentos, e que a autoridade mais absoluta, não podia ir até dispor dos movimentos da alma, e pedia, pois, ao Sr. marido de se limitar a impor-lhe a presença de um homem, que ela jamais quisera conhecer, sem acrescentar a isso a ridícula pretensão de lhe governar o espírito e o riso do mesmo modo que um sargento comandaria a um recruta: à direita! À esquerda! Ou marche?²¹⁴

Parece claro que a postura submissa da esposa, que permitia a felicidade inicial da união conjugal, fazia-se por meio da representação. Como sabemos, pouco depois, durante os meses de agosto e setembro, as páginas do *Globo* seriam habitadas por uma Helena que, em certo momento, quando acuada pelo irmão, também reagiria com a rebeldia de quem já não tinha a nada a perder.²¹⁵ Honorina, casada e mais madura, sabia que tinha muito a perder, e mesmo assim, opta pelo enfrentamento aberto; sua obediência se restringia ao código, não aos sentimentos. Nas palavras do narrador, era “ridícula” a pretensão do “Sr. marido” em lhe governar o espírito. Ademais, conforme veremos, a transgressão ainda se converteria em petulância.

²¹² Idem.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Nos referimos ao momento em que Helena enfrenta o irmão abertamente para tentar arrancar-lhe o consentimento de seu casamento com Mendonça. Ver, p.107 deste trabalho.

Naqueles tempos de cólera, uma nova hóspede seria inserida ao convívio do casal. Recém-chegada da Europa, Josefina, a sobrinha órfã de Honorina, necessitava de uma mentora e, sob a proteção da tia, a menina podia sentir-se segura. Satisfeita e alegre com a presença da jovem, Honorina parecia mais calma em relação ao marido, e até em relação ao intragável Paulo. Então, em “missão de paz”, os quatro decidem navegar juntos. Ao longo do passeio, por um descuido, Honorina sofre uma queda e é arremessada ao mar. O acidente poderia ser fatal, uma vez que a senhora não sabia nadar, no entanto, o desprezado Paulo evitaria o pior. Logo, restava a Honorina engolir seu orgulho e se dobrar diante daquele que havia lhe restituído à vida. Contudo, o ódio da personagem parecia não ter limites:

[...] O sangue frio reaparece, compreende que não pode se dispensar de testemunhar o seu agradecimento a quem a salvou. Porém, o embaraço, o constrangimento, uma sorte de repugnância penetram a despeito de seus esforços nos agradecimentos que ela lhe dirige.

- Nunca, dizia Albuquerque, a quem não escapava nenhuma destas particularidades; não, nunca vi uma mulher levar tão longe o ódio contra um homem!²¹⁶

Em compensação, a gratidão do Sr. Albuquerque era infinita e, para demonstrá-la, ele decidiria confiar a mão da sobrinha ao amigo. Ou seja, como regalo ao salvador, uma esposa. Nesse ponto, fica a impressão de que a narrativa se dava de forma cíclica, afinal, voltamos ao mundo das “barganhas matrimoniais” que nos guiou até aqui. De qualquer maneira, a mentora e sua protegida precisavam ser consultadas.

Além de aceitar a proposta, Honorina decidiria tomar a frente das negociações. De início, Josefina seria consultada e, sem grandes empolgações ou resistências, um comedido “sim” seria ouvido: o Sr. Paulo é um “moço distinto”.²¹⁷ Em seguida, na intimidade de seu quarto, Honorina tratava de consultar o noivo. E, para os leitores que aguardavam o mais aguerrido dos duelos, era reservada uma grande surpresa: “Esta conferência foi mais longa que a precedente, foi também mais animada. O ruído das vozes chegava por momentos até ao gabinete de Albuquerque.”²¹⁸ Ora, a sós com Paulo, Honorina se esqueceu de toda a ira que ele lhe despertava? Era o que parecia. Depois da cerimônia, Josefina e Paulo viajaram

²¹⁶ [Sem assinatura]. “O ódio de uma mulher”. *Op.cit.*

²¹⁷ *Idem.*

²¹⁸ *Idem.*

para a Europa e, enfim, a paz voltou a reinar no lar dos Albuquerque. Na leitura do marido, a submissão da esposa havia sido recuperada.

Os anos transcorrem rapidamente e, de susto, somos rerepresentados a um casal já envelhecido, que passava os dias em colóquio. Em uma dessas conversas tranquilas, o Sr. Albuquerque lembrava Honorina das visitas que estavam para chegar: o casal Josefina e Paulo. Para surpresa do marido, Honorina demonstrava-se solícita: seria um prazer recebê-los. Tanto tempo havia se passado, e Albuquerque ainda não era capaz de compreender as atitudes aparentemente incoerentes da esposa. Por fim, ele se permite uma última pergunta: Porque tanto ódio de Paulo? Eis a resposta da Sra. Honorina:

- O ódio!... Meu Deus! Como às vezes os homens têm singulares maneiras de julgar as coisas!

[...] – Porque não te farei uma confissão, que hoje é sem inconveniente? O Sr. Paulo concebera por tua mulher uma afeição mais viva que comportava a sua amizade para ti.

Albuquerque abriu os olhos a esta revelação.

- E tu? Perguntou ele a Honorina, com uma voz em que penetrava uma certa inquietação.

- Eu?... Não o odiava tanto... Se não o amasse também. ²¹⁹

Do enfrentamento chegávamos à insolência. A citação acima finalizava o conto, portanto, qualquer réplica do marido seria irrelevante e desconsiderada. Ao longo de toda a narrativa, várias seriam as pistas deixadas para que os leitores pudessem concluir que Honorina sustentava um falso ódio por Paulo. Recordemos o primeiro contato dos inseparáveis amigos: nas escadarias da casa de Albuquerque, este descia enquanto Paulo subia. Neste episódio, o marido sequer questiona o estranho que chegava à sua casa no momento em que ele cuidava de se ausentar. Os encontros fortuitos, evidentemente propositais, seriam compreendidos como meras coincidências por Albuquerque. Por fim, não podemos deixar de mencionar o “tête-à-tête barulhento”, ocorrido na alcova do casal. Seria o marido surdo ou leso? Na verdade, Albuquerque parecia tão seguro da submissão da esposa, que não notou as inúmeras evidências de que ela o enganava. E o enganou, sem culpas, durante longos anos, até o crepúsculo da velhice quando - por meio de uma descarada confissão - decidiu que tudo poderia vir à tona.

²¹⁹ Idem.

De maneira quase estanque, até o momento, expomos apenas nossa interpretação dos contos. Certamente, muitas dúvidas devem ter surgido entre aqueles que nos acompanham: Por que essa guinada em direção ao *Jornal das Famílias*? Qual a relevância desses contos? E, afinal de contas, qual a relação de tudo isso com o folhetim *Helena*? A seguir, abordaremos essas questões.

No início de nossa dissertação, quando apresentamos o perfil editorial do jornal *O Globo*, já havíamos esclarecido que, enquanto Machado de Assis colaborava para o periódico, muitos de seus textos também eram publicados no *Jornal das Famílias*.²²⁰ Acreditamos que essa concomitância de produções não deve ser ignorada.²²¹ Porém, isso não significa que estamos à procura de qualquer tipo de homogeneidade entre as produções publicadas no *Globo* e no *Jornal das Famílias* ao longo de 1876. Mesmo porque, sempre foi nossa premissa compreender a ficção em meio às particularidades de seus suportes jornalísticos. Sabemos que estamos diante de periódicos distintos. Aliás, é o cotejamento dessas supostas diferenças que nos interessa. Recorrendo-se a outras experiências de Machado na imprensa, pretendemos nos aproximar do ideário que rondava o autor e suas diferentes obras naquele período.

Inicialmente, no caso de “Sem Olhos”, de Machado de Assis, tratamos dos aspectos moralizantes que envolviam o conto publicado no *Jornal das Famílias*. É inegável que havia uma lição a ser transmitida, ainda assim, também procuramos cogitar outras possíveis percepções acerca do enredo. E, ao longo de nossa leitura, salientamos as atitudes da protagonista Maria do Céu, o contraexemplo esboçado pelo autor. Embora advertida, a personagem escapa de qualquer penalização por seus atos. Seus sentimentos lhe pertenciam - e isso não era pouco! Porém, suas ações transgressoras se dão de forma dissimulada, ou seja, ela jamais opta por qualquer tipo de enfrentamento aberto.

²²⁰ Ver item *O Globo: perfil editorial (1874-1876)* deste trabalho.

²²¹ E cogitando-se a possibilidade de públicos em comum, no *Globo* eram recorrentes os anúncios e notas sobre os números do *Jornal das Famílias* publicados. A seguir, transcrevemos um exemplo: “A Casa B. L. Garnier distribui aos seus assinantes o número de janeiro do *Jornal das Famílias*, contendo um figurino de modas colorido, uma estampa de bordados e trabalhos, duas de moldes, uma de tapeçaria colorida e uma peça de música: *Carta a Elisa*, por Beethoven.” [*O Globo*, 4 de janeiro de 1876, p.2.].

Logo em seguida, nossas atenções se voltaram ao conto “O ódio de uma mulher”, publicado nas páginas do jornal *O Globo*, de forma anônima. E, desta vez, acompanhamos uma narrativa distante de qualquer intenção moralizante. Na trama, somos conduzidos por uma protagonista fingidora, hábil na arte de representar o papel de esposa imaculada. Como Maria do Céu, a personagem Honorina também mostrava-se insubmissa em seus sentimentos, mas, diferente da protagonista machadiana, Honorina admite sua transgressão e enfrenta o marido ao final do conto.

Guardadas as particularidades comentadas, podemos concluir que perfis femininos transgressores não eram incomuns à época. Por isso, acreditamos que nossas considerações a respeito do folhetim *Helena*, expostas especialmente no capítulo II deste trabalho, dialogam com as produções ficcionais que circulavam na imprensa fluminense de então. E assim como no folhetim, nos contos abordados o espaço privado era compreendido como o lugar onde a mulher podia fazer-se influente e até preponderante.

É claro que ambos os contos tratam de um tipo de transgressão específica: a infração do pacto de confiança entre cônjuges, o adultério. Todavia, essa não seria a gênese dos males de Helena? Não precisamos lembrar que da relação adúltera entre Ângela e o conselheiro Vale, surgiram todas as desventuras da personagem. Pouco sabemos sobre Ângela, mas, através do episódio da chantagem de Dr. Camargo, pudemos notar uma clara censura em torno do tema do adultério feminino.²²² Por outro lado, não era segredo para ninguém o gosto do Conselheiro pelas mulheres. Enfim, no folhetim, ficava subentendida certa tolerância ao adultério masculino.

Nos contos abordados, era enfatizada a temática do adultério feminino. Porém, o comportamento fingidor das personagens Maria do Céu e Honorina fazia-se de forma velada e somente Honorina optou pela exposição no final da trama. De qualquer forma, nos dois casos, lidamos com mulheres que rompiam com o pacto de confiança do matrimônio e ludibriavam seus respectivos maridos. Ou seja, as narrativas eram concebidas a partir da subversão dos papéis comumente reservados aos gêneros: as mulheres traíam e os homens resignavam-se.

Retomando mais uma vez o capítulo II de nossa dissertação, em diversos momentos sugerimos que, na concepção de *Helena*, Machado de Assis propunha um jogo subversivo

²²² Ver p.103 e 104 deste trabalho.

em torno dos papéis reservados aos gêneros. Nesse sentido, alegamos que a protagonista da trama utilizava a dissimulação e a representação de tais papéis, como meios de negociação e resistência a um cotidiano opressor. Portanto, do nosso ponto de vista, há pontos de intersecção entre as transgressões cometidas por todas as personagens femininas em questão. Evidentemente, não podemos precisar se o público-leitor da época era capaz de identificar tais pontos, contudo, de forma segura, podemos afirmar que havia repertório para tal conclusão.

III.3 Da resolução de ser vítima.

De volta à seção “Romances e Novelas” do *Jornal das Famílias*, nas próximas páginas abordaremos o conto “D. Mônica”, publicado entre agosto e outubro de 1876, sob o pseudônimo *Lara*, atribuído a Machado de Assis.²²³

Essa não seria a primeira vez que um conto assinado por *Lara* vinha a lume no periódico. Em 1872, “Uma loureira”, trazia a história da jovem Luísa que, depois de diversos namoricos, termina “fugida” com um primo.²²⁴ Com um enredo bastante diverso, em 1873, *Lara* assinava “Tempo de crise”, que tratava de uma fictícia crise ministerial ocorrida durante o Império.²²⁵ Neste segundo conto, narrado na primeira pessoa do singular, teríamos oportunidade de saber com “quem” estávamos lidando. *Lara* apresentava-se como um homem de passagem pela Corte, que não conseguira manter-se indiferente diante dos “burburinhos” que agitavam a famosa Rua do Ouvidor, o principal cenário da trama. De meninas “vaporosas” à política imperial²²⁶, ao que parece, a “persona” criada por Machado de Assis supunha escrever para um público-leitor interessado nos mais diversos assuntos.

Semelhante ao caso do folhetim *Helena*, o enredo de “D. Mônica” também seria iniciado a partir da abertura do testamento de um ricoço que, assim como o conselheiro Vale, pensava ser detentor dos destinos dos vivos. O capitão Matias faleceu no ano de 1857 e deixou toda a sua fortuna para um único herdeiro: seu sobrinho Gaspar. Contudo, a condição para que o jovem recebesse a herança, era a de que ele se casasse com sua tia-avó,

²²³ Existem muitas controvérsias quanto à autoria dos contos publicados por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, por causa do reconhecimento de alguns dos seus pseudônimos e dos colaboradores daquele periódico. José Galante de Souza reconhece como pseudônimos usados por Machado nessa revista *J., J.J., Job, Victor de Paula e Lara*. Somando esses pseudônimos àquelas assinadas com o seu próprio nome. Jean-Michel Massa e Raimundo de Magalhães Júnior também discutem a questão dos pseudônimos e a colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, mas não fecham seus apontamentos. Massa refere-se aos contos que tiveram autoria confirmada nas coletâneas organizadas pelo literato e aos atribuídos. John Gledson faz referência a 70 contos publicados nessa revista. Sobre a identificação dos contos de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, ver: SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955; MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. (Tradução: Marco Aurélio de Moura Matos). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971; MAGALHÃES JR., Raimundo de. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; GLEDSON, John. “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, Machado de. *Contos/uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²²⁴ *Lara*. “Uma loureira”. *Jornal das Famílias*, maio e junho de 1872.

²²⁵ *Lara*. “Tempo de crise”. *Jornal das Famílias*, abril de 1873.

²²⁶ Ver: SILVERA, Daniela Magalhães da. (2005). *Op.cit.* p.96.

D. Mônica. E, mesmo na perspectiva de alguém tão ambicioso quanto Gaspar, o sacrifício não era pouco:

A alma de Gaspar subiu ao sétimo céu e desceu para o último abismo, de um lance fez toda a jornada de Dante, ao invés, subindo ao Paraíso e caindo de lá no derradeiro círculo do Inferno onde o diabo lhe apareceu, não com as três cabeças que o poeta lhe dá, mas com pouco mais de três dentes, que tantos possuía a tia de seu tio.²²⁷

O malogro não era menor para D. Mônica. Do alto de seus sessenta e seis anos, a senhora sentiu-se ultrajada pela disposição imposta no testamento, a situação parecia-lhe insensível, senão zombeteira. Entretanto, após algumas breves reflexões, ela mudaria de ideia. Era pouco provável que o rapagão lhe quisesse para esposa, logo, todos os trezentos contos que o defunto havia deixado pertenceriam somente a ela. E, tendo em vista esta relevante vantagem, todo o constrangimento poderia ser superado. Todavia, esta seria a primeira hipótese. Mas, e se ele quisesse o casamento e ela se recusasse? Bem, como a recusa partiria dela, provavelmente o sobrinho tornar-se-ia o herdeiro universal. A situação começava a desenhar-se de forma cada vez mais complicada, acrescente-se a isso a constatação de que D. Mônica era muito vaidosa, e a ideia de se casar, a tal altura da vida, excitou-lhe o espírito. Feitos os nós, restava à protagonista a paciência de desatá-los.

Gaspar estava disposto a abrir mão de tudo, ainda que seus motivos pouco tivessem a ver com os cabelos grisalhos da tia. Não demoraríamos a saber que o moço ardia aos pés de uma jovem, a quem ele havia prometido casamento. Há tempos, Lucinda aguardava que o namorado enriquecesse e, assim, se tornasse um homem digno de esposá-la. Infelizmente, o inventário não havia rendido os frutos desejados, mas, ainda assim, a menina não esboçava preocupações em perder o pretendente, já que D. Mônica não lhe parecia uma rival ameaçadora:

[...] — Já sei que me deixas, disse a moça com um tom de tristeza.
— Deixar-te?
— Não te casas?
Gaspar levantou secamente os ombros.
— Isso não é resposta, disse a moça.
— Que queres que te diga?
— Que me amas... que não me hás de trair...

²²⁷ Lara. “D. Mônica”. *Jornal das Famílias*, agosto de 1876.

— Lucinda!
— Lucinda não é resposta.
— Criança!
— Ainda menos!
— Pois sim; não te hei de trair... Trair por que e por quem? Julgas-me um...
A moça desatou a rir, uma risada que faria morrer a D. Mônica, se a ouvisse e percebesse a coisa, e os dois namorados passaram a falar do seu futuro. O que os namorados dizem de seu futuro não é coisa nova para ninguém; dizem tudo e não dizem coisa nenhuma, eloquência divina, que é melhor experimentar, que julgar, mas julgue-a quem não experimentá-la.²²⁸

No diálogo exposto, é possível notar o sentimento de desprezo que o casal nutria por D. Mônica. Em sua representação enciumada - e culminada em riso - Lucinda demonstrava a crueldade com que lia a situação à qual a senhora era exposta. Do ponto de vista dos jovens apaixonados, D. Mônica seria vítima dos desmandos de um morto insensato, completamente alheio ao suposto abismo que separava a tia do sobrinho. Ainda assim, o rapaz precisava procurá-la para dar cabo àquela vexatória situação.

O encontro se fez. E para surpresa de Gaspar, a tia dispunha-se à formalidade matrimonial. De susto, o rapaz só pensava em recusar a oferta: “ - Oh! minha tia![...] o seu coração é bom, mas posso eu abusar...”.²²⁹ Passada a primeira impressão, todo o sobrinho era repulsa: “Vou mandá-la ao diabo”.²³⁰ Por fim, tudo terminaria em silêncio e indecisão. Gaspar foi embora calado e desapareceu nos dias que se seguiram.

Alguns outros aspectos sobre o caráter de Gaspar precisam ser esclarecidos. O moço era funcionário público, no entanto, seu espírito era avesso ao trabalho, e a displicência era a sua principal característica. Sendo assim, não tardaria para que o rapaz se visse desempregado. Consequentemente, por interferência do pai de Lucinda, o noivado teve de ser desfeito. Entre os tormentos do amor e os da necessidade financeira, a possibilidade de uma nova vida ao lado da tia começava a se configurar como um alento. Aliás, diante dessas circunstâncias, D. Mônica até parecia mais fresca aos olhos do gatuno:

Seria ilusão ou realidade? D. Mônica pareceu-lhe nessa ocasião menos velha do que antes a achava. Ou fosse da *toilette*, ou de seus olhos, a verdade é que Gaspar viu-se obrigado a reformar um pouco o juízo anterior. Não a achou moça; mas a velhice

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Lara. “D. Mônica”. *Jornal das Famílias*, setembro de 1876.

pareceu-lhe mais fresca, a conversa mais agradável, o sorriso mais meigo e o olhar menos apagado.²³¹

Sob o ângulo da necessidade, D. Mônica transformava-se na noiva mais bela que Gaspar poderia desejar. Casaram-se. Lucinda chorou, esbravejou, e arranhou outro par. Enfim, como era recorrente à época, o conto tratava do tema do casamento por estima em detrimento do casamento por paixão. Isto posto, torna-se possível concluirmos que a solidez das uniões por estima, feitas sem grandes ilusões, era o salutar caminho indicado ao público do periódico feminino.²³²

A estima de Gaspar era o que bastava para D. Mônica. Ridicularizada na maior parte da narrativa, a senhora resguardou-se e, pacientemente, esperou que o jovem cedesse ao enlace. Pelas determinações do testamento, se quisesse receber seu quinhão, D. Mônica não podia recusar seu “sim” ao sobrinho. Contudo, para além das finanças, e motivada por um profundo sentimento de vaidade, a senhora *queria* se casar com o rapaz. Para tanto, D. Mônica fingiu adequar-se ao papel de vítima que lhe era imputado, enquanto seguia dedicando-se de forma afável ao sobrinho. Finalmente, sem alternativas, ele teve de ceder. Assim, além de rica, a tia-avó terminaria casada com o mancebo que ela tanto desejava.

Retomando as páginas do jornal *O Globo* de 1876, entre os dias 5 e 7 de fevereiro, na coluna *Variedades*, era publicado o conto “O primeiro cabelo branco”, cuja autoria permanece desconhecida.²³³

Inicialmente, somos introduzidos à trama através das observações de um narrador masculino, em primeira pessoa, que se apresenta como alguém que retornava de uma longa

²³¹ Lara. “D. Mônica”. *Jornal das Famílias*, outubro de 1876.

²³² Em uma de suas conversas com o sobrinho, D. Mônica criticaria duramente a postura desrespeitosa de Lucinda diante do pai, este, que em um dado momento, passou a desaprovar o noivado da filha com Gaspar: “— A vontade do pai há de vencer a da filha; seus conselhos a persuadirão... disse D. Mônica sorrindo. Que admira? É o que acontece com moças que sonham no casamento um perpétuo baile.” [Lara. “D. Mônica”. *Jornal das Famílias*, setembro de 1876.] Ou seja, ao contrário da protagonista, Lucinda via o casamento de forma frívola e imatura. Nesse sentido, e pensando-se nas leitoras do periódico, a jovem personagem parecia se configurar num exemplo pouco aconselhável.

²³³ [Sem assinatura]. “O primeiro cabelo branco”. Coluna *Variedades*. *O Globo*, 5, 6 e 7 de fevereiro de 1876. Ver: Anexo VII, pp. 153-156.

estadia em Paris. O tal homem ficaria hospedado na casa de sua prima, a Sra. Almeida, cuja residência ficava localizada na inominada cidade “R...”. Impossível precisar o endereço, mas algumas informações posteriores nos levariam a crer que estávamos em um ambiente urbano. Ainda assim, e embora seja tentador supor “Rio de Janeiro”, não seria possível chegar a tal conclusão, porque todas as referências geográficas contidas na narrativa são vagas. Bem, o tal primo somente daria uma prévia sobre o cenário da trama. Logo depois, esse narrador praticamente desapareceria e, a partir de então, seríamos conduzidos pela voz da Sra. Almeida, que passava a confessar seus segredos ao primo ouvinte.

Na época da visita do primo, a Sra. Almeida vivia confortavelmente em sua casa com o marido, o Sr. Almeida, e seus dois filhos que já adentravam a juventude. Eram felizes, a senhora dizia-se satisfeita com a família e com a experiência que os anos haviam lhe proporcionado. Contudo, ela advertia que todo esse regozijo só teria sido possível graças a uma descoberta: um cabelo branco. O primo não compreenderia a frase, mas demonstrava interesse.

Refazendo sua trajetória de vida, a personagem esclarecia que não se casou por amor com o Sr. Almeida, contudo, a união teria sido muito bem sucedida em seus primeiros anos. Não tardou para que a senhora engravidasse e, além de seus dois meninos, o casal também se responsabilizaria pela criação de uma afilhada órfã, a pequena Rosinha.

Mesmo com as crianças, esses anos iniciais de casamento teriam sido marcados por uma vida social intensa. A Sra. Almeida amava os jantares e os bailes inebriantes que costumava frequentar. Eram nessas ocasiões que a senhora conseguia se exibir e demonstrar a todos que continuava bela e jovem. Na verdade, a idade sempre foi um dilema para a personagem. São vários os momentos de sua vida pontuados por marcos etários. Dessa forma, ela teria se casado aos vinte e sete anos; na fase das festas e do nascimento dos filhos, a senhora já havia completado trinta e cinco anos; sendo que o Sr. Almeida era por volta de dez anos mais velho que a esposa. Enfim, é necessário salientar: a idade, a aceitação da maturidade e do processo de envelhecimento sempre seriam encarados de forma conflituosa pela protagonista. E seria na moda, e nos modos de assear-se, que a Sra. Almeida procurava o remédio para os seus males:

Por isso, o tempo, cujos vestígios são de ordinário tão precoces, tinha-me física e moralmente respeitado; conservava ainda as ideias risonhas e frescas da mocidade,

não parecia ridícula trajando como as moças de menos idade que eu, e muitas mulheres de vinte e cinco anos desejariam ser o que eu era a[os] trinta e cinco.²³⁴

Ainda sobre os efeitos de D. Mônica, novamente nos deparamos com uma senhora extremamente vaidosa e disposta a retardar os efeitos do tempo. Mas, diversa da solitária personagem machadiana, a Sra. Almeida era uma mãe de família que precisava manter-se respeitável aos olhos da sociedade. E embora a linha fosse tênue, a senhora conseguiu, com engenho, encontrar um meio-termo entre a coquette e a gravidade senhoril.

Um dia, o mundo perfeito da família Almeida desmoronou. Pela primeira vez, o marido enfrentava sérias dificuldades financeiras e as noites glamorosas da Sra. Almeida deveriam permanecer apenas na memória. Junto dos filhos e da afilhada, o casal se mudaria para uma pequena propriedade campestre, bastante distante da cidade. A esposa seguiu desolada, mas não reclamou, afinal, era sua escolha portar-se de forma submissa ao marido: “Porém eu tinha tomado a resolução de ser vítima. Não o questionei, nem fiz reflexões.”²³⁵

Os primeiros meses de reclusão seriam um tormento para a protagonista, some-se a isso a frieza de um marido distante e empenhado em reerguer-se. A única companhia que realmente distraía o tempo da senhora era Rosinha, a jovem e dedicada afilhada que, na época, contava dezessete anos. As duas passavam os dias conversando ou ocupadas com trabalhos de costura. Outra distração ao cotidiano melancólico da dupla feminina era sair para conhecer a esparsa vizinhança ao redor.

Uma dessas vizinhas seria a Sra. Mendonça, uma viúva que vivia completamente só, mas que contava com as esporádicas visitas de seu único neto, Arthur. Por coincidência, todos acabariam se encontrando na casa da viúva e, especialmente, a Sra. Almeida terminaria encantada pelo jovem Arthur. Nas palavras da senhora, o rapaz de vinte e dois anos era amável, espirituoso, além de ser “um verdadeiro tesouro para as pobres exiladas”.²³⁶

As boas impressões seriam correspondidas. Posteriormente, Arthur começaria a frequentar a casa da família Almeida demonstrando-se muito atencioso com as exiladas em questão. De início, a Sra. Almeida cogitou que o possível motivo de tantas visitas seria Rosinha, contudo, de seu ponto de vista, a menina era desinteressante, e logo a hipótese lhe

²³⁴ [Sem assinatura]. “O primeiro cabelo branco”. Coluna *Variedades*. *O Globo*, 5 de fevereiro de 1876, p.3.

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ [Sem assinatura]. “O primeiro cabelo branco”. Coluna *Variedades*. *O Globo*, 6 de fevereiro de 1876, p.2.

pareceu improvável.²³⁷ Consequentemente, não tardou para que a senhora concluísse que era ela quem inspirava a paixão do jovem Arthur. E, finalmente, aquele cotidiano bucólico lhe pareceu menos tedioso.

Envaidecida, a matrona seguiria correspondendo às investidas do rapaz. Mais do que nunca, a Sra. Almeida sentia-se jovem e belíssima. Vieram as cartas, as juras de amor, e tudo levava a crer que o conto terminaria em fuga ou em tragédia. Não era o caso. E ainda que o marido seguisse alheio ao que passava, aos olhos de Rosinha os amantes não passariam despercebidos; na verdade, um incontrolável sentimento de despeito começava a tomar conta da menina.

A admiração que Rosinha sempre sentiu pela madrinha começava a ganhar certa nuance negativa, aproximando-se da inveja. Aliás, esse seria o principal combustível do episódio a seguir. Em determinada ocasião, demonstrando conhecer as artimanhas feminis da Sra. Almeida, Rosinha se vestiria com especial esmero para chamar a atenção de Arthur. A senhora sentiria o golpe, porém, o pior ainda estava por vir. Segura de si, a afilhada convidaria o moço para apreciar um novo detalhe surgido nos cabelos da Sra. Almeida:

De repente levanta-se, e leva bruscamente uma mão à minha cabeça. Um grito me escapa; acabava de sentir uma dor aguda.

- Ah! Madrinha, disse ela, esqueceu-se de arrancar um cabelo branco!

- Um cabelo branco? Repetiu Arthur abrindo os seus grandes olhos.

- Branco como prata: vejam.

E a traidora parecia ter um maligno prazer a passar e a repassar o maldito cabelo branco entre os dedos do incrédulo.

Não esquecerei nunca em minha vida a fisionomia vitoriosa de Rosinha e a cara estupefata de Arthur.²³⁸

O episódio do primeiro cabelo branco marcaria uma transformação muito significativa na postura da protagonista. Evidentemente, a afilhada lhe despertou um profundo sentimento de ódio. E, depois do ocorrido, não seria difícil prever que Rosinha e Arthur terminariam casados. Ainda assim, diante do espetáculo criado pela menina, a Sra.

²³⁷ “Com efeito, o seu vestido afogado, seus cabelos lisos em bandos chatos, e sem pretensão, a vivacidade do seu andar, e a franqueza do seu sorrir, quando estava de bom humor, lhe davam inteiramente o ar de uma pensionista de colégio em férias e, Arthur poderia ver nela uma menina sem consequência. Mas, se era para mim que tinha reservado todas as seduções do seu espírito; se eu tinha sido o objeto quase exclusivo de seus respeitos e atenções, não devia eu fazer as honras à tática da sua diplomacia?” [Idem].

²³⁸ [Sem assinatura]. “O primeiro cabelo branco”. Coluna *Variedades*. *O Globo*, 7 de fevereiro de 1876, p.2.

Almeida não esboçou nenhuma reação. Calou-se. E somente na intimidade de seu quarto, a personagem desfez-se em pranto e fúria:

[...] Encerrei-me em meu quarto, despojei-me destes atavios dos quais estive por um momento altiva; pisei-os aos pés com raiva, deixei-me cair aniquilada em uma poltrona, interrompendo unicamente o pranto para repetir esta exclamação de Arthur: “- Um cabelo branco!”²³⁹

De forma brusca, a Sra. Almeida tomava consciência de sua maturidade. A partir daquele momento, tudo mudou: seu vestuário, suas atenções com o marido, o trato com Rosinha, e principalmente, seu modo de portar-se em público. A Sra. Almeida assumiu o papel senhorial que lhe era designado. Completamente grave, a protagonista deixou para trás os ares de “heroína de romance” que acreditava possuir.²⁴⁰ Portanto, publicamente, uma nova “máscara feminina” era assumida. O cabelo branco evitou que o adultério fosse levado adiante. O marido enganado recuperou-se financeiramente e tudo terminou bem.

Como no item anterior, optamos pela exposição do conto de Machado de Assis, seguido do conto publicado no jornal *O Globo*. Tal qual o folhetim *Helena*, ambas as narrativas vieram a público no ano de 1876.

No *Jornal das Famílias*, em meio a tantas publicações protagonizadas por jovens meninas loureiras, o conto “D. Mônica”, atribuído a Machado de Assis, tinha como personagem principal uma tia-avó solitária e extremamente paciente. Em contraste com uma antagonista frívola e passional, D. Mônica soube agir de forma calma e inteligente para que seus objetivos fossem alcançados. Optando por um aparente resguardo, a personagem fez com que Gaspar cedesse ao casamento que lhe era conveniente.

Em seguida, expomos nossa interpretação do conto “O primeiro cabelo branco”, de autoria desconhecida, publicado na coluna *Varietades*, do jornal *O Globo*. Por meio dessa narrativa, novamente, os leitores do periódico eram expostos às ações de uma protagonista

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ “Arthur veio à sua hora habitual. A minha transformação lhe causou uma surpresa que não pode dissimular completamente; havia com efeito de que o desorientar; em vez de heroína de romance, encontrou uma mãe de família.” [Idem].

adúltera. Porém, desta vez, a personagem agiria de maneira escusa e jamais pleitearia qualquer enfrentamento em relação ao marido. A brusca conscientização da senioridade evitaria um possível fim trágico à trama. Dessa forma, a matrona sairia ilesa de suas infrações e, no espaço público, seguiria reafirmando uma imagem senhorial distante de qualquer mácula.

Portanto, os enredos tinham por protagonistas personagens maduras que, de forma sóbria, optaram por agir como vítimas. D. Mônica sentiu-se ultrajada pelas disposições do testamento, porém, seguiu agindo sorratamente para que se desse o desfecho vantajoso para ela. Compartilhando de princípios semelhantes, a Sra. Almeida fingia submissão ao marido, enquanto o enganava. Ou seja, acompanhando as trajetórias das protagonistas, podemos afirmar que, em ambos os casos, a opção pela representação do papel de vítima ocultava, na verdade, escolhas bastante autônomas. Nesse sentido, estávamos diante de “vítimas” que não se dispunham a serem vitimizadas.

O mesmo pressuposto nos acompanhou ao longo de nossa análise a respeito de *Helena*. Entrecruzando os contos ao folhetim, anteriormente, defendemos que a protagonista Helena, ao menos nas aparências, tinha que mostrar-se cativa aos olhos de Estácio e de seus pares. Diante das ínfimas possibilidades de enfrentamento aberto, a opção por portar-se como vítima também era uma forma de proteger-se e conservar sua posição naquele contexto. Conforme afirmamos, em muitos momentos, Helena fingiu converter-se na mulher que Estácio desejava que ela fosse.²⁴¹ Mas, apesar dessa aparente adequação, a personagem buscou agir com alguma autonomia até o momento em que isso foi possível.

Por fim, gostaríamos de findar este capítulo reafirmando a importância da coluna *Varietades* para o jornal *O Globo* como um todo. Ao longo de nossa análise comparativa, pudemos perceber uma acentuada tolerância em relação às ações das personagens femininas concebidas para a coluna. Nenhuma das protagonistas transgressoras que apresentamos - fossem elas “descaradas” ou dissimuladas - sofreu qualquer tipo de represália por seus atos. Por isso, embora tais contos se voltassem principalmente ao público feminino, podemos afirmar que não existia uma intenção pedagógica por trás dessas narrativas. Honorina e Sra. Almeida não são exemplos de conduta, tampouco, modelos de depravação.

²⁴¹ Ver, p.93 deste trabalho.

Isto posto, e apropriando-nos das palavras do crítico Luis Filipe Ribeiro²⁴² sobre as personagens femininas de Machado de Assis, talvez possamos nos aproximar também das mulheres impressas na coluna *Variedades*:

Elas têm a cultura que lhes está destinada pelo sistema, aprendem a mover-se dentro dos limites das conveniências e estão longe de constituírem-se em arquétipos, sequer em exemplos. O que as define, no seu conjunto, é uma certa mediana de inteligência e de dotes físicos; de esperteza diante dos homens e da exata dose de ingenuidade necessária ao desempenho de seus papéis sociais. Nem todas são belas e, quando o são, não exageram. Elas nunca são mostradas como sustentáculo da moral familiar ou como portadoras de uma ética que os homens pregam, sem cumprir. Ao contrário, pecam também e não primam no exercício da maternidade.²⁴³

Podemos afirmar que as personagens expostas na coluna *Variedades* do *Globo* compartilhavam de muitos dos pressupostos a partir dos quais as personagens de Machado foram concebidas. Tais protagonistas jamais são mostradas como exemplos de moralidade ou como portadoras de uma ética que os homens pregavam, mas não cumpriam. Honorina e Sra. Almeida são adúlteras, fingidoras, vaidosas e essencialmente individualistas. Quanto à maternidade, ambas as protagonistas não se fazem de rogadas ao disputarem pretendentes com sobrinhas e afilhadas que as tinham como mães. Os enredos partem de questões comuns à realidade da época: casamentos arranjados e cotidiano doméstico tedioso especialmente para as mulheres. Portanto, é possível afirmar que havia certa preocupação com a verossimilhança na construção de tais narrativas.

Passíveis de estabelecer uma relação de empatia com o público-leitor, as “mulheres de papel” impressas no *Globo* afinavam-se ao ideário moderno apregoado pelo projeto editorial do jornal. Através desses contos protagonizados por personagens tão hábeis, os leitores e leitoras da folha tinham contato com uma ficção que não encontrava respaldo no idílico, e até partia de uma certa desilusão em relação às instituições e convenções da época. E, nesse sentido, parece que estamos diante dos mesmos pressupostos críticos que constituíam os alicerces do folhetim de Machado de Assis, publicado no mesmo periódico.

²⁴² RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

²⁴³ Idem, p. 429.

Considerações finais.

Até o momento, optamos por omitir os apontamentos dos críticos contemporâneos à publicação de *Helena*, de Machado de Assis. Isso porque não tínhamos a intenção de pautar nossas impressões sobre o folhetim a partir de sua recepção entre a crítica especializada. Distante disso, e através do jornal, buscamos reconstituir os “rastros”²⁴⁴ das possíveis experiências de leitores e leitoras comuns que acompanhavam a narrativa por meio da imprensa. Ainda assim, e sem reducionismos, não podemos ignorar que as “interpretações doudas” sobre o romance possam ter servido de referência às interpretações surgidas entre o chamado grande público.

Com base nos textos coletados e organizados por Ubiratan Machado²⁴⁵, é possível constatar que o romance contou com uma recepção muito positiva entre a crítica contemporânea ao seu lançamento. Foram muitos os elogios à linguagem, à sobriedade artística do autor, ao tom romântico (sem exotismos) atribuído à obra. Gostaríamos de chamar a atenção para um texto em específico, assinado pela pena de A. C. Almeida, um jornalista que atuava em São Paulo. Segue um trecho:

[...] É Machado de Assis um escritor de fino gosto, observador perspicaz e fácil, que cura da forma à ideia com um esmero e correção pouco vulgares, que vai acumulando materiais positivos para com eles fazer a **morfologia da sociedade atual**, tudo isto, porém, sem precipitação nem desvario.

[...] **Helena não é um instrumento ou autômato da imaginação de Machado: Helena é uma mulher.** Representa a dedicação e o dever. É um vulto de todo o sempre. Encanta pela sua formosa exterioridade plástica, fascina pelos generosos sentimentos que lhe moram na alma. É simples e altiva. É meiga e arrogante. É a verdadeira mulher, a mulher como a criou Deus: uma coisa semelhante à escada mística da visão de Jacó, ou não sei quê de sobrenatural e misterioso, que Ele colocou entre o céu e o homem para que o homem não maldiga o céu, e o céu baixe por ela à alma do homem. **Em Helena toda a mulher de caráter digno e elevado pode reconhecer-se.** É o mais bem acabado desenho do autor. Isto, porém, não quer dizer que outros vultos desenhados por Machado não tenham pontos de contato com os do mundo real. Não; eles vivem, agrupam-se, agitam-se, falam a linguagem que falamos, comovem, prendem, dominam e alguns, dois principalmente, retratam um estado psíquico da sociedade de ontem como da de hoje.

Um aponto-lo já: Helena. O outro é o Dr. Camargo. Este exprime a ambição e o cálculo. Como todos os ambiciosos, o Dr. Camargo aplicava à vida pública o mesmo que o autor do Fausto à arte: “Immer hoher muss ich steigen/ Immer weiter muss ich schauen” [“Quero subir mais alto sempre / Quero sempre olhar mais longe” - tradução do próprio A. C. Almeida].

²⁴⁴ Ver: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. (Tradução: Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁴⁵ MACHADO, Ubiratan (org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

Os caracteres de Estácio, D. Úrsula, Eugênia, Mendonça e Melquior estão delineados com firmeza. Esta faculdade possui Machado de Assis: com dois traços desenha os caracteres. Salvador, por exemplo, aparece-nos somente num capítulo; não foi preciso mais: a sua fisionomia nunca mais esquece. Vicente murmura apenas quatro palavras: a sua figura encrava-se-nos para sempre na memória.²⁴⁶

Propositalmente, demos destaque a algumas considerações presentes na exposição de A. C. Almeida que nos pareceram especialmente interessantes. Mas, para além da crítica, pensamos que tais observações também podem ser relacionadas à abordagem que temos proposto sobre o folhetim a partir de sua leitura no jornal. Enfim, acreditamos que temos o mote para arrematar nossa análise.

1. Helena não é um instrumento ou autômato da imaginação de Machado: Helena é uma mulher.

Perfil complexo, inexplicável se remetido apenas ao quesito “carácter”, Helena ocupa parte considerável do texto de Almeida. Ainda que com ares místicos, a criatura machadiana seria enfaticamente comparada aos seus pares femininos observáveis na realidade concreta, uma vez que a personagem não seria um autômato ou um simples receptáculo de ideias. Nas palavras do crítico, Helena seria uma mulher em contato com o mundo real. Porém, quais seriam os significados que poderiam ser depreendidos de tais palavras, proferidas por um leitor versado e situado em pleno século XIX? Não temos a pretensão de decifrar todos os meandros dessa questão, entretanto, propomos uma tentativa de aproximação.

Em seu clássico estudo sobre a ascensão do romance no século XVIII, Ian Watt²⁴⁷ defende que o gênero colocava de modo mais agudo - que qualquer outra forma literária - o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita. Daí também o princípio da individuação dos personagens, cujas experiências seriam compreendidas em relação ao arbítrio decisivo da realidade. Fruto de um contexto europeu marcado por transformações econômicas, pelo crescimento urbano e pela ascensão da chamada “classe

²⁴⁶ Grifos nossos. A. C. Almeida. “Bibliografia”. Originalmente publicado em: *Pindamonhangabense*, Pindamonhangaba-SP, 19 de novembro de 1876. In: Idem, pp.108-110.

²⁴⁷ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. (Tradução: Hildegard Feist). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.11.

média”²⁴⁸, de acordo com Watt, o romance tinha por principal finalidade o entretenimento de um público que primava por uma estética concebida a partir de aspectos verossímeis.

Em nossa leitura sobre o romance de Machado de Assis, sempre tivemos a imprescindível preocupação em referenciá-lo à realidade histórica da época. Nosso principal “instrumento” nesta prerrogativa fez-se por meio do aparato da imprensa. O jornal *O Globo* nos guiou e, por que não admitir, também nos restringiu ao longo da concepção de toda a dissertação. Nossa leitura do folhetim e de sua protagonista deve-se à leitura possibilitada pelo jornal. Ou seja, longe de deflagrar qualquer consideração final peremptória, reafirmamos que em nossa trajetória buscamos resgatar *uma* leitura de *Helena* que nos pareceu factível. E isso quer dizer que propomos um ponto de vista que busca acrescentar algo novo aos demais olhares sobre tema, sejam eles condizentes ou enviesados à nossa análise.

Em abril de 1876, ao que tudo leva a crer, com o folhetim completamente findado em mãos, Machado de Assis vendia os direitos da obra para o editor B. L. Garnier.²⁴⁹ Como condição expressa no contrato, era estabelecido que o romance em livro somente viria a público depois do término de sua publicação em folhetim nas páginas do *Globo* que, conforme sabemos, ocorreria em setembro daquele mesmo ano. Portanto, diferentemente de outros escritos do autor, o folhetim *Helena* não foi concebido de acordo com as “urgências da publicação diária”²⁵⁰, pois, quando publicado “aos pedaços” no periódico, todo o romance já estava pronto.

Isto posto, seria um equívoco pensar que a concepção de *Helena* foi condicionada *unicamente* pelo jornal. No caso, e como era comum à época, o folhetim deve ser compreendido como uma etapa para posterior publicação do livro em definitivo. Contudo,

²⁴⁸ “Com certeza o público-leitor de romances não pertencia à camada mais representativa da sociedade – ao contrário, por exemplo, do que ocorreu com as plateias do teatro elisabetano. Só os indigentes não podiam gastar um *penny* de vez em quando para ir ao Globe Theater: o ingresso não custava mais que uma cerveja. Em contrapartida o que se pagava por um romance podia sustentar uma família por uma ou duas semanas. Isso é importante. No século XVIII o romance estava mais próximo da capacidade aquisitiva dos novos leitores da classe média do que muitas formas de literatura e erudição estabelecidas e respeitáveis, porém estritamente falando não era um gênero popular.” In: Idem, p.44.

²⁴⁹ Ver contrato no Anexo VIII, p.157.

²⁵⁰ Em 1874, quando publicado em livro, nas primeiras páginas de *A mão e a luva*, Machado deixava uma advertência para seus leitores: “Esta novela, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor.” [ASSIS, Machado de. “Advertência de 1874”. In: *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1988, p.16.]. Vale lembrar que a versão folhetim do romance também foi publicada no jornal *O Globo* no mesmo ano de 1874.

uma intermediação importantíssima, no sentido de que tal experiência poderia servir como um “termômetro” da recepção da obra entre um público amplo e diverso.

Acrescidos esses relevantes detalhes, seguimos teorizando nossos argumentos. Em nosso trabalho de pesquisa, tratamos de enveredar pelos caminhos - e descaminhos - da realidade, que não tomamos no sentido estritamente condicional, porém, aceitamos como realidade, de modo que o autor, sua obra e seu público permanecessem absorvidos nela.²⁵¹ Apropriando-nos da assertiva de Carlo Ginzburg²⁵², em nossa dissertação nos dedicamos à leitura da ficção de Machado de Assis não como um documento histórico propriamente dito, mas como um tipo específico de testemunho, completamente entranhado pela história.

2. Caracteres para esboçar uma morfologia da sociedade.

Debruçando-se principalmente sobre a produção contista de Machado de Assis, Paul Dixon dedica-se, em um longo artigo²⁵³, ao exame das caracterizações criadas pelo literato em sua fase inicial, dita romântica. O autor defende que as personagens machadianas seriam concebidas tendo-se em vista seus aspectos relacionais. Dessa forma, a psicologia de tais criaturas somente seria revelada na medida em que estas participassem da interação social. Parafraseando o próprio Machado, seria por meio do contraste de caracteres²⁵⁴ que as essências viriam à tona. Assim, incompreensíveis se remetidas apenas aos seus próprios conflitos individuais do *ser*, na perspectiva de Dixon, as personagens de Machado teriam de ser inseridas numa circunstância do *estar* na contingência do contato com o outro.

Retomando o texto de A. C. Almeida, entre os caracteres citados, respectivamente, nos deparamos com Estácio, D. Úrsula, Eugênia, Mendonça e Melquior. À parte, e de forma mais detalhada, são citados Salvador e Vicente, o escravo fiel a Helena. Nas considerações articuladas pelo autor situado em 1876, tais personagens são destacados por questões referentes à fisionomia e palavras memoráveis. Bem, se cremos em

²⁵¹ Ver: COHN, Dorrit. *The Distinction of Fiction*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

²⁵² GINZBURG, Carlo. (2007). *Op.cit.*, p.11.

²⁵³ DIXON, Paul. “Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis.” *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n.6/7. Programa de Pós Graduação da Área de Literatura Brasileira-USP. São Paulo: Editora 34; Imprensa Oficial, 2006, pp.185-206.

²⁵⁴ Na primeira edição de *Ressureição* publicada em 1872, Machado também advertia seus leitores: “Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro.” Ver: “Advertência da Primeira Edição” [Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.].

coincidências, diremos que ambos foram pinçados como meros exemplos de caracterização. Porém, se na escolha de Almeida subentendermos uma segregação entre os personagens, talvez outras percepções possam ser sugeridas.

De um lado, estavam os detentores do poder, e do outro lado, os representantes da pobreza e da escravidão. Na escrita de Almeida ficava implícita uma separação entre núcleos que, ao longo do romance, sempre estiveram segregados em campos opostos por questões sociais. Todavia, e utilizando-nos das proposições de Paul Dixon, jamais poderíamos compreender a situação de Salvador e Vicente sem relacioná-los aos distintos habitantes do Andaraí. Sentindo-se impotente diante do Conselheiro, Salvador abdica da própria filha. No caso, classe e renúncia eram faces de uma mesma moeda. E, numa sociedade em que o centro da política de domínio era baseado na produção de dependentes, Vicente representava a situação máxima de dependência: a escravidão.²⁵⁵ Ou seja, através da demarcação dessas oposições, uma morfologia da sociedade oitocentista podia ser vislumbrada.

No entanto, após cravar o folhetim na imprensa da época, arriscamos dizer que a morfologia social esboçada por Machado também deve ser matizada pelas contendas envolvendo os papéis reservados aos gêneros em tal contexto. Em constante interação e diferenciação em relação a Estácio, Helena encontrava brechas para transgredir as delimitações impostas à sua situação de mulher dependente. Porém, quando imprescindível recuar, a personagem era capaz de resguardar-se através de uma aparente vitimização. Conforme demonstramos, todo o jogo cênico proposto por Machado era devidamente marcado por questões envolvendo a afirmação de uma autonomia possível; dependência e vulnerabilidade; moral e honra em torno do papel designado à mulher naquela sociedade. Enfim, não seria demasiado repetir: a nosso ver, a política feminil exercida por Helena tem de ser compreendida a partir de um lugar social onde classe e gênero estariam indissociáveis.

Contudo, é importante salientar que todas as diferenciações enfatizadas pelo autor exigiam a atuação crítica do leitor que o acompanhava. Em outras palavras, tais paradigmas somente se completariam através de uma dinâmica que envolveria o retorno do público. Por

²⁵⁵ CHALHOUB, Sidney. (2003). *Op.cit.*, p.28.

isso, tais interlocutores seriam constantemente convidados a atuar como coprodutores de significados ao romance-folhetim.

3. Sobre experiências de leitura: Em Helena toda a mulher de caráter digno e elevado pode reconhecer-se.

Ao fim de tudo, propomos uma reflexão sobre o tema da leitura que, de forma direta, nos mobilizou desde as primeiras linhas deste trabalho. Partindo da premissa de que o folhetim teria sido concebido conforme a poética cultural de seu tempo e em sintonia com as diretrizes de seu suporte de publicação²⁵⁶, sempre estivemos em busca de uma leitura historicizada da ficção de Machado de Assis. Ou seja, todos os significados atribuídos ao folhetim foram referenciados em seu devir histórico. E, pensando o discurso literário como um espaço onde se entrecruzam as experiências sociais do autor e de seu público-leitor, acreditamos que, por intermédio da imprensa, pudemos nos aproximar de uma interpretação de *Helena* que nos pareceu viável: uma leitura atenta à questão feminina.

Nas páginas do *Globo* acompanhamos as múltiplas facetas de um discurso jornalístico conflituosamente progressista. Nesse sentido, se nos parques editoriais assinados em nome da folha nos deparávamos com insistentes assertivas liberais, através da leitura detida daquelas inúmeras colunas, pudemos revelar as incongruências inevitáveis a um periódico inserido num turbilhão de transformações associadas ao seu próprio tempo. Retomemos algumas questões: A instrução das meninas era necessária, porém cercada de receios. O trabalho feminino era admitido como uma demanda imposta pelos novos tempos, no entanto, seguia enfrentando preconceitos. Quanto às feministas estrangeiras, não era recomendável importar as ideias que as mobilizavam, contudo, era impossível ignorá-las. Nas malhas de seu discurso moderno, paradoxalmente, o jornal admitia que elas - as mulheres reais - seriam capazes de escapar às delimitações impostas pelo pensamento dominante.

Entre as mulheres fictícias, pudemos acompanhar questões aproximáveis. Para além das considerações em torno de *Helena*, no cotejamento dos contos de Machado de Assis com os contos anonimamente publicados no *Globo*, nos deparamos com perfis

²⁵⁶ TEIXEIRA, Ivan. (2010). *Op.cit.*, p.38.

transgressores e vítimas fingidoras. Pares de Helena? Acreditamos que sim. Longe de ser uma exceção, a protagonista machadiana dialogava com as demais personagens femininas presentes ao imaginário da época.

Através dessas ressonâncias entre imprensa e literatura, ao longo de nosso trabalho, pudemos compreender os aspectos que rondavam a experiência de leitura do público que acompanhava o folhetim em 1876. Acreditamos que os debates sobre a situação da mulher veiculados no *Globo* poderiam nortear as percepções daqueles que também acompanhavam a narrativa de Machado de Assis no rodapé do mesmo jornal. Evidentemente, ao tratar de práticas de leitura, estamos transitando por um campo cheio de imprecisões, onde a individualidade impera. Porém, pensando nas inter-relações discursivas entre o periódico e a literatura em voga, cogitamos a possibilidade do estabelecimento de uma relação de empatia entre as leitoras do jornal/folhetim e a protagonista da trama. E cremos que não somente as mulheres de “caráter digno e elevado” poderiam se reconhecer em Helena, mas as “vulgarmente interessantes” também, uma vez que a personagem teria sido concebida em diálogo com as mulheres comuns, observáveis na realidade de seu próprio tempo.

Sexta-feira 25 de Agosto de 1876

Rio de Janeiro

Anno 3.º - N. 238

CONDICÕES DA ASSINATURA

Table with subscription rates: Por ano... 30000, Por seis meses... 18000, Por tres meses... 8000.

CONDICÕES DA ASSINATURA

Table with subscription rates: Por ano... 30000, Por seis meses... 18000, Por tres meses... 8000.

Orgão dos interesses do Commercio, da Lavoura e da Industria.

COMPLETA NEUTRALIDADE NA LUTA DOS PARTIDOS POLITICOS

O GLOBO e propriedade de uma associação

TELEGRAMMAS

NOTÍCIA HAVAS-REITER

Paris, 24 de Agosto

Por duas razões, principalmente, os telegrammas são de grande utilidade para a imprensa...

Notícia, 24 de Agosto

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Notícia, 24 de Agosto

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Operações da Bolsa

Demanda e oferta de Bolsa vendida

Table of market operations: Demanda e oferta de Bolsa vendida, including various securities and their prices.

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

Mala da Europa

Os católicos de Buenos Aires

Os católicos de Buenos Aires estão em uma situação difícil devido às mudanças políticas e religiosas...

FOLHETIM DO GLOBO

HELENA

MACIAGEM DE ANOS

CAPITULO XVI

Continuação

Ve aqui o homem perguntou Helena. Por que te casar com marido? Helena respondeu: Não sei. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada.

FOLHETIM DO GLOBO

HELENA

MACIAGEM DE ANOS

CAPITULO XVI

Continuação

Ve aqui o homem perguntou Helena. Por que te casar com marido? Helena respondeu: Não sei. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada.

FOLHETIM DO GLOBO

HELENA

MACIAGEM DE ANOS

CAPITULO XVI

Continuação

Ve aqui o homem perguntou Helena. Por que te casar com marido? Helena respondeu: Não sei. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada.

FOLHETIM DO GLOBO

HELENA

MACIAGEM DE ANOS

CAPITULO XVI

Continuação

Ve aqui o homem perguntou Helena. Por que te casar com marido? Helena respondeu: Não sei. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada. Não sei nada de nada.

LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

AULAS PARA O SEXO FEMININO

CHERCHEZ LA FEMME

Quem inventou esta phrase, como uma advertencia propria a devassar a origem de todos os crimes, era talvez um ruim magistrado, mas, com certeza, excellente philosopho. Como arma policial, a phrase não tem valor, ou pouco e restricto; mas aprofundai-a, e vereis tudo que ella abrange; vereis a vida inteira do homem.

Antes da sociedade, antes da familia, antes das artes e do conforto, antes das bellas rendas e sedas que constituem o sonho da leitora assidua d'este jornal, antes das valsas de Strauss, dos *Huquenotes*, de Petropolis, dos landaus e das luvras de pellica; antes, muito antes do primeiro esboço da civilisação, toda a civilisação estava em germen na mulher. N'esse tempo ainda não havia pai, mas já havia mãe. O pai era o vario adventicio, erradio e fero que se ia, sem curar da prole que deixava. A mãe ficava; guardava consigo o fructo do seu amor casual e momentaneo, filho de suas dores e cuidados; mantinha-lhe a vida. Não desvie a leitora os seus bellos olhos desse infante barbaro, rude e primitivo; é talvez o millionesimo avô d'aquelle que lhe fabricou agora o seu veu de Malines ou Bruxellas; ou — provavel conjectura! — é talvez o millionesimo avô de Meyerbeer, — a não ser que o seja do Sr. Gladstone ou da propria leitora.

Se quereis procurar a mulher, é preciso ir até lá, até esse tempo, *d'opini luce multo*, antes dos primeiros alhores. Depois, regressai. Vinde, rio abaixo dos seculos, e onde quer que parais, a mulher vos apparecerá, com o seu grande influxo, algumas vezes malleico, mas sempre irrecusavel; achai-a-eis na origem do homem e no fim d'elle; e se devemos aceitar a original theoria de um philosopho, ella é quem transmitta a porção intellectual do homem.

Assim, amavel leitora, quando alguém vier dizer-vos que a educação da mulher é uma grande necessidade social, não acrediteis que é a voz da adulação, mas da verdade. O assumpto é de certo

prestadio á declamação; mas a ideia é justa. Não vos quereamos para reformadoras sociaes, evangelisadoras de theorias abstruzas, que mal entendeis, que em todo caso desdizem do vosso papel; mas entre isso e a ignorancia e a frivolidade, ha um abysmo: enclhamos esse abysmo.

A companheira do homem precisa entender o homem. A graça da sociedade deve contribuir para ella mais do que com o influxo de suas qualidades tradicionais. Emfim, é preciso que a mulher se desentive de uma dependencia, que lhe é mortal, que não lhe deixa muita vez outra alternativa entre a miseria e a devassidão.

Vindo á nossa sociedade brasileira, urge dar á mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, — uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiaes e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiencia. Esta tem jus a que lhe deem os meios necessarios para a luta da vida social; e tal é a obra que ora emprehe uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na bocca de todos, e aliaz vai indicada n'outra parte desta publicação.

A occasião é excellente para nos apanhados de estylo, uma exposição grave o longa do papel da mulher no futuro, para uma dissertação acerca do valor da mulher, como filha, esposa, mãe, irmã, enfermeira e mestra, tudo lharbeado dos nomes de Ruth e Cornelia, Recamier e a marquezade de Alorna. Não faltaria dizer que a mulher é a estrella que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras da *Educação* merecem o culto de todos os espiritos elegantes. Mas estas cousas subentendem-se, e não se dizem por ociosas. Basto-nos isto: educar a mulher é educar o proprio homem, a mãe completará o filho.

MACHADO DE ASSIS.

São em tanta maneira manifestas, elevadissimas e sobre-excellentes as vantagens resultantes da instrução da mulher, a mais bella porção do genero humano, a terra flor graciosas que, como o céu contém a luz, o calor e a harmonia, encerra dentro em si os germens de tres existencias tão diversas na origem do amor e tão altamente sublimes na manifestação e nos fins, — FILHA, ESPOSA E MÃE, — que já hoje nenhum philantropo se recusará a fixal-a e cimental-a, nenhum espirito verdadeiramente digno deste grandioso seculo que vio desapparecer as terras e os mares diante da locomotiva e do barco a vapor, e o pensamento do homem reproduzido, n'um minuto sublime, por toda a vastissima extensão do universo; nenhum espirito verdadeiramente digno deste seculo deixará de applaudil-a, acorpoal-a, disseminal-a, como a natureza dissemina a Vida.

Pois que o seculo caminha para a Verdade, ergamos nós a Mulher para que ella possa ver de que ponto do horizonte irrompe essa luz divina, cujo reflexo ha de allumiar a Familia, acrescentar a Patria e engrandecer a Humanidade. Sejamos da nossa esdade e honremos a especie humana: melhoremos, eduquemos, façamos toda maior e mais bello o FEMININO ETERNO; e que a instrução irradiada n'uma esplendida e eterna aurora boreal nesse pólo mysterioso da vida humana.

Está na sciencia de toda a gente a grandeza e benemerencia da obra encetada ha annos pelo illustre commendador Francisco Joaquim Bithencourt da Silva com a fundação do Lyceu de Artes e Officios, que presentemente é um dos mais notaveis estabelecimentos de instrução de toda a America, não só pelos innumeraveis beneficios que delle colhem as classes populares, como tambem por

que representa a ferrea perseverança admiravel, o pujante labor, obscuro e despremiado, de um panhado de homens de boa vontade e magnanimos corações, que em paga de sua perenne dedicação não querem mais que os jubilos da propria consciencia.

Mas não está acabado o monumento; falta o fecho da abobada — as aulas para o sexo feminino, que serão inauguradas proximoamente.

Corre ás senhoras brasileiras o dever natural de completar a obra e auxiliar em seus desiguos, cada uma na proporção das suas posses, os representantes da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

A *Estação*, o unico jornal exclusivamente dedicado ás senhoras que se publica no paiz, considera-se pois na gostosa obrigação de appellar para a generosidade das suas assignantes e leitoras em todo o Imperio, pedindo-lhes, em nome do seu proprio sexo, em nome da elevação moral da familia, um donativo. — as migalhas da vossa fortuna, abastadas; uma parte do vosso mealheiro, remediadas; e vos, pobres, não vos escuseis com a vossa pobreza; imitae o exemplo da mulher da parábola, que tambem era pobre e não deixou de dar. Quinzenalmente publicaremos em possas columnas, n'um quadro de honra, os nomes das Exmas. Senhoras que corresponderem ao nosso appello e as quantias que se dignarem enviar-nos, para que deste modo se conheça a grandeza do coração feminino e a vasta abnegação das brasileiras.

Recebemos toda e qualquer quantia, em dinheiro, em vales postaes ou carta registrada; e nos dias 1 e 15 de cada mez entregaremos ao Sr Director do Lyceu de Artes e Officios a importancia que houvermos recebido durante a quinzena.

A empresa da *Estação* concorre com a quantia de Réis 20\$000.

3

Não se tem muita novidade que o proprio partido... A respeito da... A respeito da...

Entre os... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

A... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

... A respeito da... A respeito da... A respeito da...

Table with multiple columns and rows, likely a financial or statistical report. Includes a 'SUMMA' row at the bottom.

Anexo VIII: Contrato celebrado entre Joaquim Maria Machado de Assis e o editor B. L. Garnier, para publicação da 1ª edição da obra Helena do Vale. [Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/literatura/mss_I_07_09_004.pdf].

I-7.9, 4

Entre os abaixo assignados Joaquim Maria Machado de Assis, autor, e B. L. Garnier, Editor, foi convencionado e contratado o seguinte:

1º

Joaquim Maria Machado de Assis vende a B. L. Garnier a primeira edição, que vai mandar imprimir na typographia do "Globo", depois de ter sabido em fôlhetim, de seu romance intitulado "Helena do Valle", composta de mil e quinhentos exemplares (1.500 exemplares), e qual formará um volume do formato de Das "Historias da minha noite", e igual pouco mais ou menos em tudo a este ultimo volume, pela quantia de Trezentos mil reis (R\$ 600.000) pagavos no acto da entrega da dita edição.

2º

Joaquim Maria Machado de Assis não poderá reimprimir, sob qualquer forma que seja, o romance "Helena do Valle", antes desta primeira edição estar esgotada, salvo se comprar primeiro ao editor todos os exemplares que ficaram em ser, ao preço de venda para o publico.

3º

Com fé de que passaram os factos dos contractos de igual teor por cujo cumprimento se obriga por si e seus bens, bem assim por seus herdeiros e successores, e que tocaram entre si depois de assignados.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1875
Jm. Machado de Assis.



Recbi a quantia de trezentos mil reis, importancia deste contracto.

Rio de Janeiro, 25 de agosto 1875
Jm. M. Machado de Assis.



REFERÊNCIAS:

Obras literárias:

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

ASSIS, Machado de. *Helena*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas: GLEDSON, John, (3ª edição). Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ASSIS, Machado de. *Contos/uma antologia*. GLEDSON, John (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.

BELOT, Adolphe. *A mulher de fogo*. Lisboa: Typografia Luzitana Editora/Antiga Casa Bertrand, 1907.

PRÉVOST. *Manon Lescaut*. (Tradução: Casimiro L. M. Fernandes). Rio de Janeiro: Ediouro, [sem ano].

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ZOLA, Émile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. (Tradução: Plínio Augusto Coelho). São Paulo: Editora Imaginário/Edusp, 1995.

Dicionários, Compêndios e Enciclopédias:

BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. (volume 7). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

BOCAIÚVA, Quintino. *Idéias políticas de Quintino Bocaiúva: cronologias, notas bibliográficas e textos selecionados*. (Coletânea organizada por Eduardo Silva). Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. (Série Ação e Pensamento da República).

MARICÁ, Marquez de. *Máximas, pensamentos e reflexões*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [sem ano].

Periódicos consultados:

A Estação (Rio de Janeiro, 1881).

A Reforma (Rio de Janeiro, 1876).

Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro, 1875 e 1888).

Ilustração Brasileira (Rio de Janeiro, 1876).

Imprensa Industrial (Rio de Janeiro, 1876).

Jornal das Famílias (Rio de Janeiro, 1864-1874).

Le Fígaro (Paris, 1876).

O Globo (Rio de Janeiro, 1874-1876).

O Mosquito (Rio de Janeiro, 1876).

O Sexo feminino (Rio de Janeiro, 1876).

Sites consultados:

<http://www.assemblee-nationale.fr/evenements/code-civil-1804-1.asp>

<http://www.bn.br>

<http://www.brasiliana.usp.br>

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>

<http://gallica.bnf.fr>

<http://www.hemerotecadigital.bn.br>

<http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br>

http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/numeros.htm

Bibliografia geral:

ABREU, Zina. “Lutas das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.” *Revista Arquipélago - História*, 2ª série, (volume VI), ano: 2002, p.443 - 469. Portugal: Universidade dos Açores.

ALMEIDA, Jane Soares de. “O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola.” *Educar*, nº 20, p. 185-207, 2002. Curitiba-PR: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1958].

AUERBACH, Eric. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AUGUSTI, Valéria. “Do gosto inculto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.” In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2008, pp.393-414.

BESSONE, Tania. “As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura.” *Gênero*. Niterói, v. 5, n. 2, p. 81-93, 1. sem. 2005.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BRAYNER, Sônia. “Helena ou na Transversal do Tempo.” *Travessia*. Florianópolis-SC: UFSC, 1989.

CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels*. Berkeley: University of California Press, 1970.

CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o orbe literário e a construção do Império Brasileiro*. (Tese de Doutorado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2001.

CANO, Jefferson. “Machado, além do romantismo.” *Jornal da Unicamp*. Campinas-SP, 25 a 31 de agosto de 2008 – ANOXXXII – nº406.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. (Tradução: Cristiane Nascimento). São Paulo: Estação Liberdade, (2ª edição), 2001.

COHN, Dorrit. *The Distinction of Fiction*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. (8ª edição). São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin/EDUSP, 2009.

DARTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DIXON, Paul. “Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis.” *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n.6/7. Programa de Pós Graduação da Área de Literatura Brasileira-USP. São Paulo: Editora 34; Imprensa Oficial, 2006.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, Marcelo J. “Machado de Assis quase macabro.” *Poiésis - Literatura, Pensamento & Arte* - nº 85 - abril de 2003.

FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção). *História das Mulheres no Ocidente: o Século XIX*. Volume 4. (Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves). Porto: Afrontamento, [1991].

FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

GARZONI, Leric de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. (Tese de Doutorado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2012.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. (Tradução: Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. (Tradução: Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLEDSON, John. “1872: A parasita azul. Ficção, Nacionalismo e paródia”. *Cadernos de literatura Brasileira: Machado de Assis*: São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. (2ª edição). São Paulo: Nankin: Edusp: 2012

GUIMARÃES, Valéria. “Jornais franceses no Brasil”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho/2011, pp.1-15.

HAHNER, June E. *A Mulher no Brasil*. (Tradução: Eduardo F. Alves). RJ: Civilização Brasileira, 1978.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. (Tradução: Eliane Lisboa). Florianópolis-SC: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HAHNER, June E. “Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX.” *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, 19 (2): 467-474, maio-agosto/2011.

ISENBERG, Nancy. *Sex and citizenship in Antebellum America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LISBOA, Maria Manuel. *Machado de Assis and feminism: re-reading the heart of companion*. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press, Ltd, 1996.

MACHADO, Ubiratan (org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, (2ª edição), 2010.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume II: Ascensão. (2ª edição). Rio de Janeiro: Record, 2008.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de Romances em anúncios de jornais*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2010.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. (Tradução: Marco Aurélio de Moura Matos). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo: HUCITEC, 1990.

MEGID, Daniele M. *Mulheres de jornal: personagens femininas em romances-folhetins de Machado de Assis*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - IFCH/UNICAMP. Campinas: 2009.

MEYER, Marlyse. “De estação em estação com Machadinho”. In: CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. (2ª edição). São Paulo: Edusp, 2001.

MOREIRA, Tânia. “Lágrimas ou suspiros: a heroína romântica entre o domínio masculino e a emancipação feminina. Uma leitura comparada de *Carlota Ângela* (1858) de Camilo Castelo Branco e *Helena* (1876) de Machado de Assis.” *Revista Machado de Assis em linha*, ano 2, nº 3/junho/2009.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *O primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX: estética e história*. São Paulo: EDUNESP, 2008.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias, e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. (Tradução: Lólio L. de Oliveira). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NEWMAN, Louise Michelle. *White women's rights: the racial origins of feminism in the United States*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

PAIVA, Clotilde A.; RODARTE, Mario M. S.; GODOY, Marcelo M. *Publicação Crítica do Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872*. (Relatório de pesquisa). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): 2013.

PEREIRA, Cilene Margarete. *Jogos e cenas do casamento: estudos das personagens e do narrador machadianos em Contos fluminenses e Histórias da meia noite*. Curitiba-PR: Appris: Prismas, 2012.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. (2ª edição). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (Estudo crítico e Biográfico)*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. (Tradução: Viviane Ribeiro). Bauru-SP: EDUSC, 2005 [1998].

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade – O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2007.

PRIORE, Mary Del (org) & BASSANEZI, Carla (coordenação de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas "Balas de Estalo" de Machado de Assis*. (Tese de Doutorado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2010.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROSIN, Francis. *Les divorciaires: affrontments politiques et conceptions du mariage dans la France du XIXe. Siècle*. Paris: Éditions Aubier, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, (2ª edição), 1976.

SALVAIA, Priscila. *O olhar retrospectivo de Machado de Assis em Esaú e Jacó: vivências e considerações acerca da monarquia e do republicanismo no Brasil*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - IFCH/UNICAMP. Campinas: 2011.

SANTOS, Lucinéia Alves dos. *Motta Coqueiro, a fera de Macabu: literatura e imprensa na obra de José do Patrocínio*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2011.

SANTOS, Rogério Fernandes dos. *O reflexo de Helena: Modelos literários e nacionalidade em Helena (1876) de Machado de Assis*. (Dissertação de Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, (5ª edição), 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34,(4ª edição), 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCOTT, Joan W. and TILLY, Louise A. *Women, work, and family*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1989 [1978].

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica." *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2), jul/ dez, 1990 [1986].

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. (Dissertação de Mestrado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2005.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2010.

SIMMEL, George. *Filosofia do amor*. (Tradução: Luís Eduardo de Lima Brandão). São Paulo: Martin Fontes, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2007.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: dinâmica do poder em O Alienista*. São Paulo: Ateliê / Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au Quotidien: poétiques journalistiques au XIX siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. (Tradução: Maria Clara Correa Castelo). São Paulo: Perspectiva, 1992.

VARIKAS, Eleni. “O pessoal é político: desventuras de uma promessa subversiva.” *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1996, pp. 59-80.

VARIKAS, Eleni et RIOT-SARCEY, Michèle. “Réflexions sur la notion d’exceptionnalité”. *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n. 37-38, 1998, pp. 77-89.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. (Tradução: Hildegard Feist). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.